

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS – CARVI
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL**

ISAC FITTARELLI TRIVILIN

**GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA:
IMPLICAÇÕES NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS**

BENTO GONÇALVES

2023

ISAC FITTARELLI TRIVILIN

**GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA:
IMPLICAÇÕES NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientadora: Me. Simone Fonseca de Andrade Klein

BENTO GONÇALVES

2023

ISAC FITTARELLI TRIVILIN

**A GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA:
IMPLICAÇÕES NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientadora: Me. Simone Fonseca de Andrade Klein

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientador Prof.

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.

Universidade de Caxias do Sul

Prof.

Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família, cujo apoio foi fundamental durante a minha jornada acadêmica. Em especial aos meus pais, Ademir Trivilin e Mariluz Fittarelli, sem vocês nada disso seria possível.

Um agradecimento especial à minha estimada orientadora, Simone Andrade Fonseca, sua paciência e conhecimento foram importantíssimos para a realização deste trabalho. Agradeço também pela dedicação incansável e pelas valiosas sugestões que foram dadas para a realização desta pesquisa. Também sou grato a todos os professores e membros da Universidade em que cruzei durante esse período, pude aprender muito com vocês.

Gostaria de agradecer a minha namorada e aos meus amigos pelo apoio e incentivo durante este ano, vocês foram fundamentais para a realização deste estudo. Agradeço também a cada um dos meus colegas por compartilharem comigo este percurso, tornando cada etapa mais leve e memorável.

RESUMO

A guerra comercial entre os Estados Unidos e a China tem afetado o comércio internacional de todas as economias globalizadas, em particular, a pauta exportadora brasileira, que tem como seus principais destinos, respectivamente, os Estados Unidos e a China. De toda forma, as consequências diretas dessa disputa para as exportações do Brasil ainda estão por ser plenamente compreendidas. Neste estudo, por meio de uma coleta e análise de dados secundários em tabelas e gráficos comparativos, são identificadas as principais mudanças na pauta exportadora brasileira após o início da disputa comercial. Utilizando-se deste método, verifica-se que a China se consolidou ainda mais como o principal parceiro comercial do Brasil, com um foco elevado na importação de *commodities* e produtos com alta intensidade tecnológica. Em contraste com os movimentos decorridos antes da guerra comercial, é possível observar uma redução nas exportações de produtos manufaturados com alta intensidade tecnológica para os Estados Unidos, em um movimento similar para a China, cujas principais importações são de produtos de manufatura com baixa intensidade tecnológica. Os resultados deste trabalho também têm implicações no entendimento geral da guerra comercial, bem como a relação comercial dos Estados Unidos e da China.

Palavras-chave: Guerra comercial; Exportação; Brasil; China; Estados Unidos.

ABSTRACT

The trade war between the United States and China has affected the international trade of all globalized economies, exclusively in Brazil's export agenda, whose main destinations are, respectively, the United States and China. However, the direct consequences of this dispute for Brazil's exports are yet to be fully understood. In this study, through the collection and transformation of secondary data into comparative tables and graphs, the main changes in Brazil's export agenda after the onset of the trade dispute are analyzed. Using this method, it is observed that China has further solidified its position as Brazil's primary trading partner, with a strong focus on importing commodities and high-tech products. In contrast to the trends before the trade war, a reduction in exports of high-tech manufactured products to the United States can be observed, like China, whose primary imports consist of low-tech manufactured goods. The findings of this study also hold implications for the overall understanding of the trade war, as well as the commercial relationship between the United States and China.

Keywords: Trade war; Export; Brazil; China; United States.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Valor exportado pela China entre 1990 e 2000 em bilhões de US\$, variação (%) em relação ao ano anterior	19
Figura 2 - Crescimento (%) no valor exportado em relação ao ano anterior	21
Figura 3 - Balança Comercial dos Estados Unidos com a China	23
Figura 4 - Exportações dos Estados Unidos para a China em bilhões de US\$.....	28
Figura 5 - Quantidade de embarcações brasileiras e peso da carga, de 1839 a 1871	31
Figura 6 - Exportações brasileiras em milhões de US\$, de 1960 a 2000.....	32
Figura 7 - Valor das exportações do Brasil de 2000-2010 em US\$.....	33
Figura 8 - 05 principais produtos exportados pelo Brasil entre 2000-2010	34
Figura 9 - Ranking de destinos das exportações brasileiras entre 2000 e 2010	35
Figura 10 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2000 a 2010	36
Figura 11 - Participação da China nas exportações dos principais produtos brasileiros em 2020 (em US\$ bilhões).....	38
Figura 12 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2010 a 2018	39
Figura 13 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos e Argentina entre 2010 e 2018 em bilhões de US\$	39
Figura 14 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2018 a 2023	40
Figura 15 - 05 principais importadores do Brasil entre 2018 e 2023 em bilhões de US\$	41
Figura 16 - Crescimento (%) das exportações dos Estados Unidos no período de 2018 a agosto de 2023: Canadá, China, Japão, México.....	52
Figura 17 - Importações dos Estados Unidos entre 2000 e 2023 em bilhões de US\$	55
Figura 18 - Balança Comercial dos Estados Unidos com a China de 2000 a agosto de 2023	56
Figura 19 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos e outros países em bilhões de US\$, de 2000 a 2018	66

Figura 20 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos, Argentina e outros países em bilhões de US\$, de 2000 a 2022	67
Figura 21 - Principais itens exportados pelo Brasil para a China entre 2011 e 2018, em % relativa.....	71
Figura 22 - Exportações brasileiras de produtos manufaturados para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, (%) relativa sobre o valor total entre 2000 e 2022.....	78
Figura 23 - Exportações brasileiras de produtos manufaturados para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, (%) relativa sobre o valor total entre 2000 e 2022	78
Figura 24 - Valor do quilograma líquido exportado para os Estados Unidos e a China em US\$, de 2000 a 2022	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Saldo da Balança Comercial dos Estados Unidos com a China de 1970 a 1990 em US\$ (milhões).....	18
Tabela 2 - Valor Exportado em bilhões de US\$, China, Japão, Sul Asiático e Mundo	21
Tabela 3 - Importações dos Estados Unidos de produtos com tecnologias avançadas da China (em milhões de US\$)	25
Tabela 4 - 10 principais produtos exportados pelo Brasil em US\$ (bilhões) em 2000 e 2020	36
Tabela 5 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2000-2010 entre seus principais importadores.....	49
Tabela 6 - Exportações dos Estados Unidos em bilhões de US\$: variação (%) em relação ao ano anterior	50
Tabela 7 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2010-2018 entre seus principais importadores.....	50
Tabela 8 - Exportações dos Estados Unidos em bilhões de US\$: variação (%) em relação ao ano anterior	51
Tabela 9 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2018-2023 entre seus principais importadores.....	51
Tabela 10 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2000 e 2010	52
Tabela 11 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2010 e 2018	53
Tabela 12 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2018 e 2023	54
Tabela 13 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2000 e 2010, participação total (%)	57
Tabela 14 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2010 e 2018, participação total (%)	57
Tabela 15 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2018 e agosto de 2023, participação total (%)	58

Tabela 16 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2000 e 2010, participação total (%)	59
Tabela 17 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2010 e 2018, participação total (%)	60
Tabela 18 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2018 e agosto de 2023, participação total (%)	61
Tabela 19 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2000 a 2010)	63
Tabela 20 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2010 a 2018)	64
Tabela 21 - Exportações brasileiras para a China: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2000 a 2010)	64
Tabela 22 - Exportações brasileiras para a China: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2010 a 2018)	65
Tabela 23 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos: Participação relativa (%) (2000-2010)	68
Tabela 24 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos: Participação relativa (%) (2010-2018)	69
Tabela 25 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2000-2010)	70
Tabela 26 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2010-2018)	70
Tabela 27 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos: Participação relativa (%) (2018-2012)	72
Tabela 28 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2018-2012)	72
Tabela 29 - Exportações brasileiras (manufatura) para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2000-2018	74
Tabela 30 - Exportações brasileiras (manufatura) para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2000-2018	75

Tabela 31 - Exportações brasileiras (manufatura) para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2018-2023	77
Tabela 32 - Exportações brasileiras (manufatura) para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2018-2023.....	77
Tabela 33 - Principais produtos exportados pelo Brasil em 2018 e suas evoluções em 2022, classificados de acordo com a NCM (em bilhões de US\$).....	80
Tabela 34 - Principais produtos exportados pelo Brasil em 2022 e sua comparações a 2018, classificados de acordo com a NCM (em bilhões de US\$).....	81
Tabela 35 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos em 2018, em bilhões de US\$	81
Tabela 36 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos em 2022, em bilhões de US\$	82
Tabela 37 - Exportações brasileiras para a China em 2018, em bilhões de US\$	82
Tabela 38 - Exportações brasileiras para a China em 2022, em bilhões de US\$	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	14
1.2	OBJETIVO GERAL.....	15
1.3	OBJETIVO ESPECÍFICO	15
1.4	JUSTIFICATIVA	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	A RELAÇÃO COMERCIAL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA: HISTÓRICO, EVENTOS E IMPLICAÇÕES.....	17
2.2	A ENTRADA DA CHINA NA OMC.....	20
2.3	A DISPUTA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA.....	24
2.4	EXPORTAÇÃO, CONCEITO E IMPORTÂNCIA.....	29
2.5	PANORAMA HISTÓRICO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS	30
2.6	SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL.....	42
3	DELINEAMENTO DE PESQUISA	44
3.1	NATUREZA	44
3.2	NÍVEIS.....	44
3.3	ESTRATÉGIAS	45
3.4	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	46
3.5	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	47
3.6	SÍNTESE DO EMBASAMENTO METODOLÓGICO	47
4	ANÁLISE DE DADOS.....	49
4.1	PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DOS ESTADOS UNIDOS	49
4.1.1	Histórico dos principais produtos exportados pelos Estados Unidos, com foco nas relações sino-americanas	56
4.1.2	Histórico dos principais produtos importados pelos Estados Unidos, com foco nas relações sino-americanas	59
4.2	EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA PRÉ DISPUTA COMERCIAL.....	61

4.3	PRINCIPAIS SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS EM TERMOS DE EXPORTAÇÃO PRÉ DISPUTA COMERCIAL	67
4.3.1	Principais setores econômicos brasileiros em termos de exportação pós início da disputa comercial	71
4.4	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS CLASSIFICADAS DE ACORDO COM A INTENSIDADE TECNOLÓGICA PRÉ DISPUTA COMERCIAL.....	73
4.4.1	Exportações brasileiras classificadas de acordo com a intensidade tecnológico pós início da disputa comercial	76
4.5	PRINCIPAIS PRODUTOS BRASILEIROS EXPORTADOS CLASSIFICADOS DE ACORDO COM A NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	79
5	DISCUSSÃO DE RESULTADOS	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6.1	IMPLICAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	87
	REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar as implicações da disputa comercial entre os Estados Unidos e a China nas exportações brasileiras, concentrando-se nos principais produtos exportados pelo Brasil e suas características distintivas. Por meio de uma perspectiva acadêmica, este estudo busca abordar um tema oportuno no que tange ao comércio internacional brasileiro e pertinente ao momento atual.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China tem sido objeto de intensas discussões e debates, uma vez que essas duas potências têm adotado medidas retaliatórias, impondo tarifas e barreiras comerciais em uma ampla variedade de produtos, afetando significativamente as relações comerciais globais e gerando desdobramentos em grande parte das nações, incluindo o Brasil.

A relevância deste estudo reside no fato de que o comércio exterior é um setor extremamente importante para o Brasil, país este que é uma das principais economias emergentes do mundo e um importante exportador de *commodities* e produtos manufaturados. Compreender e analisar como a guerra comercial tem afetado as exportações brasileiras é essencial para a formulação de estratégias e políticas para o enfrentamento dos desafios e oportunidades desse novo cenário.

Além disso, a metodologia adotada neste estudo envolve uma análise detalhada de dados secundários e informações relevantes, tanto a nível macroeconômico quanto setorial. Será realizada uma revisão crítica da literatura existente, bem como uma análise profunda de dados estatísticos e relatórios oficiais. Dessa forma, espera-se obter uma compreensão aprofundada dos efeitos da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China nas exportações brasileiras.

Em termos de estrutura, o referencial teórico deste estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada uma revisão da literatura sobre a história da relação comercial entre Estados Unidos e China. Na sequência, o segundo capítulo aborda a importância da entrada da China na Organização Mundial do Comércio e os avanços importantes que foram dados após esse momento. O terceiro capítulo abrange o conceito de exportação e sua importância.

No 4º capítulo, é apresentado um panorama das exportações brasileiras, partindo-se de uma perspectiva histórica até a atualidade. Por fim, o capítulo de análise de dados traz uma série de informações e estatísticas relevantes para posterior discussão de resultados e considerações finais.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A guerra comercial entre Estados Unidos e China tem despertado um interesse significativo no contexto econômico internacional e tem apresentado implicações relevantes para as exportações brasileiras. Sendo assim, é fundamental entender os acontecimentos derivados dessa disputa.

Os antecedentes históricos que levaram ao surgimento da guerra comercial entre Estados Unidos e China podem ser atribuídos, dentre outros fatores, ao fortalecimento da China como potência econômica global nas últimas duas décadas e ao desequilíbrio na balança comercial entre os dois países. Ademais, a crescente disputa tecnológica entre essas nações também pode ser considerada como fundamental para a intensificação das tensões entre ambos os países.

As tarifas e restrições comerciais impostas por ambas as partes têm gerado impactos expressivos no comércio internacional global, criando oportunidades e gerando possíveis prejuízos para a grande parte dos países. Por estas razões, é necessário investigar os efeitos desse conflito nas exportações brasileiras, identificando os setores mais afetados, as mudanças nos padrões de comércio e as implicações econômicas para o Brasil.

A relevância desse estudo reside na necessidade de prever as demandas futuras e compreender os benefícios e malefícios decorrentes dessa disputa no contexto interno. Ademais, o presente trabalho contribui para o avanço da literatura brasileira, ao fornecer uma análise abrangente e atualizada sobre um tema de significativa relevância.

Considerando os dados já apresentados, a abordagem adotada consistirá em uma análise de dados secundários de comércio internacional, coletados por meio de fontes do governo e de institutos de pesquisa. Através dessas análises, examina-se os impactos da guerra comercial entre Estados Unidos e China nas exportações brasileiras, bem como nas mudanças nos padrões de comércio para com estes países.

Para isso, será apresentado um breve histórico da relação comercial entre os Estados Unidos e a China, bem como um detalhamento da guerra comercial entre ambos os países, destacando-se os principais eventos e desenvolvimentos que conduziram à intensificação das tensões comerciais. Essa contextualização histórica

é relevante para compreender as implicações dessa disputa na pauta exportadora brasileira durante a vigência da guerra comercial.

A pesquisa está embasada em uma revisão da literatura existente sobre a guerra comercial entre Estados Unidos e China, com foco em abordagens econômicas e comerciais utilizadas para analisar essa disputa. Foram consultados artigos científicos, relatórios de organizações internacionais, estatísticas oficiais e outras fontes confiáveis, a fim de subsidiar a análise e interpretação dos resultados.

Dessa forma, a questão de pesquisa que norteia este estudo é: "Quais as mudanças no panorama das exportações brasileiras na vigência da guerra comercial entre Estados Unidos e China?". Essa questão orientará a análise e os resultados obtidos ao longo da pesquisa, proporcionando uma contribuição relevante para o campo do comércio internacional e da pauta exportadora brasileira.

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar as mudanças na pauta exportadora brasileira na vigência da guerra comercial entre Estados Unidos e China.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICO

- a) Analisar a evolução das relações comerciais entre Estados Unidos e China nas últimas décadas;
- b) Identificar a evolução da pauta exportadora brasileira antes e após o início da guerra comercial;
- c) Identificar os produtos brasileiros que obtiveram as maiores oscilações comerciais no período da guerra comercial entre Estados Unidos e China;
- d) Realizar um comparativo entre as exportações brasileiras para os Estados Unidos e para a China, antes e após o início da disputa comercial.

1.4 JUSTIFICATIVA

A guerra Comercial entre Estados Unidos e China é um tema contemporâneo e relevante nos campos da economia e negócios internacionais. Segundo Li et al.

(2020), a guerra comercial começou em março de 2018, após os Estados Unidos aumentarem as tarifas sobre produtos de alumínio e aço importados da China, desencadeando em uma série de imposição de embargos em mais de 5 mil itens, além de restrições comerciais entre as duas nações, implicando em um reordenamento na economia internacional. Nesse contexto, o presente estudo busca identificar as implicações desse conflito nas exportações brasileiras, preenchendo lacunas de pesquisa e oferecendo contribuições para a academia.

A relevância de desenvolver essa pesquisa reside na necessidade de compreender os impactos econômicos e comerciais da guerra comercial no Brasil, um dos mercados emergentes mais relevantes na economia global e que tem, justamente na China e nos EUA, respectivamente seu primeiro e segundo principais parceiros comerciais. O estudo proposto visa identificar as mudanças no panorama de exportação brasileira durante a vigência da disputa entre Estados Unidos e China, por meio da coleta e análise de dados secundários e acontecimentos.

Além disso, esta pesquisa visa preencher a escassez de estudos abrangentes sobre as implicações da guerra comercial nas exportações brasileiras. Embora haja uma ampla gama de pesquisas sobre os efeitos globais dessa disputa comercial, são poucos os estudos que se concentram especificamente no Brasil e nas consequências diretas para suas exportações.

Do ponto de vista prático, o estudo trará implicações importantes para o entendimento da evolução dos setores exportadores brasileiros durante a vigência da disputa comercial. Ao identificar os produtos mais afetados pela guerra comercial e analisar os setores econômicos impactados, a pesquisa fornece informações relevantes para contribuir com a compreensão dos desafios e oportunidades decorrentes da guerra comercial no comércio internacional brasileiro.

Em síntese, este estudo se justifica pela relevância e oportunidade de compreender os impactos da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China nas exportações brasileiras, pela viabilidade de desenvolvimento baseada em dados disponíveis e pelas implicações e contribuições científicas, acadêmicas e práticas que ele pode proporcionar. Ao avançar no conhecimento sobre esse tema, espera-se contribuir para as próximas pesquisas acadêmicas que tratem sobre este assunto, bem como a pauta exportadora brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, é apresentado o referencial teórico que dá suporte ao desenvolvimento da presente pesquisa. Este capítulo está estruturado de forma a apresentar os principais aspectos da relação comercial entre os Estados Unidos e a China, discorrendo sobre os eventos históricos entre as nações e mudanças nas transações comerciais antes e após o início da disputa comercial. Além disso, será exposto quais foram as possíveis razões para o início do conflito e quais foram as implicações econômicas para ambos os países.

2.1 A RELAÇÃO COMERCIAL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA: HISTÓRICO, EVENTOS E IMPLICAÇÕES

As dificuldades enfrentadas pelos Estados Unidos e a China no período da Guerra Fria durante os anos de 1970, juntamente com o contexto de insegurança internacional, foram fatores determinantes para uma aproximação entre ambos os países. Os norte-americanos enxergavam a China como uma possível fonte provedora de recursos, mão de obra barata e posicionada em um mercado estratégico. Para os chineses, os Estados Unidos eram um caminho para mitigar os prejuízos do Partido Comunista e reparar sua imagem frente ao mundo. (CARVAO; CATERMOL, 2009).

Nesse contexto, Chun-Song (2009) destaca que um dos marcos mais relevantes para a história da relação comercial sino-americana foi a visita do então atual presidente Richard Nixon à China, no ano de 1972. Neste encontro, Nixon assinou o “Comunicado de Xangai”, que reconhecia a República Popular da China como um governo legal (WANG, 2022). Segundo as informações obtidas pelo *Shanghai Communique*, o documento marcou a normalização das relações comerciais sino-americanas, além disso, ambos os países concordaram em desenvolver relações econômicas de benefício mútuo, facilitar o processo de troca de bens e serviços e aprimorar o contato por meio de diversos canais de comunicação.

Já em 1979, foi assinado o “Acordo Comercial Bilateral entre Estados Unidos e China”, que reforçava os princípios acordados no “Comunicado de Xangai” e listava outra série de compromissos a serem seguidos, tais como:

- a) reduzir o perigo militar internacional;

- b) não negociar em nome do outro;
- c) não buscar a hegemonia internacional;
- d) estabelecer embaixadas.

Segundo Jimmy Carter (1979), ambas as nações acreditavam que a normalização da relação sino-americana iria contribuir para a paz na Ásia e no ocidente. De acordo com Alessandria et al. (2021), outro passo importante no relacionamento de ambas as potências foi a segunda garantia de “*Normal Trade Relations*” (NTR) concedida pelos Estados Unidos em 1980, a qual reduziu as tarifas de importação de produtos chineses, tendo grande contribuição para o desenvolvimento das relações comerciais entre os países, como exposto pela Tabela 1.

Tabela 1 - Saldo da Balança Comercial dos Estados Unidos com a China de 1970 a 1990, em US\$ (milhões)

ANO	EXPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES	SALDO BALANÇA COMERCIAL
1970	304	159	145
1980	3.755	1.161	2.594
1985	396	4.222	-3.826
1990	4.807	16.261	-11.454

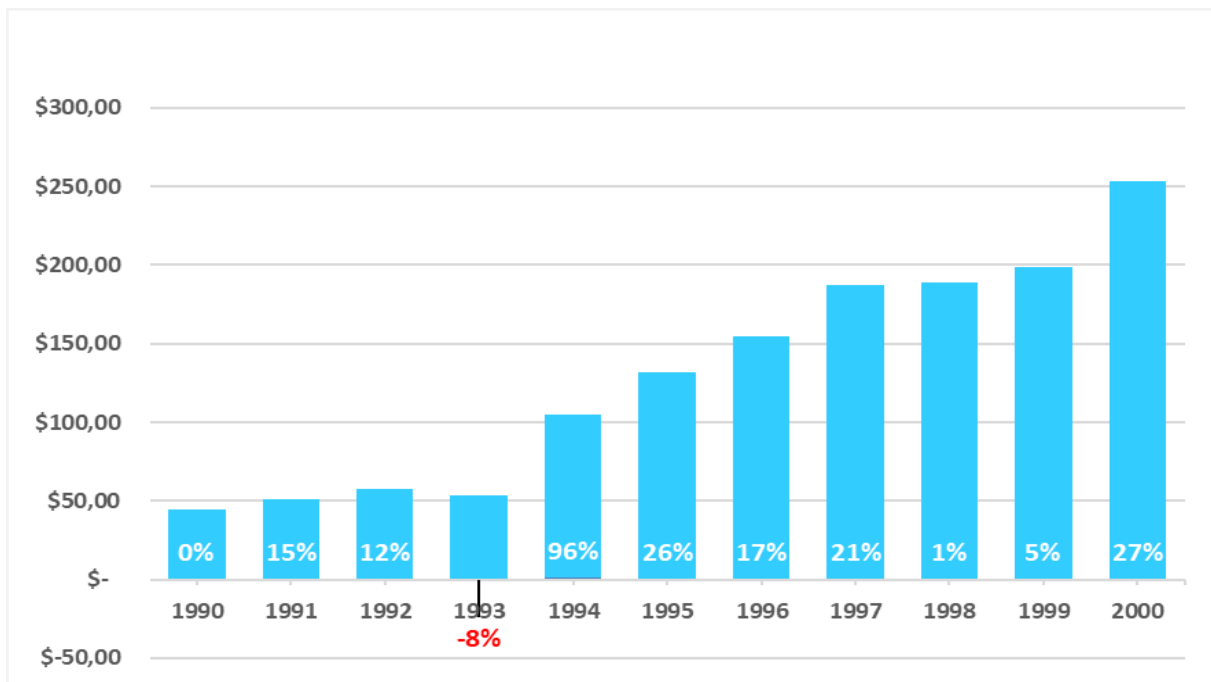
Fonte: Adaptado de Carvalho e Catermol (2009).

Observa-se pela tabela que os Estados Unidos e a China tiveram um crescimento elevado nas exportações durante o período de 1970 a 1990, porém, os chineses apresentaram um crescimento de mais de 102.270% nas exportações com destino aos Estados Unidos, enquanto estes, por sua vez, apresentaram uma evolução de 15.000% durante o mesmo período. Por conta dessa disparidade, o déficit da balança comercial americana era de US\$11 bilhões.

Para Chen (2014), desde o começo de 1980, o comércio entre esses dois países tem sido proveitoso para os setores de energia limpa, clima e investimentos. De toda forma, pode-se observar fortes desalinhamentos em áreas como a de inteligência de propriedade industrial, investimento em mercados subdesenvolvidos e na política monetária de ambas as nações. Ainda segundo Chen (2014), a união comercial entre as economias favoreceu majoritariamente a China, considerando que empresas norte-americanas perderam seus direitos de propriedade intelectual em contratos que visavam o desenvolvimento de produtos americanos no território chinês.

De acordo com Rumbaugh e Blancher (2004), as exportações chinesas cresceram exponencialmente após a abertura do comércio internacional com os Estados Unidos no começo de 1979, influenciadas principalmente pelas reduções tarifária, além de uma valorização da China dentro do continente asiático.

Figura 1 - Valor exportado pela China entre 1990 e 2000 em bilhões de US\$, variação (%) em relação ao ano anterior



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do *WORLD BANK* (2023).

Como é possível observar pela ilustração acima, as exportações chinesas cresceram aproximadamente 19% por ano durante o período de 1990 a 2000, representando um crescimento em relação ao ano base de 342%. Já os Estados Unidos, com base nos dados da Census (2023), tiveram um crescimento de 99% no mesmo período.

Em síntese, apropria-se ao pensamento de que após forte interesse de ambos os países na construção de uma parceria internacional, a China e os Estados Unidos aumentaram o seu volume de negócios. Além disso, observa-se que uma participação fundamental dos Estados Unidos para o crescimento das exportações chinesas a partir dos anos 90, principalmente devido às reduções tarifárias e a uma maior abertura comercial.

2.2 A ENTRADA DA CHINA NA OMC

Após ter se tornado cada vez mais relevante na economia internacional, a China conseguiu acesso à Organização Mundial do Comércio (OMC¹) em 2001, após 15 anos de negociações. Segundo o Ministério da Economia (2020), os países membros da OMC devem seguir uma série de obrigações propostas pela organização e que regem os princípios básicos do comércio internacional. O primeiro princípio é de “não discriminação”, em que todas as nações são obrigadas a compartilhar aos demais membros quaisquer vantagens ou privilégios concedidos a um dos integrantes. O segundo é a “previsibilidade”, a qual rege sobre as normas de importação e exportação. O terceiro princípio é o de “concorrência leal”, que discorre para que o comércio, em toda sua forma, seja justo, proibindo práticas como *dumping* e subsídios. O quarto é a “proibição de restrições quantitativas”, o qual adota a imposição de tarifas como único meio de proteção admissível. Por fim, o quinto princípio diz respeito ao “tratamento especial e diferenciado para países em desenvolvimento”, que lista uma série de medidas favoráveis para países subdesenvolvidos.

Mavroidis e Sapir (2021) observam que desde a adesão da China ao órgão, as tarifas sobre produtos chineses caíram mais de 30%, proporcionando maior integração global, oportunidades de inovação e contribuição para o desenvolvimento chinês e de países subdesenvolvidos. Além disso, para Agarwal et al. (2003), esse marco diplomático levou a China a um patamar mais competitivo em relação a outras economias asiáticas devido a uma série de fatores, tais como uma maior abertura comercial e a substituição de produtos manufaturados de outros países para os da China, em razão do baixo custo de mão de obra.

Contribuindo com a análise de Agarwal et al. (2003), pode-se inferir por meio da Tabela 2 que a China cresceu de forma mais acelerada em relação à outras economias asiáticas, principalmente no que tange ao valor exportado de cada país. No início dos anos 2000, o Japão era o país asiático com o maior valor de exportações, porém, em 2006 a China ultrapassou os japoneses nesse quesito com um valor

¹ A Organização Mundial do Comércio (OMC) é o foro multilateral responsável pela regulamentação do comércio internacional. Seus diversos órgãos se reúnem regularmente para monitorar a implementação dos acordos em vigor, bem como a execução da política comercial dos países membros, negociar o acesso de novos participantes e acompanhar as atividades relacionadas ao processo de solução de controvérsia.

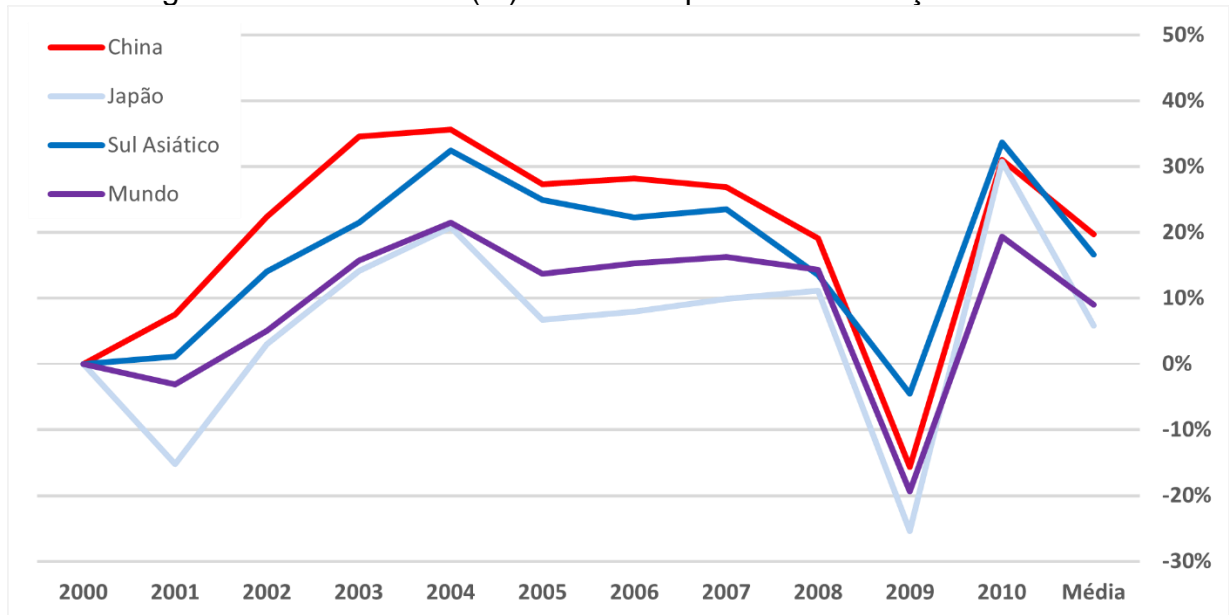
exportado de US\$773,34 bilhões. Além disso, os países do grupo Sul Asiático, que contempla o Afeganistão, Bangladesh, Índia, Irã, Maldivas, Nepal, Paquistão e Sri Lanka também tiveram um crescimento percentual relevante no número de exportações por ano durante o período de 2000 a 2010, porém, não conseguiram superar a China, que teve um crescimento percentual médio de 20%.

Tabela 2 - Valor exportado em bilhões de US\$, China, Japão, Sul Asiático e Mundo

Ano	China	Japão	Sul Asiático	Mundo
2000	\$ 253,09	\$ 519,86	\$ 86,40	\$ 7.980,54
2001	\$ 272,06	\$ 440,83	\$ 87,38	\$ 7.731,25
2002	\$ 333,00	\$ 454,07	\$ 99,62	\$ 8.117,22
2003	\$ 447,96	\$ 518,20	\$ 121,03	\$ 9.396,18
2004	\$ 607,36	\$ 625,65	\$ 160,23	\$ 11.415,72
2005	\$ 773,34	\$ 667,51	\$ 200,21	\$ 12.981,28
2006	\$ 991,73	\$ 720,50	\$ 244,78	\$ 14.962,79
2007	\$ 1.258,05	\$ 791,80	\$ 302,39	\$ 17.395,25
2008	\$ 1.497,88	\$ 880,16	\$ 343,29	\$ 19.886,42
2009	\$ 1.262,66	\$ 656,93	\$ 327,68	\$ 16.040,95
2010	\$ 1.654,82	\$ 859,17	\$ 438,12	\$ 19.149,71
Média	\$ 850,18	\$ 648,61	\$ 219,19	\$ 13.187,03

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do *WORLD BANK* (2023).

Figura 2 - Crescimento (%) no valor exportado em relação ao ano anterior



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do *WORLD BANK* (2023).

Apesar do grande crescimento econômico e relevância no comércio mundial, em março de 2007, a diplomata e representante do Comércio dos Estados Unidos,

Susan Schwab², anunciou a abertura de duas requisições na OMC para um painel de controvérsias³ contra a China. A primeira requisição tratava sobre a falta de um regime legal chinês para a proteção de *copyrights* em uma série de produtos estadunidenses, já a segunda, era relacionada a respeito de subsídios chineses a empresas exportadoras. Segundo Schwab (2007), a homologação dessas requisições era prova do fracasso do diálogo chinês com os Estados Unidos.

Para Malawer (2010), desde a adesão da China a Organização Mundial do Comércio, ambos os países tomaram ações ofensivas em trâmites econômicos uns contra o outro, sendo que em grande maioria, foram resolvidos sem grandes contribuições do órgão. Verifica-se por meio do Quadro 1, que a China homologou 16 processos contra os Estados Unidos, sendo esses em sua grande parte, sobre *antidumping* e medidas compensatórias, além de outros protestos contra a imposição de tarifas sobre uma série de produtos chineses, principalmente após o início da disputa comercial.

Quadro 1 - Queixas formais da China contra os Estados Unidos na OMC

Número Queixa	Data	Motivo
1	14/09/2007	Determinações preliminares sobre antidumping e medidas compensatórias sobre folhas de papel revestido provenientes da China
2	19/09/2008	Antidumping e medidas compensatórias
3	17/04/2009	Medidas sobre a importação de aves
4	14/09/2009	Medidas sobre a importação de pneus e veículos leves
5	28/02/2011	Medidas antidumping referente a importação de camarões congelados
6	25/05/2012	Medidas compensatórias
7	17/09/2012	Antidumping e medidas compensatórias
8	03/12/2013	Metodologias antidumping
9	12/12/2016	Medidas referentes a metodologia de comparativo de valores
10	04/04/2018	Medidas sobre tarifas impostas produtos provenientes da China
11	05/04/2018	Medidas sobre tarifas em produtos de aço e alumínio
12	14/08/2018	Medidas sobre a segurança de produtos fotovoltaicos
13	14/08/2018	Medidas relacionados a energia renovável
14	23/08/2018	Medidas sobre tarifas impostas produtos provenientes da China
15	03/09/2019	Medidas sobre tarifas impostas produtos provenientes da China
16	12/12/2022	Medidas sobre o comércio de semicondutores

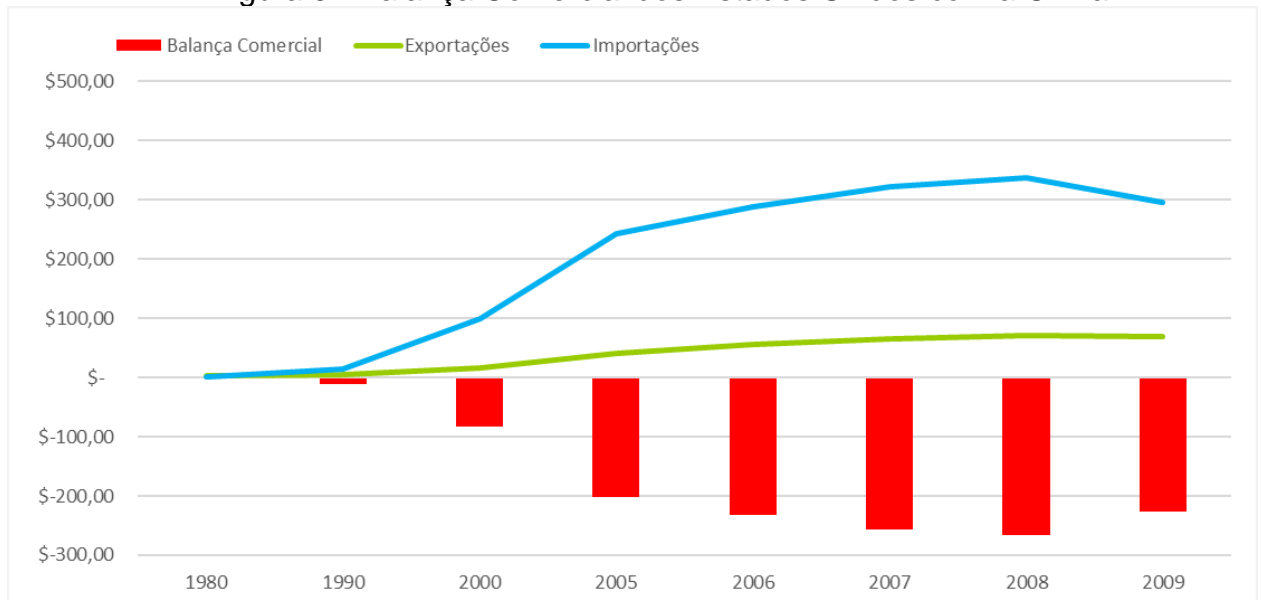
Fonte: Elaboração própria, com base em dados da Organização Mundial do Comércio (2023).

² Susan Schwab é uma política americana, que serviu como representante de Comércio dos Estados Unidos durante o mandato do George W. Bush (SCHWAB, 2023)

³ O painel de controvérsias da OMC é o espaço onde são estabelecidas as disputas, no qual o próprio Órgão de Solução de Controvérsias (OSC) tem autoridade para aceitar ou rejeitar os resultados do painel, de acordo com a análise de especialistas (OMC, 2017)

Por outro lado, os Estados Unidos protocolaram 22 queixas contra a China, sendo essas majoritariamente sobre o direito de propriedade intelectual e tarifas sobre produtos norte-americanos. Em síntese, essa extensa inclusão de queixas entre Estados Unidos e China pode ter levado a um desgaste diplomático que pode ser uma das razões para o início da guerra comercial entre ambos os países. De toda forma, para Bown et al. (2006), a entrada da China na OMC foi uma das razões para a exportação de produtos chineses para os Estados Unidos, consequentemente, resultando em um déficit na balança comercial americana.

Figura 3 - Balança Comercial dos Estados Unidos com a China



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do *World Bank* (2023).

Como pode-se observar por meio da Figura 3, o déficit da balança comercial americana aumentou drasticamente desde os anos 2000, apresentando um déficit de mais de U\$200 bilhões em 2005, principalmente pelo aumento no número de importações, que foram multiplicadas em mais de 150% durante o período. Segundo Geithner (2010), na época Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, a China manteve uma subvalorização do Yuan para favorecer as exportações chinesas, levando a balança comercial americana a um déficit de mais de 226 bilhões de dólares ao final de 2009.

As informações apresentadas nesta seção sugerem que a China foi capaz de desenvolver seu comércio internacional de maneira extremamente eficaz, se tornando uma das principais economias do mundo ao final de 2010. Outrossim, verifica-se que

a adesão da China a OMC teve grande importância para a relevância econômica da China perante o mundo. Por fim, nota-se que houve complicações diplomáticas e econômicas nas relações sino-americanas neste período, envolvendo homologações e queixas na Organização Mundial do Comércio, majoritariamente sobre práticas de *antidumping*, imposição de tarifas e direitos de propriedade intelectual, com representantes de ambos os governos fazendo declarações contrárias as decisões tomadas por cada país.

2.3 A DISPUTA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA

Antes de abordar o tema da guerra comercial que sucedeu esses eventos, é necessário entender o que é uma disputa comercial e por quais razões elas iniciam. De acordo com Melatos et al. (2017), uma guerra comercial é um conflito que provém principalmente do protecionismo econômico e da imposição de barreiras tarifárias, com o objetivo de prejudicar o comércio de outra nação. Em alinhamento com o pensamento desse autor, Mattoo e Staiger (2019) abordam que o aumento de tarifas é inevitavelmente indesejado e condenado pelos países.

Segundo Lee e Zulkefl (2021), o relacionamento sino-americano sempre teve seus altos e baixos desde o início da década de 1970. De toda forma, o inesperado desenvolvimento econômico da China, principalmente após os anos 2000, sempre foi visto pelos Estados Unidos como uma ameaça a sua hierarquia internacional. Por conta desses fatores, segundo Li et al. (2020), a disputa comercial iniciou em março de 2018, quando os norte-americanos alegaram uma ameaça de segurança nacional como forma de aumentar as tarifas sobre produtos de alumínio e de aço importados da China. Complementando esse argumento, de acordo com uma declaração da Casa Branca⁴ (2020), os principais objetivos esperados pelo aumento de tarifas eram:

- a) proteger a transferência de tecnologias;
- b) proteger os direitos de propriedade intelectual;
- c) incentivar o desenvolvimento da economia nacional.

⁴ A Casa Branca, também conhecida como *White House*, é a residência oficial do presidente dos Estados Unidos, sendo a sede oficial do poder executivo deste país.

Contrariando Li et al. (2020), Moosa (2020) acredita que a disputa comercial começou logo após a eleição do ex-presidente Donald Trump⁵, o qual argumentava que o déficit da balança comercial com a China era prejudicial para a economia norte-americana, resultando no aumento do desemprego no país. Explorando ainda mais esse pensamento, uma das promessas da campanha eleitoral de Trump era impor tarifas sobre produtos chineses, de modo a corrigir o déficit na balança comercial americana que não havia sido resolvido por seus antecessores.

Assim como discutido por Moosa (2020), Kapustina et al. (2020) também enfatizaram que o déficit da balança comercial era um dos principais fatores para os Estados Unidos impor as tarifas de maneira surpreendente. Além disso, os norte-americanos também alegaram a China de realizar práticas de comércio desleais, explorando os benefícios da liberalização comercial concedido ao longo dos anos. Outrossim, para Mishra (2020), apesar de o presidente Trump afirmar que o déficit da balança comercial era a razão para a imposição de tarifas sobre produtos chineses, os principais motivos estavam focados também em outros aspectos, tais como:

- a) desenvolvimento de novas tecnologias (ver Tabela 3);
- b) China ganhando cada vez mais notoriedade na economia global.

Tabela 3 - Importações dos Estados Unidos de produtos com tecnologias avançadas da China (em milhões de US\$)

Grupo de Tecnologia Avançada	2003	2018	Variação (%)
(01) Biotecnologia	\$ 17,00	\$ 266,00	1565%
(02) Ciência da Vida	\$ 481,00	\$ 2.639,00	549%
(03) Eletrônica Óptica	\$ 1.257,00	\$ 5.391,00	429%
(04) Informação e Comunicação	\$ 26.173,00	\$ 157.118,00	600%
(05) Eletrônicos	\$ 918,00	\$ 529,00	58%
(06) Sistema Manufatura Flexíveis	\$ 170,00	\$ 1.448,00	852%
(07) Materiais Avançados	\$ 74,00	\$ 426,00	576%
(08) Aeroespacial	\$ 124,00	\$ 1.150,00	927%
(09) Armas	\$ 55,00	\$ 140,00	255%
(10) Tecnologia Nuclear	\$ 100,00	\$ 67,00	67%

Fonte: Adaptado de Mishra (2020).

Como se pode notar pela Tabela 3, os Estados Unidos aumentaram exponencialmente o número de importações de produtos com tecnologias avançadas,

⁵ Donald Trump foi o 45º presidente dos Estados Unidos, representando o Partido Republicano. (White House, 2022)

principalmente nos setores de biotecnologia, sistema de manufatura flexível, ciência da vida e aeroespacial, corroborando com a pesquisa de Mishra (2020). Para Steinbock (2018), em março de 2018, as medidas começaram a ser efetivas e o que era para ser somente um entrave no comércio internacional de ambos os países, estendeu-se para uma guerra comercial que teve impacto no restante do mundo, principalmente nos setores de tecnologia, indústria e *commodities*.

No dia 03 de abril de 2018, os Estados Unidos impuseram outra série de tarifas, sendo estas de 25% em produtos eletrônicos, maquinários e equipamentos aeroespaciais chineses. Logo após, a China impôs embargos de 25% em outra série de produtos norte-americanos. Com as tensões escalando e a possibilidade deste conflito interferir na economia mundial, outras nações e organizações começaram a entrar nas negociações em busca de uma resolução, como o UMSCA e a União Europeia (YERS; ZHOU, 2021). Para Kapustina et al. (2020), as tensões e consequências provenientes dos eventos (ver Quadro 2) da guerra comercial ameaçam o sistema econômico global, e não apenas de ambas as nações.

Quadro 2 - Cronologia de Eventos da Disputa Comercial

(continua)

Período Tempo e Contexto Geral	Ações Estados Unidos	Ações China
Abril - Maio de 2017 Negociações para resolver déficit da balança comercial; plano de 100 dias para conversa comercial	Investigação em produtos de alumínio e aço é iniciada.	Companhias norte-americanas ganham maior acesso a agricultura, energia e mercados financeiros chineses
Fevereiro - Abril de 2018 Investigações referentes a práticas comerciais chinesas relacionadas a transferência de tecnologia, propriedade intelectual e inovação são iniciadas. Estados Unidos abre um caso na OMC e lança o comunicado oficial (maio de 2018)	Tarifas Impostas a China 30% em painéis solares; 20% em máquinas de lavar; 25% em importações de aço; 10% em importações de alumínio;	Imposição de tarifas de 15-25% em 128 categorias de produtos, incluindo frutas, vinhos, porco e alumínio.
Julho de 2018 Negociações em andamento; Discussões internas sobre nova lista de restrições	Imposição de tarifas de 25% em 818 produtos (importações avaliadas em US\$34 bilhões)	Imposição de tarifas de 25% em 545 produtos (importações avaliadas em US\$34 bilhões), incluindo produtos agrícolas e aquáticos
Agosto de 2018 Países compartilham lista de restrições, China abre um caso na OMC contra o Estados Unidos	Imposição de tarifas de 25% em 279 produtos (avaliados em US\$16 bilhões), incluindo semicondutores, químicos, plásticos e motocicletas	Imposição de tarifas de 25% em 333 produtos (avaliados em US\$16 bilhões de US\$), incluindo gasolina, equipamento médico e ônibus

(conclusão)

Período Tempo e Contexto Geral	Ações Estados Unidos	Ações China
Setembro de 2018 China cancela as negociações comerciais e anuncia o White Paper afirmando sua posição oficial.	Imposição de tarifas de 10% (que em 2019 subiram para 25%) em US\$200 bilhões de importações da China	Imposição de tarifas de 5% e 10% em 60US\$ bilhões de importações dos Estados Unidos
Dezembro de 2018 Reunião do G20 em Buenos Aires. Estados Unidos e China concordam em não aumentar tarifas por 90 dias	Anúncio de postergação da nova lista de tarifas	Aumento de tarifas sobre produtos agrícolas e de energia. Redução de tarifas sobre automóveis de 25% para 15%
Maio - Junho 2019 Negociações comerciais após o G20	Imposição de aumento de tarifas de 25% em US\$200 bilhões de importações. Huawei e outras 05 companhias foram adicionadas a restrições	Imposição de 25%-20%-10% de tarifas sobre US\$60 bilhões de importações.

Fonte: Adaptado de Kapustina et al. (2020).

De acordo com o Quadro 2, é possível identificar que a imposição de tarifas sobre produtos chineses de alumínio e aço se desencadeou em uma série de eventos punitivos. A China, por sua vez, tomou ações impondo tarifas sobre diversos produtos norte-americanos, tais como frutas, vinhos, carne de porco e alumínio. A aplicação de encargos foram aumentando ao longo do tempo, abrangendo produtos agrícolas, aquáticos, semicondutores, químicos, plásticos, motocicletas, petróleo, equipamentos médicos e veículos de transporte.

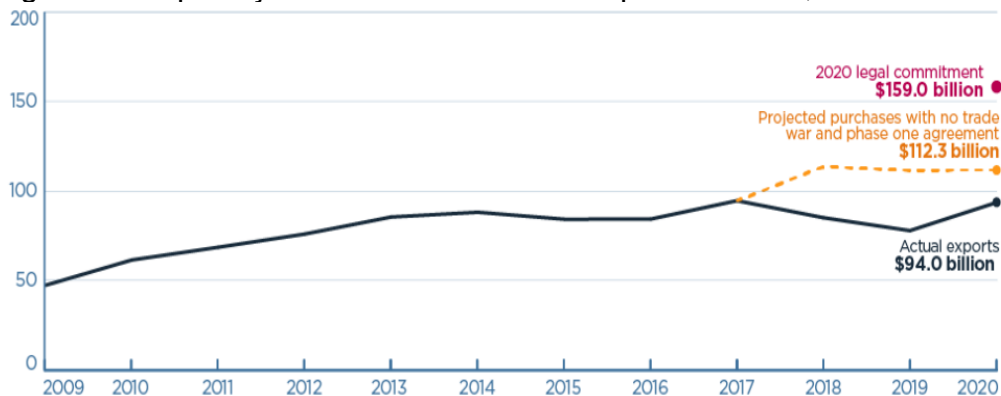
Também é possível notar por meio do quadro acima, que as negociações entre os dois países trouxeram acordos comerciais, mas logo depois resultaram em mais uma série de aumentos percentuais nas tarifas impostas ou na inclusão de novos itens a serem tarifados. Além disso, a inclusão da Huawei e outras empresas chinesas em restrições adicionais aumentou ainda mais as tensões comerciais, visto que eram empresas de capital chinês localizadas nos Estados Unidos, dessa forma gerando emprego e renda aos próprios norte-americanos.

Segundo Itakura (2020), a disputa comercial não serviu os interesses econômicos de ambos os países, afetando os investimentos, a produtividade e o desenvolvimento de novas tecnologias. De toda forma, a guerra comercial não envolve somente ganhos econômicos, mas sim interesses políticos e governamentais, e por isso, pode-se somente especular que não houve benefício mútuo a curto-prazo para nenhuma nação.

Com base nas análises elaboradas por Bown (2021), a administração do Governo Trump foi categorizada por períodos marcados por fortes tensões comerciais e imposição de tarifas. Ainda durante o mandato de Donald Trump, os Estados Unidos e a China assinaram o acordo denominado "fase um", que propôs diversas reformas para a economia chinesa e estabeleceu obrigações comerciais para cada país, mais especificamente para a China, que havia acordado em adquirir uma série de produtos norte-americanos. (MUHAMMAD; SMITH, 2020).

Para Bown (2021), devido ao amplo impacto econômico resultante da guerra comercial, constatou-se que o acordo "fase um" não se mostrou suficiente para solucionar o conflito comercial entre as duas nações. Com base na Figura 4, é possível analisar que o plano da "fase um" teve um impacto prejudicial nas exportações norte-americanas destinadas à China, além de sugerir que o início da disputa comercial também não trouxe benefícios no setor exportador norte-americano, que teria exportado ao mínimo 10% mais sobre o valor total caso não houvesse iniciado o conflito.

Figura 4 - Exportações dos Estados Unidos para a China, em bilhões de US\$



Fonte: Bown (2021).

Segundo Bown (2021), o governo Trump realizou mudanças significativas nas políticas externas do país, adotando medidas protecionistas e incentivando a economia e a indústria nacional, todavia, notou-se que o governo chinês impôs as mesmas restrições que lhe eram dadas e não cedeu para o governo norte-americano. Além disso, as mudanças estruturais realizadas foram feitas por diversos instrumentos econômicos e sociais diferentes, impossibilitando mensurar, no momento, o real impacto econômico causado em cada país. De acordo com Ezrati (2022), o governo

Biden deu sequência no trabalho iniciado pelo ex-presidente Trump, aumentando ainda mais as tarifas e restrições comerciais.

Por fim, conclui-se que a disputa comercial foi causada por uma ação dos Estados Unidos contra a China, com o objetivo de reduzir o déficit comercial americano, além de desenvolver a economia nacional e proteger os direitos de propriedade intelectual do país. Ademais, as mudanças no comércio entre Estados Unidos e China, bem como as implicações na pauta exportadora brasileira durante o conflito, serão abordadas nos capítulos subsequentes deste estudo.

2.4 EXPORTAÇÃO, CONCEITO E IMPORTÂNCIA

Este trabalho tem como propósito central analisar as mudanças na pauta exportadora brasileira na vigência da guerra comercial entre Estados Unidos e China. Em decorrência disso, faz-se relevante uma breve conceituação do que se entende por exportação e qual a sua importância para as nações, bem como para a economia nacional e suas empresas. Com base no Ministério da Economia e Desenvolvimento (2016), a exportação pode ser definida como a saída da mercadoria do território aduaneiro, que decorre de um contrato de compra e venda internacional, resultando ou não na entrada de divisas. De acordo com Minervini (2013), as empresas devem estar à procura de mercados externos para melhorar a competitividade e aprimorar seus processos, visto que o mercado internacional traz novas tendências e oportunidades.

Com base no estudo de Tripoli (2016), as exportações podem trazer benefícios significativos para as empresas, tais como:

- a) possibilidade de internacionalização;
- b) preservação da saúde financeira;
- c) segurança em decisões de longo prazo;
- d) ampliações de mercados;
- e) riscos dissolvidos.

De acordo com as alíneas acima, apropicia-se ao pensamento de que através das exportações, as empresas têm a oportunidade de expandir seus negócios para além das fronteiras nacionais, alcançando novos mercados e consumidores. Essa diversificação geográfica pode contribuir para a solidez financeira das companhias, reduzindo a dependência de um único mercado e minimizando os riscos associados

a flutuações no mercado doméstico. Por fim, ao acessar novos mercados, as empresas podem aumentar a demanda por seus produtos ou serviços, impulsionando o crescimento e a lucratividade.

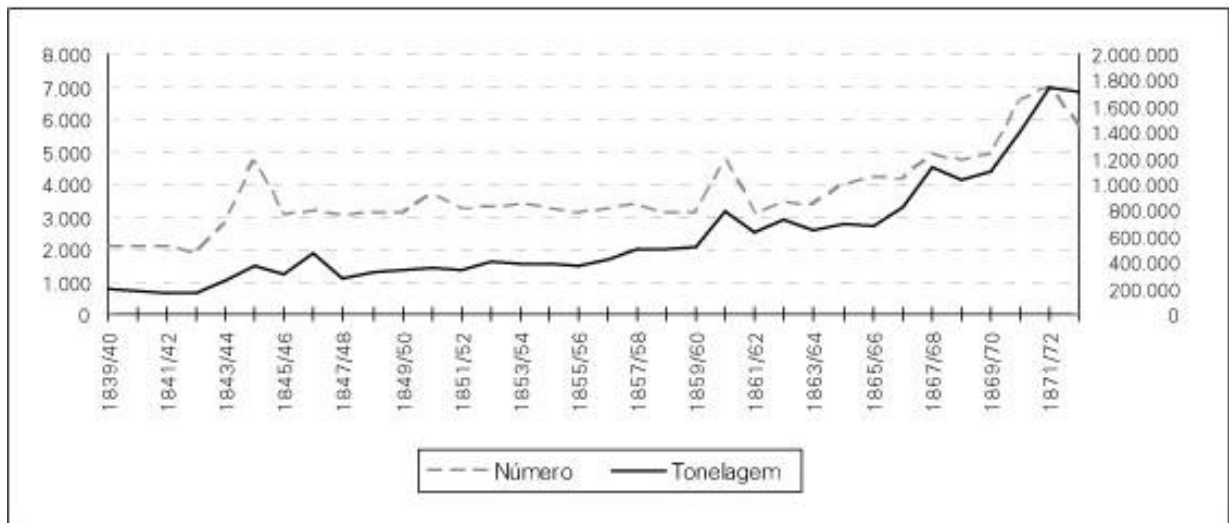
Para Cavusgil, Knight e Riesenberger (2010), a exportação também pode trazer benefícios, como o aumento do lucro operacional e a expansão dos produtos da empresa em âmbito internacional. Ao exportar, promove-se a oportunidade de interação com novos modelos de negócios e culturas. Além disso, a exportação também desempenha um papel fundamental na abertura de um país para o mercado competitivo internacional e pode ser considerada um impulsionador do desenvolvimento nacional (MILAN, 2018).

Sob a perspectiva governamental, as exportações assumem um papel crucial nos indicadores macroeconômicos, e como resultado, são implementados diversos programas com o objetivo de incentivar essa pauta. Por fim, salienta-se que as exportações podem afetar o valor do câmbio, as políticas fiscais e monetárias, e até mesmo alterar a percepção da população em relação à competitividade de seu país em comparações com outros (CZINKOTA, 2002).

2.5 PANORAMA HISTÓRICO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

A história das exportações brasileiras começou em meados de 1800 a 1820, quando a então corte portuguesa chegou ao Brasil e abriu os portos brasileiros para seus parceiros comerciais. De acordo com Marconde (2012), a marinha brasileira mostrava-se próspera no início do século XIX, com alta capacidade exportadora. Com base em mapas estatísticos e dados do Ministério da Fazenda (2012) apud Marcond (2012), é possível observar que o número de embarcações da marinha brasileira cresceu aproximadamente 3 vezes em um período de 32 anos (século XIX), porém, o número de toneladas transportadas nesse mesmo período apresentou um crescimento de somente 80%, um valor muito menos representativo que o número de embarcações em circulação no período mencionado, significando em um aumento do valor da mercadoria sendo transportada.

Figura 5 - Quantidade de embarcações brasileiras e peso da carga, de 1839 a 1871



Fonte: Marconde (2012).

Segundo Menezes (2010), nos anos de 1890-1900, os principais produtos exportados pelo Brasil eram:

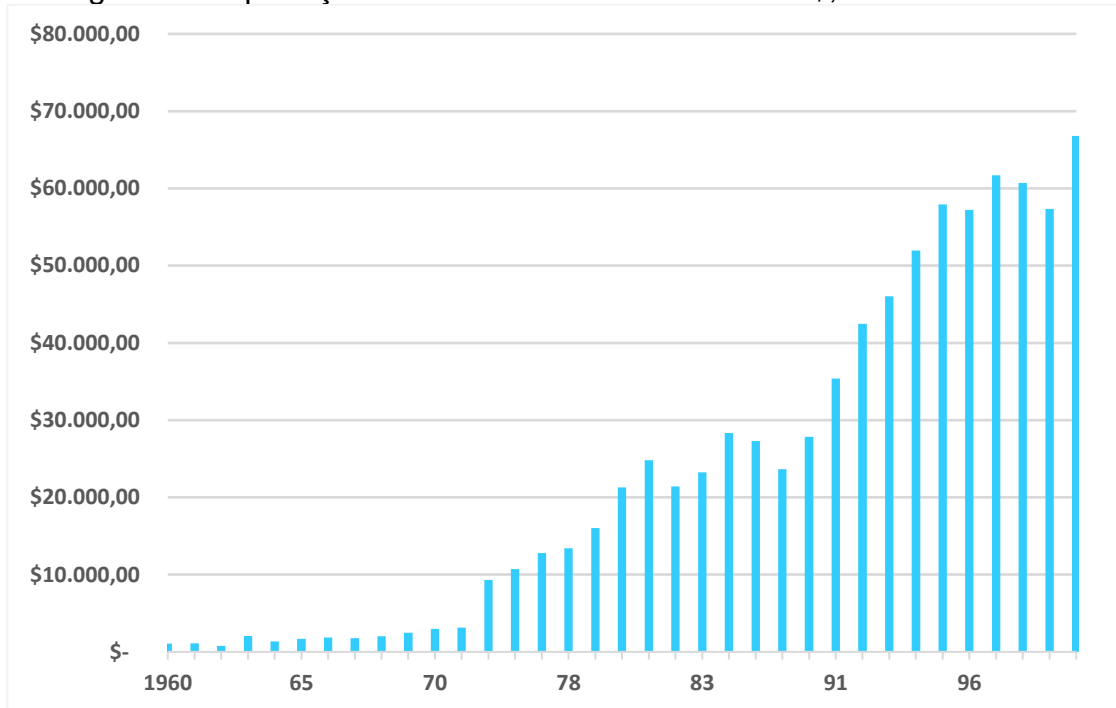
- a) café (63,8%);
- b) borracha (15,8%);
- c) açúcar (5,7%);
- d) algodão (2,5%);
- e) peles e Couros (2,5%);
- f) demais (9,7%);

O café foi considerado o principal produto dessa época, sendo um impulsionador para os negócios brasileiros e um pilar econômico para a rentabilidade do país (CUNHA, 2017). Em alinhamento com esse autor, para Fausto (2006), as vendas internacionais de café na época eram responsáveis por cerca de 60% dos lucros da exportação nacional, sendo por muito tempo, o principal produto brasileiro no mercado global.

Já no período de 1950, com um cenário internacional desafiador e instável após a segunda guerra mundial, o Brasil registrou um aumento considerável no número de importações devido ao alinhamento brasileiro com os movimentos mundiais do liberalismo econômico. Tais mudanças na conjuntura econômica nacional foram provenientes da abertura do mercado brasileiro a importações, a qual tinha como objetivo estimular a produtividade das empresas brasileiras, simplesmente pela necessidade de sobrevivência e adaptabilidade do mercado (CAVALCANTI;

RIBEIRO, 1998). No âmbito da exportação, o café continuava sendo o principal produto, representando pelo menos 70% da pauta de exportação brasileira da época. (MENEZES, 2010).

Figura 6 - Exportações brasileiras em milhões de US\$, de 1960 a 2000



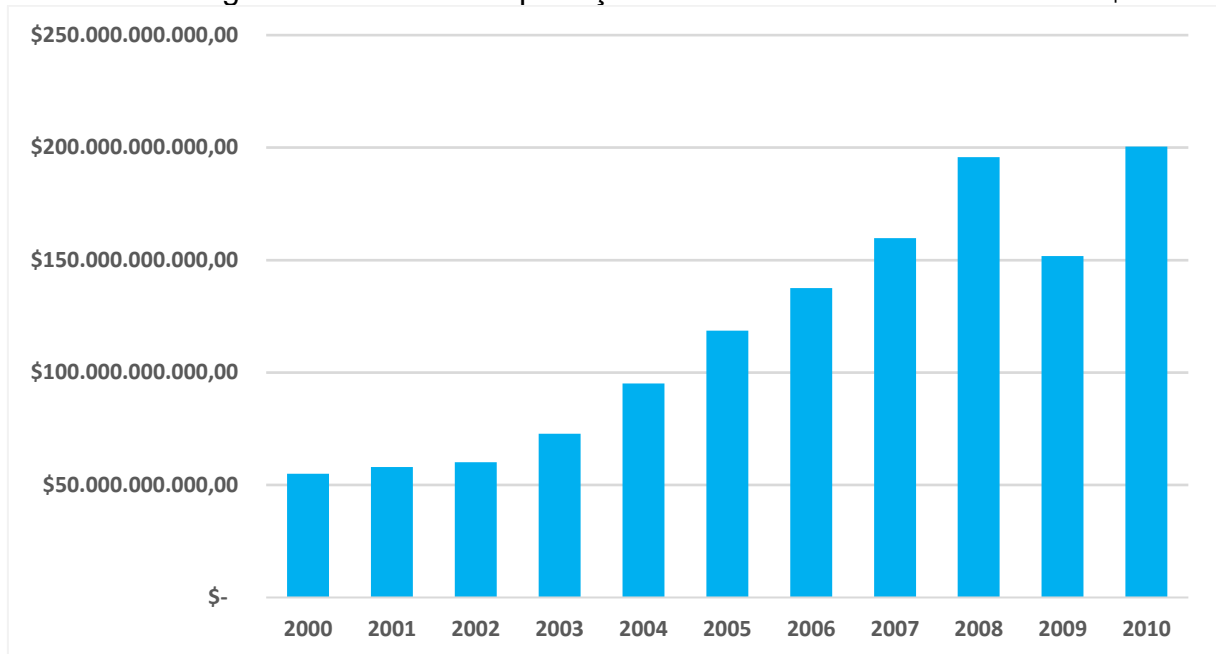
Fonte: Elaboração própria, com base em dados do *World Bank* (2023).

Como se pode inferir pela Figura 6, o valor arrecadado de exportações brasileiras cresceu 261% no período de 1960 a 2000, aumentando em média cerca de 16% anualmente. A efeito comparativo, com base nos dados do *World Bank* (2023), os Estados Unidos registraram um aumento de 264% nas exportações na mesma linha de tempo, enquanto a China obteve uma ampliação de 447% de valor exportado em relação ao ano base. Já o mundo, de forma geral, teve um crescimento no valor exportado neste período de 40 anos de 266%, número este, também superior ao brasileiro.

De acordo com Miranda (2001), os anos 1990 foram extremamente importantes para o desenvolvimento das indústrias brasileiras, que por conta da abertura comercial a importações, precisou se reestruturar e buscar novas tecnologias. Já na primeira década do século XXI, a economia mundial passou por diversos desafios, tais como a crise financeira global em 2008, de modo que seus efeitos ainda estão sendo projetados atualmente. Levando em consideração um ponto de vista estrutural, as economias periféricas e em desenvolvimento passaram a ter maiores participações

no comércio internacional (UNCTAD, 2014). Ainda segundo o relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (2014), o crescimento das exportações brasileiras no período de 2000 a 2010 (ver Figura 7) se deve ao *boom* mundial no mercado de *commodities*, setor este que o Brasil sempre teve destaque.

Figura 7 - Valor das exportações do Brasil de 2000-2010 em US\$



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat

Por meio de uma análise da Figura 7, observa-se que o Brasil teve um importante crescimento no valor exportado, saltando de US\$54 bilhões em 2000 para quase mais de 200 bilhões dólares em 2010, um crescimento anual médio de 14%. Além disso, é importante salientar que o decréscimo das exportações brasileiras em 2009 pode estar relacionado ao *crash* do sistema econômico mundial.

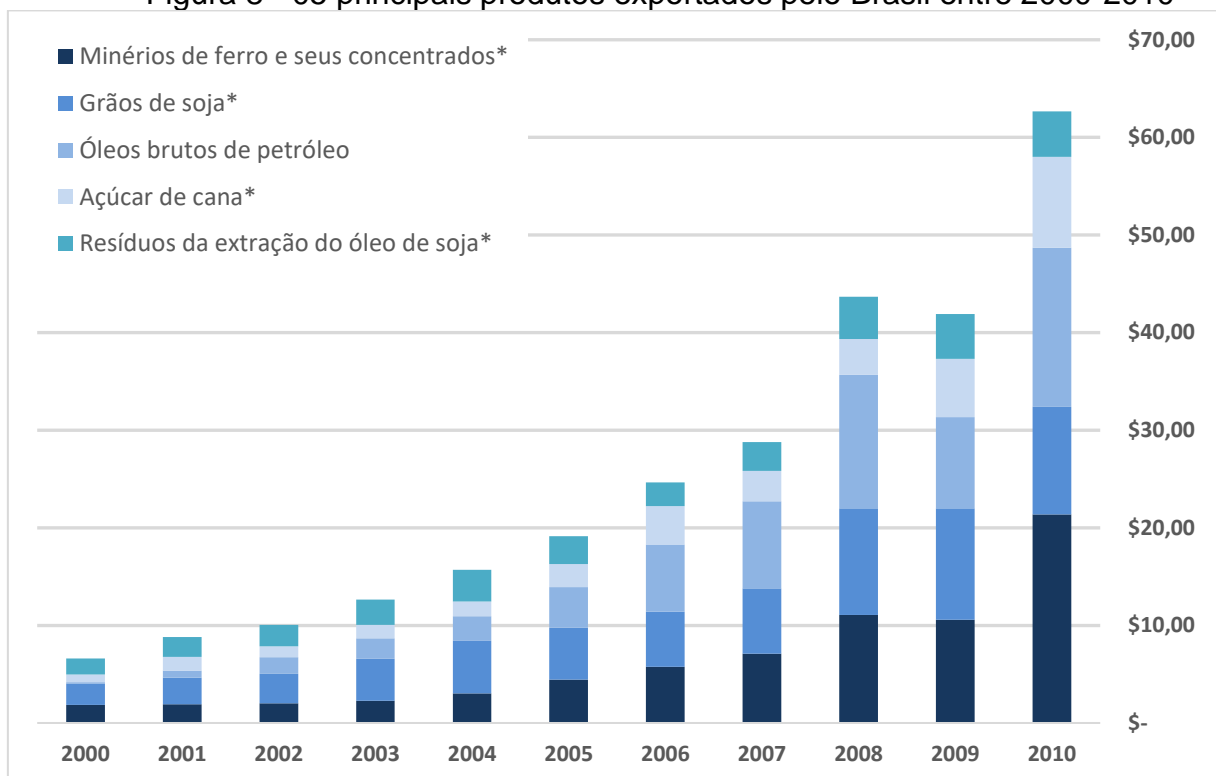
Durante esse período, os cinco principais produtos exportados pelo Brasil, de acordo com sua Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), foram *commodities*, tais como:

- a) minério de ferro e seus concentrados
- b) grãos de soja
- c) óleos brutos de petróleo
- d) açúcar de cana
- e) resíduos da extração do óleo de soja

Por meio da Figura 8, identifica-se que o principal produto exportado pelo Brasil na década de 2000 a 2010 foi o minério de ferro e seus concentrados, que cresceu de

1,85 bilhões de dólares em 2000 para US\$21 bilhões em 2010. Além disso, é importante enfatizar que os outros 04 principais produtos exportados pelo Brasil para o mundo também são *comodities*, como o grão de soja, que aumentou de 2,1 bilhões de dólares exportados em 2000 para US\$11 bilhões em 2010. Outro item que merece destaque é o óleo bruto de petróleo, que teve o maior crescimento percentual do período, aumento seu valor de 158 milhões de dólares em 2000 para 16 bilhões de dólares em 2010.

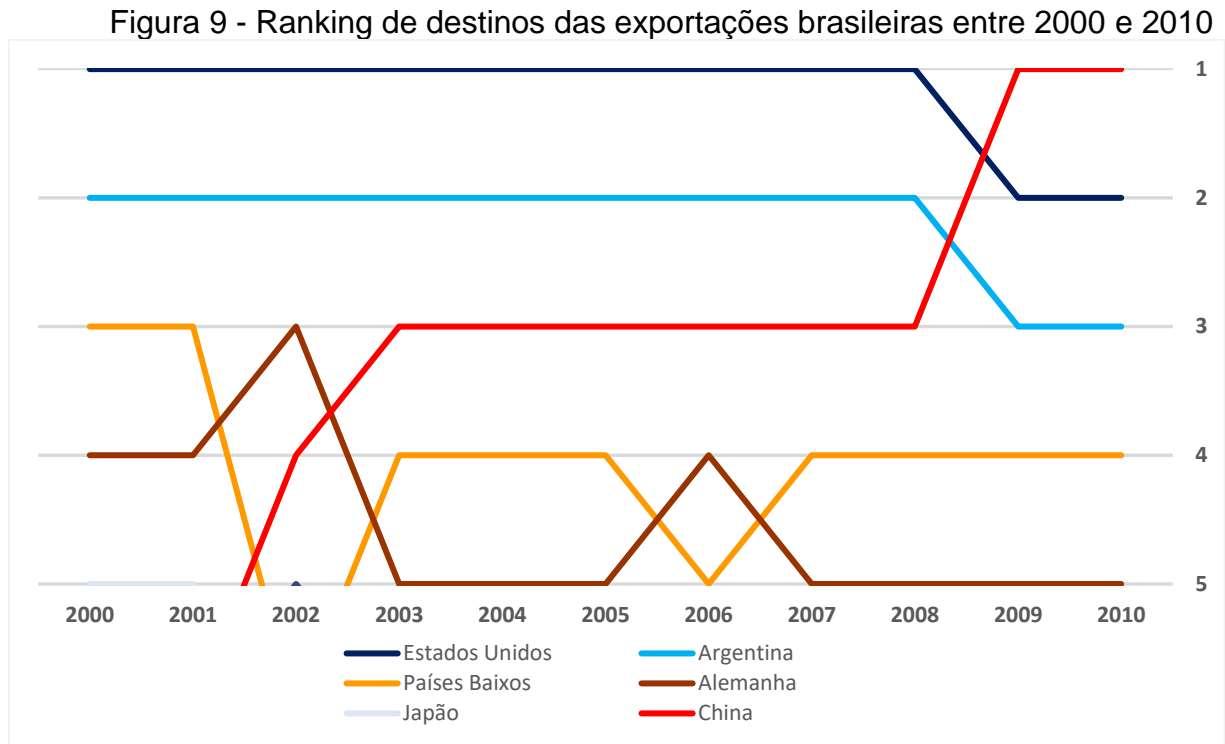
Figura 8 - 05 principais produtos exportados pelo Brasil entre 2000-2010



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

De acordo com Fligespan (2015), as exportações brasileiras apresentaram um crescimento superior à média mundial, com a pauta exportadora brasileira perdendo mercado no setor de itens manufaturados e ganhando forças no ramo de produtos primários ou derivados. Para complementar a análise dos principais produtos exportados pelo Brasil e sua evolução no período de 2000 a 2010, é fundamental abordar quais foram os parceiros comerciais mais importantes do país na época. De acordo com a base de dados da Comex Stat (2023), é possível perceber que Estados Unidos, Argentina, China, Alemanha, Holanda e Japão foram os principais destinos das exportações brasileiras, com o destaque aos Estados Unidos, o qual em 08 de 10

anos foi o principal destino das exportações da nação (ver Figura 9). Além disso, é importante enfatizar a crescente chinesa como destino das exportações brasileiras, que tomou o posto dos Estados Unidos como o principal importador do Brasil nos anos de 2009 e 2010.



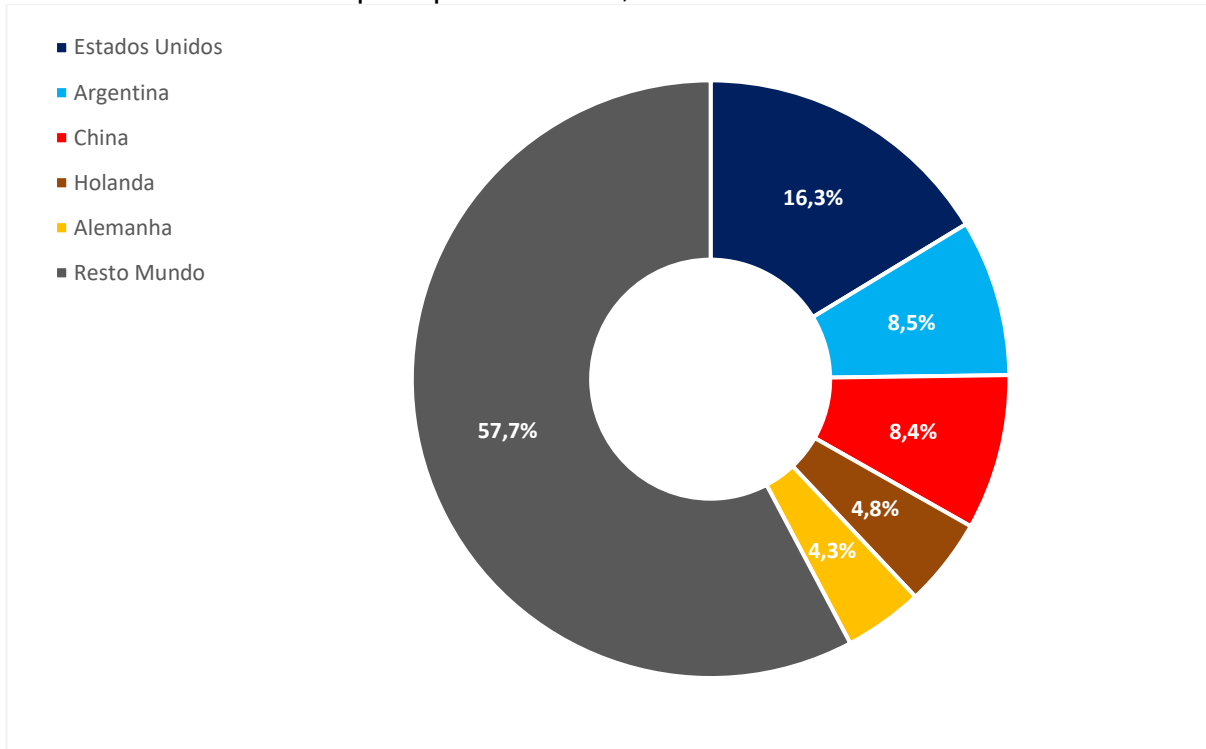
Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

O primeiro ano em que os Estados Unidos não ocuparam a posição de principal importador foi em 2009, quando sua economia – assim como a do resto do mundo, sofria com a forte crise econômica originada no setor imobiliário dos Estados Unidos. Segundo um relatório do Banco Central do Brasil (2014), as exportações mundiais de bens e serviços nesse período reduziram em 18,85%. Ademais, os embarques brasileiros recuaram 22,2% em relação a 2008, o que levou a balança comercial brasileira a apresentar o pior resultado no período de 2001 a 2009. Por conta disso e pelo aumento gradativo das exportações com destino a China, esta assumiu o posto de maior mercado importador do Brasil, com foco no ramo do agronegócio e de *commodities*.

Além disso, com base na Figura 10, verifica-se que no período de 2000 a 2010, percentualmente, os Estados Unidos tiveram a maior concentração das importações das exportações brasileiras, com 16,3% do total, seguidos da Argentina com 8,5% e da China com 8,4%. De maneira geral, os 05 principais países importadores de

produtos brasileiros representaram 42,3% do total de exportações, sugerindo que o Brasil tem uma forte relação comercial com cada um destes países.

Figura 10 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2000 a 2010



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

É possível observar por meio da Tabela 4 que a pauta exportadora brasileira teve uma transformação no período de 2000 a 2020. Diversos itens, como veículos aéreos, automóveis e calçados saíram da lista dos principais itens exportados para *commodities*, como a soja mesmo triturada, que foi o item com o maior valor exportado em 2020. Por outro lado, a média anual de crescimento de valor exportada do período de 2010 a 2020 foi de apenas 0,6%, enquanto o crescimento anual de 2000 a 2010 havia sido de 13,8%. Segundo um relatório do Banco Central (2021), isso se deve a capacidade produtiva do país e aos ciclos econômicos.

Tabela 4 - 10 principais produtos exportados pelo Brasil em US\$ (bilhões) em 2000 e 2020

Produto	2000	Produto	2020
Outros grãos de soja*	\$ 2,18	Soja, mesmo triturada*	\$ 28,56
Outros aviões/veículos aéreos*	\$ 1,96	Minérios de ferro e seus concentrados*	\$ 24,26

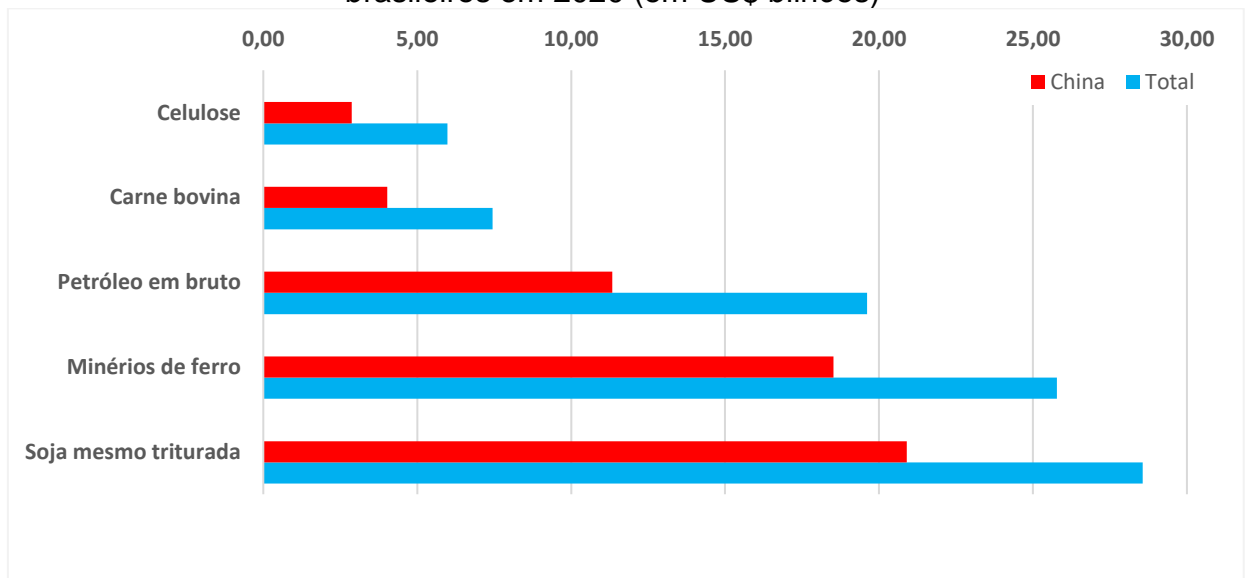
Minérios de ferro e seus concentrados*	\$ 1,85	Óleos brutos de petróleo	\$ 19,61
Resíduos da extração do óleo de soja*	\$ 1,64	Outros açúcares de cana*	\$ 7,38
Café não torrado em grão*	\$ 1,56	Carnes desossadas de bovino, congeladas	\$ 6,66
Pastas químicas de madeira*	\$ 1,53	Milho em grão, exceto para semeadura	\$ 5,78
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	\$ 1,20	Pastas químicas de madeira*	\$ 5,57
Automóveis com motor explosão*	\$ 1,13	Café não torrado em grão*	\$ 4,97
Outros calçados de couro natural	\$ 1,02	Resíduos da extração do óleo de soja*	\$ 4,70
Suco (sumo) de laranja*	\$ 1,02	Pedacos comestíveis de galos/galinhas*	\$ 4,13

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

Ao analisar os dados da Tabela 4, nota-se que a soja mesmo triturada despontou como o principal produto exportado, com um valor de US\$28,56 bilhões. Essa elevação substancial evidência a importância do setor agrícola brasileiro no contexto das exportações, especialmente no que se refere aos produtos derivados da soja. Além disso, é notável que o minério de ferro se manteve entre os produtos mais exportados pelo Brasil, com variação positiva nos valores absolutos. É possível também identificar que os 10 principais produtos exportados pelo Brasil representaram 56% do valor absoluto total em 2020, em comparação aos 36% de 2000, sugerindo um alto desenvolvimento tecnológico e produtivo do setor, bem como um incentivo do governo para manter essa tendência. Por fim, verifica-se que o Brasil intensificou suas exportações em produtos de média-baixo e baixo valor agregado, como por exemplo as *commodities*, carnes bovinas e de frango.

De forma a complementar essa análise, com base na Figura 11, observa-se que a China foi o maior importador dos principais produtos exportados pelo Brasil, chegando a representar 73% de todas as importações da soja mesmo triturada e 71,8% dos minérios de ferro, comprovando a sua extrema importância para a pauta exportada brasileira.

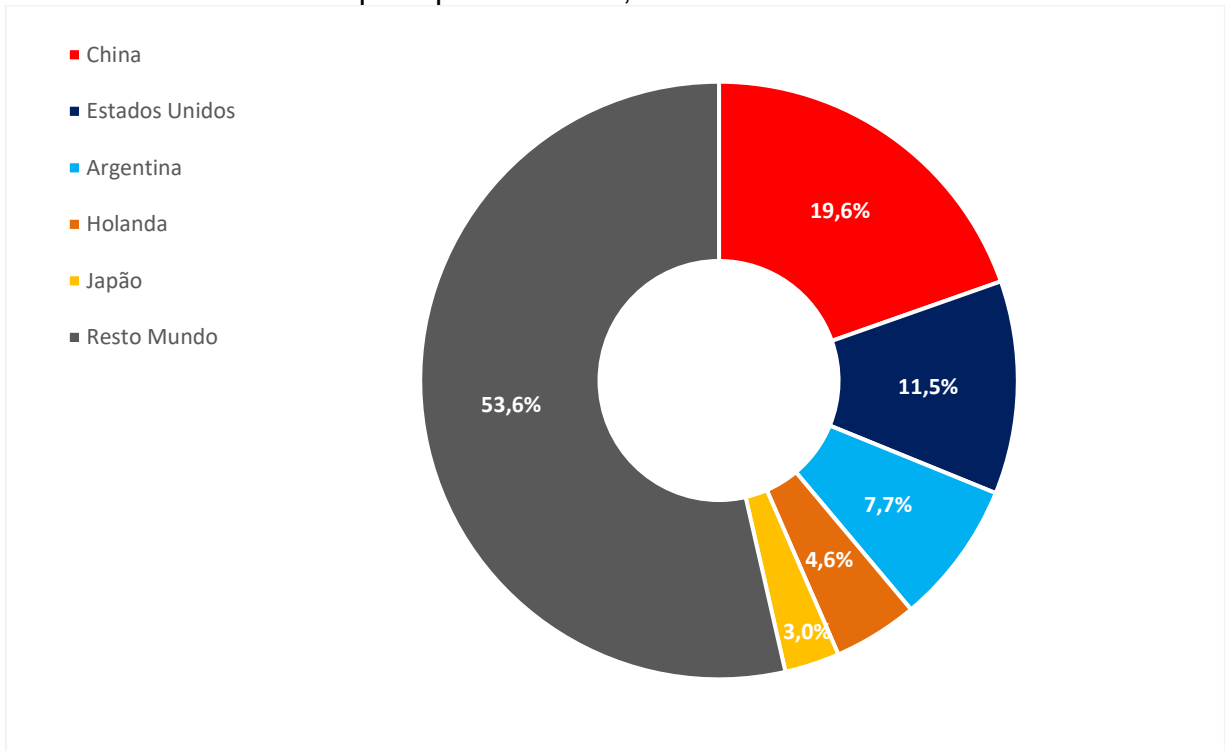
Figura 11 - Participação da China nas exportações dos principais produtos brasileiros em 2020 (em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Ministério da Economia (2023).

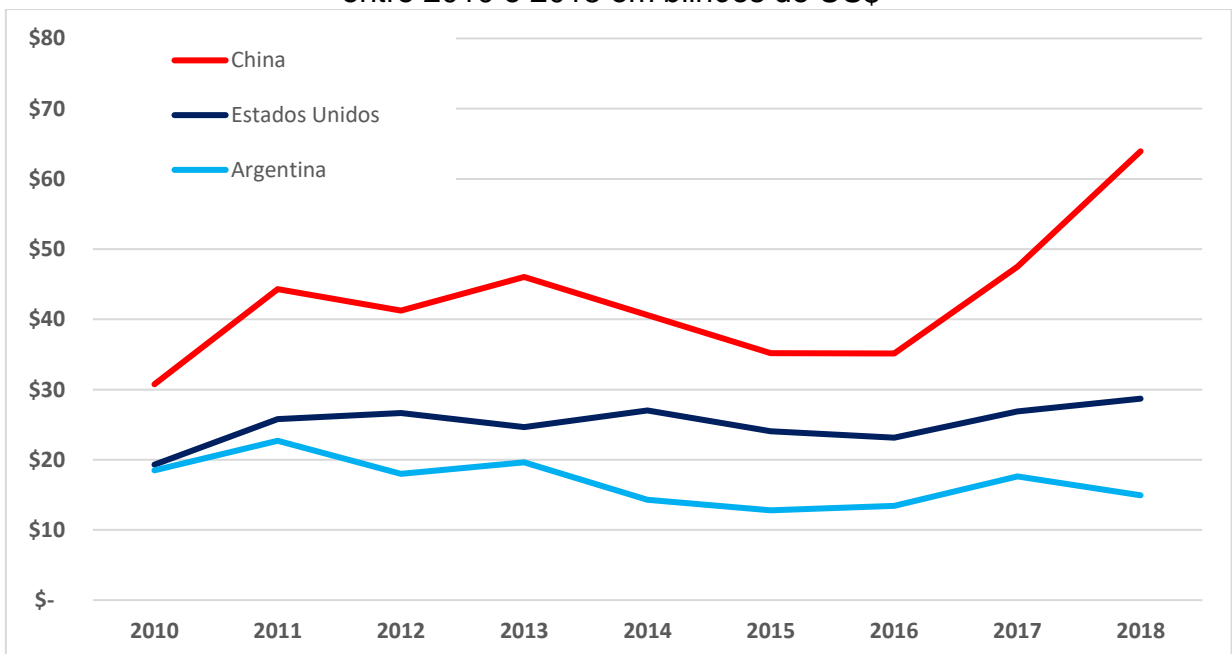
Além disso, no período antecedente a disputa comercial, de 2010 a 2018, percebe-se por meio da Figura 12 que a China se consolidou como o principal destino das exportações brasileiras, com cerca de 20% do valor de todas as exportações do país. O Estados Unidos, por sua vez, manteve a 2ª posição, com um percentual de 12% no período, o que não está diretamente relacionado a uma diminuição no valor exportado, mas sim que estes não aumentaram suas exportações no mesmo ritmo que a China. Por fim, o terceiro principal destino das exportações brasileiras foi a Argentina, que além de ter seu percentual reduzido em relação a década anterior, teve um crescimento negativo no número de exportações. Para Barros et al. (2021), entre 2000 e 2011, houve um crescimento importante nas exportações brasileiras para os países vizinhos, como a Argentina, porém, nos anos subsequentes, estes tem perdido relevância no comércio internacional brasileiro, principalmente por conta de motivos relacionados a infraestrutura inadequada, falta de financiamento e a economia desfavorável em relação a outras cadeias globais de valor.

Figura 12 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2010 a 2018



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

Figura 13 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos e Argentina entre 2010 e 2018 em bilhões de US\$



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

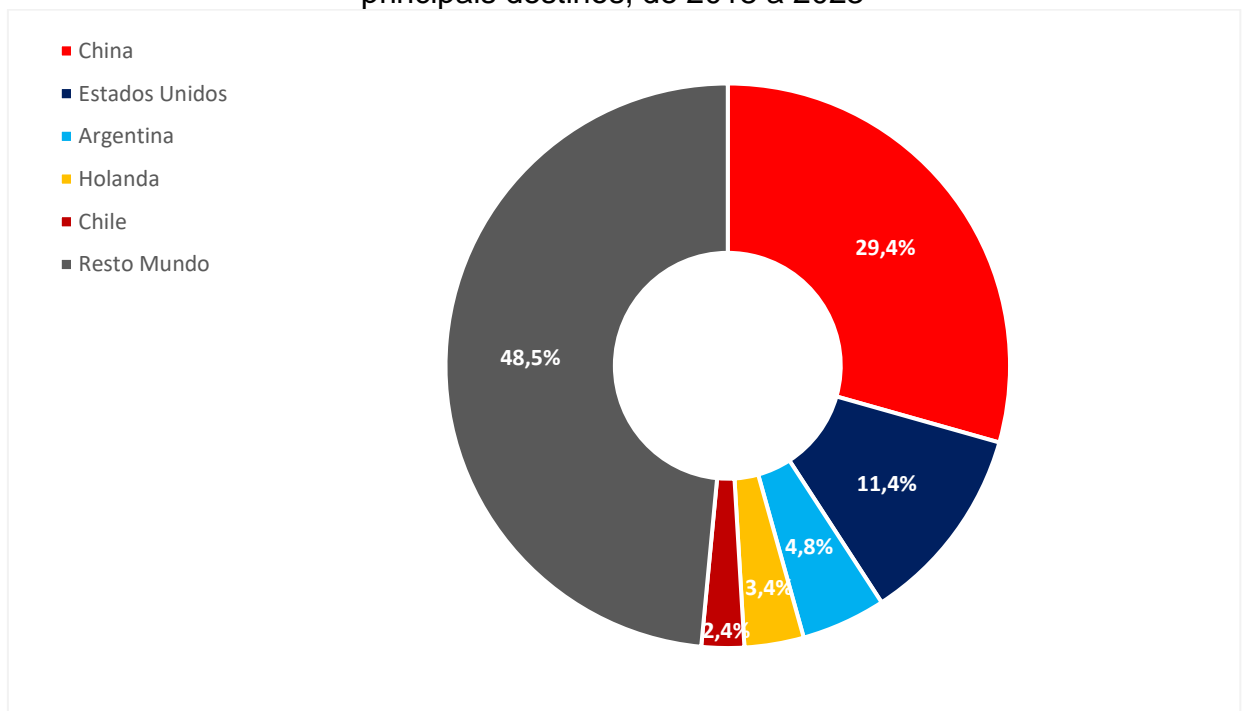
A análise realizada até o momento contemplou uma revisão de dados secundários e estatísticas relacionados ao histórico das exportações brasileiras.

Todavia, é importante observar que essas informações foram segmentadas em diferentes intervalos temporais, com um foco explícito estabelecido até o ano de 2018, antes do acirramento da disputa comercial entre os Estados Unidos e China.

Com base nos dados apresentados na Figura 14, é evidente que, após o início da disputa comercial, a China manteve-se como o principal parceiro comercial do Brasil, aumentando sua participação em 9 pontos percentuais, passando de aproximadamente 20% para 29%. Em contrapartida, os Estados Unidos preservaram sua participação no montante total, permanecendo com 12%. Pode-se destacar também a ascensão do Chile, que assumiu a quinta posição no *ranking* dos principais importadores do Brasil durante o período analisado, ultrapassando o Japão.

Para Freitas (2020), os Estados Unidos e o Japão perderam importância no contexto de valor de exportações brasileiras, principalmente no setor agropecuário brasileiro, que cresceu exponencialmente nos últimos anos. De toda forma, esses mercados continuam representando um valor percentual relativo. Ainda segundo o autor, especificamente no caso do Japão, há uma grande dificuldade em termos logísticos e uma competição muito acirrada com outros países exportadores, tais como os Estado Unidos, Austrália e Canadá, sendo isso uma das razões para uma baixa evolução de exportações com o Japão.

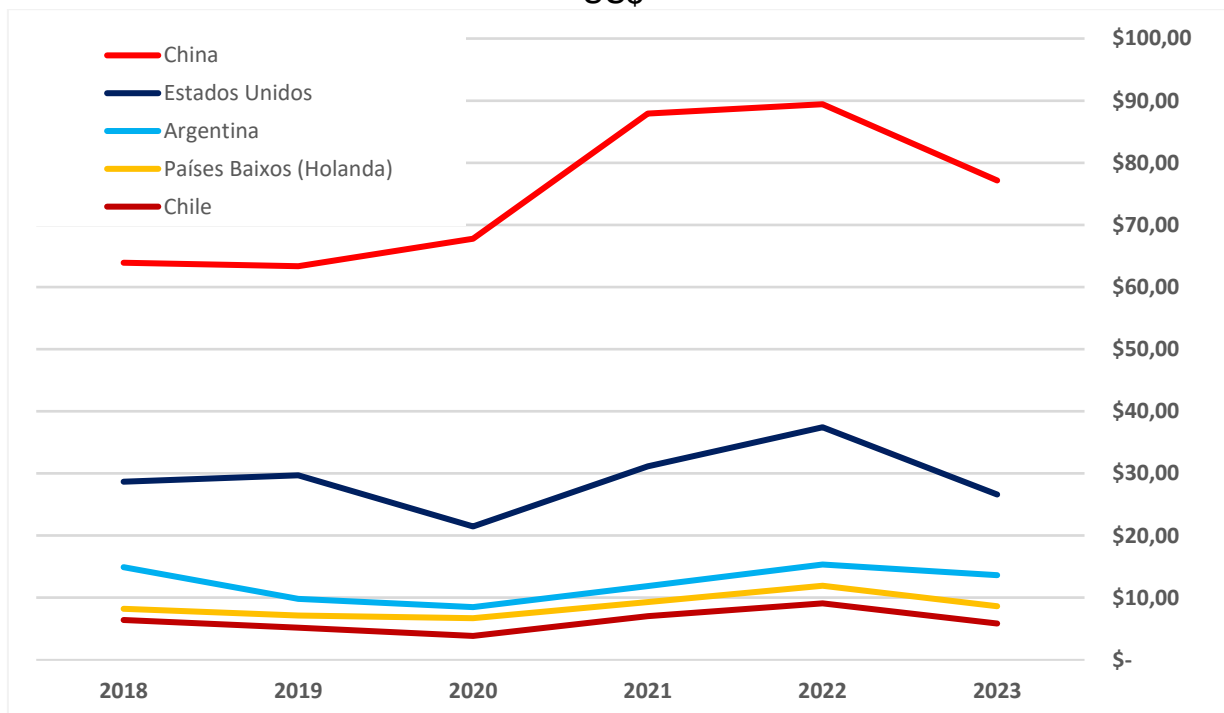
Figura 14 - Percentual total sobre o valor exportado pelo Brasil entre seus 05 principais destinos, de 2018 a 2023



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

Em um contexto mais amplo, é importante notar que os cinco principais parceiros comerciais do Brasil representam mais de 51% de todas as exportações brasileiras, em um cenário que envolve 194 países. A análise destes períodos sugere que o Brasil está concentrando gradualmente suas exportações em um número reduzido de países, consolidando esses parceiros como fundamentais para o comércio internacional brasileiro. De maneira a complementar a análise trazida neste capítulo, é possível observar, por meio da Figura 15 o crescimento do valor exportado pelo Brasil para os cinco principais países no período de 2018 a 2023. Como trazido anteriormente, a China continuou aumentando sua participação e relevância no quesito de importações do Brasil, principalmente por conta das *commodities*. Já nas relações com os Estados Unidos, segundo um estudo de Lima (2019), os produtos brasileiros sofreram uma mudança estrutural na relação comercial entre estes países, com a queda de produtos manufaturados e o aumento de produtos básicos. Além disso, o comércio brasileiro com os Estados Unidos está diretamente relacionado a produtos em que o Brasil tem um valor agregado mais alto, enquanto para a China e o restante do mundo, o foco está em produtos de baixa tecnologia.

Figura 15 - 05 principais importadores do Brasil entre 2018 e 2023, em bilhões de US\$



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

No fechamento deste capítulo, é importante ressaltar que a análise aprofundada dos dados relacionados à disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, principalmente no que tange as implicações na pauta exportadora brasileira, foi conduzida nas seções de análise e discussão de resultados deste trabalho. Por fim, enfatiza-se que referencial teórico desempenha um papel fundamental na estruturação desta pesquisa, fornecendo uma base sólida para seu desenvolvimento, fornecendo informações relevantes que contribuem para uma compreensão aprofundada da temática em questão.

2.6 SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL

Esta seção versará sobre o embasamento teórico e conceitual desse estudo, trazendo de forma sintetizada seus principais pontos. Serão abordados os seguintes tópicos, a relação comercial sino-americana, o conceito e importância da exportação para o desenvolvimento econômico nacional, bem como um panorama histórico das exportações brasileiras. Cada uma dessas seções foi elaborada de acordo com as definições e objetivos deste trabalho. Sendo assim, apresenta-se o Quadro 3, que resume os tópicos anteriormente mencionados, bem como suas definições e autores que corroboram com a pesquisa.

Quadro 3 - Síntese do embasamento teórico-conceitual

Tema	Enfoque	Definição Sintetizada	Autores
Relação comercial sino-americana	Primeiros acordos	Início das relações comerciais em 1979	Chung-Song (2009) Alessandria (2001)
	Entrada da China na OMC	Maior liberdade econômica e crescimento	Agarwal (2003) Malawer (2010)
	Possíveis razões para o início da disputa comercial	Déficit da balança comercial, imposição de tarifas, infrações em direitos de propriedade intelectual	Moosa (2020) Mishra (2020) Kapustina et al. (2020)
	Eventos pós disputa comercial e impactos	Diversas barreiras tarifárias, impacto econômico	Itakura (2020) Bown (2021)

Exportação	Conceito e importância	Saída de mercadoria do território aduaneiro	Minervini (2013) Tripoli (2016) Milan (2018)
	Panorama histórico brasileiro	Evolução pauta exportadora	Marconde (2012) Menezes (2010) Comex Stat (2023) Barros et al. (2021) Lima (2019)

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa (2023).

3 DELINEAMENTO DE PESQUISA

Este capítulo versará sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo. Serão apresentados, respectivamente, o delineamento e estratégias da pesquisa, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados.

3.1 NATUREZA

De acordo com Raupp e Baren (2006), os métodos de pesquisa podem ser divididos entre uma abordagem qualitativa ou quantitativa. Segundo esses autores, o método quantitativo pode ser definido como uma coleta de dados e estatísticas, bem como seu tratamento e refino. Já em uma pesquisa qualitativa, são realizadas análises mais incisivas sobre os elementos estudados, buscando maior detalhamento dos processos e fenômenos observados na pesquisa.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa pode ser definida como um conjunto de técnicas que buscam explorar e descrever o sentido dos acontecimentos e fenômenos do mundo social. Além disso, o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa pressupõe de um corte em tempo e espaço de determinado acontecimento do fruto de pesquisa do autor.

Com base na revisão dos métodos de pesquisa apresentados, é importante destacar que o presente trabalho adota uma abordagem qualitativa. Esta escolha se justifica pelo objetivo de analisar e compreender de maneira profunda os movimentos e mudanças na pauta exportadora brasileira durante a disputa comercial entre os Estados Unidos e a China.

Para alcançar esse propósito, a pesquisa contemplará uma ampla coleta de dados secundários com suas respectivas análises, proporcionando informações detalhadas e relevantes para o estudo. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais abrangente dos tópicos em questão, contribuindo para uma discussão de resultados mais rica e completa sobre os resultados dessa pesquisa.

3.2 NÍVEIS

Para Severino (2016), a pesquisa exploratória é responsável pela busca e mapeamento de informações sobre determinado assunto ou objetivo, delimitando tais informações em um campo de trabalho. Segundo Fontelles (2009), a pesquisa com caráter exploratório é responsável por aproximar o tema de trabalho com o pesquisador, por meio de diversas maneiras, tais como:

- a) profunda análise de fatos históricos;
- b) análise de fenômenos relacionados ao problema da pesquisa;
- c) dados estatísticos.

Levando em consideração os objetivos deste trabalho, esta pesquisa será de caráter exploratório, visando essencialmente compreender as possíveis mudanças decorrentes da disputa comercial entre Estados Unidos e China nas exportações brasileiras.

3.3 ESTRATÉGIAS

Considerando os objetivos propostos por esta pesquisa, serão escolhidas as seguintes estratégias de estudo:

- a) pesquisa bibliográfica: A pesquisa bibliográfica, conforme definição de Macedo (2006), engloba uma série de etapas no processo de obtenção de informações relevantes para o estudo, tais como a busca por materiais pertinentes, afunilamento de trabalhos e seleção de documentos que atendam aos objetivos da pesquisa. Complementado esse pensamento, Gil (2007) amplia a compreensão da pesquisa bibliográfica, destacando ser possível encontrá-la em diversas fontes, incluindo livros, artigos científicos, documentos, imagens e publicações diversas.

Nesse contexto, a revisão sistemática da literatura existente permite que este trabalho estabeleça uma base sólida de conhecimento, explorando diversas áreas relacionadas ao tema. Por conta disso, a pesquisa bibliográfica é uma ferramenta essencial na construção deste trabalho, contribuindo para uma análise mais robusta nos estágios subsequentes.

- b) estudo básico qualitativo ou genérico: Segundo Merriam (1998), os estudos qualitativos básicos ou genéricos compartilham algumas similaridades fundamentais com a metodologia qualitativa, porém, não atendem a todas

as especificações necessárias para serem considerados como estudos de caso de alta intensidade. Seu principal objetivo é aprofundar o entendimento sobre um assunto de análise claramente definido e específico.

Com base no exposto, o presente trabalho se enquadra na categoria de estudo básico qualitativo ou genérico, adotando uma abordagem de pesquisa que busca integrar elementos qualitativos para analisar, a partir de dados secundários, os movimentos e mudanças na pauta de exportação brasileira antes e durante o período da disputa comercial entre os Estados Unidos e China. Assim, a ênfase recai sobre a coleta detalhada de dados estatísticos, visando fornecer informações detalhadas e relevantes que enriquecerão a análise destes movimentos.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2006), a coleta de dados é uma tarefa fundamental na pesquisa, visto que são coletadas informações relevantes para o desenvolvimento dos resultados, tais como:

- a) determinação da população a ser estudada;
- b) elaboração de instrumento de coleta;
- c) programação e tipo de dados e de coleta, majoritariamente de dados secundários.

Levando em considerações os objetivos propostos por este trabalho, recorrer-se-á a uma coleta de dados secundários para tabulação, análise de variações e similaridades dos períodos comparados nesta pesquisa. Para cumprir com os objetivos deste trabalho, os dados secundários foram coletados majoritariamente do Censur (2023), no qual, por meio de sua plataforma, foram filtradas informações referentes ao valor das exportações e importações dos Estados Unidos, do ano de 2000 até agosto de 2023, com foco na relação sino-americana. Além disso, para aprofundamento da análise, foram filtradas as exportações e importações dos principais produtos entre China e Estados Unidos no período supracitado.

Outrossim, de maneira a atender as propostas desta pesquisa, foram utilizados os dados do Comex Stat (2023) para obter informações que reiteram sobre o comércio exterior brasileiro, principalmente sobre as relações entre o Brasil, Estados Unidos e China, mas também para com o restante do mundo. Além do mais, as informações

referentes aos principais produtos exportados pelo Brasil, bem como as principais categoriais e setores brasileiros na pauta de exportações foram obtidos a partir do Comex Stat, utilizando-se de filtros e seções da plataforma.

Por fim, tais dados secundários, fornecidos por bases de dados governamentais, foram filtrados, selecionados e analisados através do Microsoft Excel, por meio de tabelas dinâmicas e fórmulas que tinham como objetivo atender e aprofundar as análises.

3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Segundo Teixeira (2003), a análise de dados é um processo intruso que engloba comparações entre dados incompletos e conceitos abstratos, além do raciocínio dedutivo e indutivo. Ademais, a análise de dados pode ser definida como um processo formador de conhecimento que ultrapassa os dados coletados, contribuindo para o processo significativo do estudo.

No presente trabalho, o processo de análise de dados foi realizado por meio de um aprofundamento geral do material coletado, considerando as informações coletadas no referencial teórico e posterior aprofundamento com a análise de dados estatísticos. Em específico, a análise de dados secundários deste estudo foi realizada através do Microsoft Excel, transformando a base de dados fornecida por fontes confiáveis em tabelas dinâmicas, gráficos e tabelas com o objetivo de compreender as mudanças na pauta exportado brasileira antes e durante a vigência da disputa comercial entre Estados Unidos e China. Por fim, essa análise foi obtida pela plataforma por meio de cálculos de soma condicionadas, média e variação percentual.

3.6 SÍNTESE DO EMBASAMENTO METODOLÓGICO

O quadro 4 mostra os principais elementos dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

Quadro 4 - Síntese do embasamento metodológico

Natureza	Nível	Estratégia	Processo de coleta de dados	Análise de dados	Autores
Pesquisa qualitativa	Caráter exploratório	Pesquisa bibliográfica Estudo básico qualitativo ou genérico	Coleta de dados secundários	Gráfico, tabelas e quadros	Neves (1996) Severino (2016) Gil (2007) Merriam (1998) Teixeira (2003)

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do autor (2023)

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção do trabalho serão analisados os dados secundários obtidos por fontes governamentais ou órgãos competentes. Ao longo desta pesquisa, foram desenvolvidos diversas tabelas e gráficos que, após explicitação preliminar, serão estruturados de maneira cronológica para futura discussão de resultados.

4.1 PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DOS ESTADOS UNIDOS

Como exposto por Carvalho e Catermol (2009), a relação comercial sino-americana teve forte desenvolvimento após a entrada da China na Organização Mundial do Comércio. Com base nos dados obtidos pelo Censo dos Estados Unidos, identifica-se pela Tabela 5, que a China, ao final de 2010, era o 3º principal destino das exportações estadunidenses, representando 7% de todas as exportações do país. Em 2000, a China representava apenas 2% das exportações dos Estados Unidos, porém, desde 2009, essa participação chegou a 7%. Esse aumento reflete a crescente importância da China como destino das exportações americanas durante esse período, destacando a ascensão do país asiático como um importante parceiro comercial dos EUA.

Tabela 5 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2000-2010 entre seus principais importadores

Ano	Canada	México	Japão	China	Reino Unido
2000	24%	15%	9%	2%	6%
2001	23%	14%	8%	3%	6%
2002	24%	15%	8%	3%	5%
2003	24%	14%	7%	4%	5%
2004	24%	14%	7%	4%	5%
2005	24%	14%	6%	5%	4%
2006	23%	13%	6%	5%	5%
2007	22%	12%	5%	6%	4%
2008	21%	12%	5%	6%	4%
2009	20%	13%	5%	7%	4%
2010	20%	13%	5%	7%	4%
Média (%)	23%	14%	6%	5%	5%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023) .

Além disso, com base na Tabela 6, identifica-se que a taxa de crescimento total da China no período compreendido foi de 193%, enquanto a do Canadá foi de 41% e do México em 46%. Nessa trajetória, é possível observar o desenvolvimento chinês na economia mundial.

Tabela 6 - Exportações dos Estados Unidos em bilhões de US\$: variação (%) em relação ao ano anterior

Ano	Canadá	Variação (%)	México	Variação (%)	Japão	Variação (%)	China	Variação (%)
2000	178,94	0%	111,35	0%	64,92	0%	16,19	0%
2001	163,42	-9%	101,30	-9%	57,45	-12%	19,18	19%
2002	160,92	-2%	97,47	-4%	51,45	-10%	22,13	15%
2003	169,92	6%	97,41	0%	52,00	1%	28,37	28%
2004	189,88	12%	110,73	14%	53,57	3%	34,43	21%
2005	211,90	12%	120,25	9%	54,68	2%	41,19	20%
2006	230,66	9%	133,72	11%	58,46	7%	53,67	30%
2007	248,89	8%	135,92	2%	61,16	5%	62,94	17%
2008	261,15	5%	151,22	11%	65,14	7%	69,73	11%
2009	204,66	-22%	128,89	-15%	51,13	-22%	69,50	0%
2010	249,26	22%	163,66	27%	60,47	18%	91,91	32%
Total Geral	2.269,60	41%	1.351,92	46%	630,45	-1%	509,23	193%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

A Tabela 7 apresenta a continuação da evolução das exportações dos Estados Unidos para diferentes parceiros comerciais no período de 2010 a 2018. Nota-se que as exportações para o Canadá e para o México se mantiveram relativamente estáveis, representando, respectivamente, 20% e 17% no final do período. No entanto, a China continuou a mostrar um crescimento constante como destino das exportações americanas, atingindo uma participação de 9% em 2017, o que representa um aumento de 2 pontos percentuais em relação a 2010.

Tabela 7 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2010-2018 entre seus principais importadores

(continua)					
Ano	Canadá	México	China	Japão	Reino Unido
2010	20%	13%	7%	5%	4%
2011	20%	14%	7%	5%	4%
2012	19%	14%	7%	5%	4%
2013	20%	15%	8%	4%	3%
2014	20%	15%	8%	4%	3%
2015	19%	16%	8%	4%	4%
2016	19%	16%	8%	4%	4%
2017	19%	16%	9%	5%	4%

2018	19%	17%	7%	5%	4%
Média (%)	19%	15%	8%	5%	4%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Com base na tabela abaixo, é possível identificar que as exportações dos Estados Unidos para a China, no período de 2010 a 2018, não apresentaram um crescimento tão expressivo quanto no período anterior, que havia sido de 193%, porém, continuaram com um crescimento médio de 30%, ficando atrás apenas do México, que teve uma média de 52%.

Tabela 8 - Exportações dos Estados Unidos em bilhões de US\$: variação (%) em relação ao ano anterior

Ano	Canadá	Variação (%)	México	Variação (%)	China	Variação (%)	Japão	Variação (%)
2010	249,26	0%	163,66	0%	91,91	0%	60,47	0%
2011	281,29	13%	198,29	21%	104,12	13%	65,80	9%
2012	292,65	4%	215,88	9%	110,52	6%	69,98	6%
2013	300,75	3%	225,95	5%	121,75	10%	65,24	-7%
2014	312,82	4%	241,01	7%	123,66	2%	66,89	3%
2015	280,86	-10%	236,46	-2%	115,87	-6%	62,39	-7%
2016	266,73	-5%	230,23	-3%	115,59	0%	63,25	1%
2017	282,77	6%	243,61	6%	130,00	12%	67,60	7%
2018	299,73	6%	265,97	9%	120,28	-7%	75,16	11%
Total Geral	2.566,87	20%	2.021,06	52%	1.033,70	30%	596,78	24%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Analisando o período de 2018 a 2023, identifica-se que as exportações para a China mantiveram seu percentual inalterado em relação a outros períodos analisados, mesmo após a vigência da disputa comercial. Esse dado pode sugerir que, apesar das tensões provenientes do conflito, as exportações para a China se mantiveram estáveis, o que pode ser atribuído à necessidade mútua de comércio entre os países.

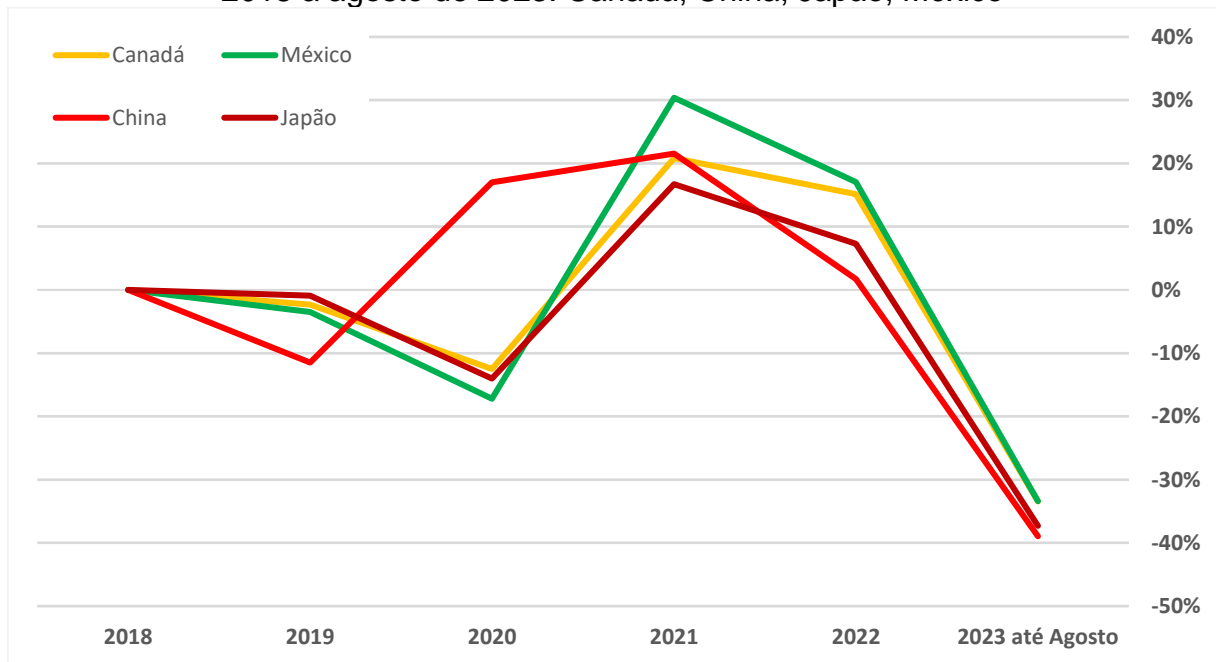
Tabela 9 - Percentual (%) do total das exportações dos Estados Unidos no período de 2018-2023 entre seus principais importadores

Ano	Canadá	México	China	Japão	Reino Unido
2018	19%	17%	7%	5%	4%
2019	18%	16%	7%	5%	4%
2020	19%	15%	9%	5%	4%
2021	18%	16%	9%	4%	4%
2022	18%	16%	8%	4%	4%
2023 até agosto	18%	17%	7%	4%	4%
Média (%)	18%	16%	8%	4%	4%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Com base na Figura 16, é importante observar que a China foi o país, entre os cinco principais, que apresentou o maior decréscimo no número de exportações até agosto de 2023, que apesar do período reduzido, pode sugerir que o governo Biden está alinhado com as políticas de Trump.

Figura 16 - Crescimento (%) das exportações dos Estados Unidos no período de 2018 a agosto de 2023: Canadá, China, Japão, México



Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Diante da análise das exportações dos Estados Unidos, torna-se relevante direcionar a análise para o estudo das importações dos Estados Unidos durante tais períodos. Essa mudança de perspectiva permitirá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas comerciais entre essas duas economias.

A Tabela 10, que tem como base os dados do Censo dos Estados Unidos (2023), revela a importância da China, Canadá e México no contexto do comércio internacional norte-americano. Essas nações desempenham papéis significativos devido às suas substanciais participações nas exportações e importações.

Tabela 10 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2000 e 2010

Ano	Canadá	China	México	Japão	Alemanha
2000	19%	8%	11%	12%	5%
2001	19%	9%	12%	11%	5%
2002	18%	11%	12%	10%	5%
2003	18%	12%	11%	9%	5%

2004	17%	13%	11%	9%	5%
2005	17%	15%	10%	8%	5%
2006	16%	16%	11%	8%	5%
2007	16%	16%	11%	7%	5%
2008	16%	16%	10%	7%	5%
2009	15%	19%	11%	6%	5%
2010	15%	19%	12%	6%	4%
Média (%)	17%	14%	11%	9%	5%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Destaca-se, primeiramente, a ascensão da China nesse cenário. Após a sua adesão à Organização Mundial do Comércio em 2001, observou-se um impacto positivo em suas relações comerciais com os Estados Unidos. Em 2009, a China assumiu a posição de principal país exportador para os norte-americanos, ultrapassando o Canadá. Essa transição é notável, considerando que, nos anos 2000 a China supria 8% das importações estadunidenses, enquanto ao final de 2010, tal parcela era de 19%, crescimento superior aos demais parceiros comerciais.

Durante o período de 2010 a 2018, não houve grandes mudanças, nem nas participações percentuais. No decorrer desse tempo, a China se consolidou como o ator mais proeminente nas importações norte-americanas, com sua participação crescendo de 19% em 2010 para um pico de 22% em 2017, mantendo-se em 21% em 2018.

Tabela 11 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2010 e 2018

Ano	China	Canadá	México	Japão	Alemanha
2010	19%	15%	12%	6%	4%
2011	18%	14%	12%	6%	4%
2012	19%	14%	12%	6%	5%
2013	19%	15%	12%	6%	5%
2014	20%	15%	13%	6%	5%
2015	21%	13%	13%	6%	6%
2016	21%	13%	13%	6%	5%
2017	22%	13%	13%	6%	5%
2018	21%	13%	14%	6%	5%
Média (%)	20%	14%	13%	6%	5%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Por meio da Tabela 12, é possível analisar tendências e desdobramentos significativos nas relações comerciais dos norte-americanos durante o período de

2018 a 2023, além de mostrar importantes movimentos que aconteceram após o início da disputa comercial sino-americana.

A China, que em 2018 tinha uma participação de 21% sobre o total de importações dos Estados Unidos, observou uma queda gradual em sua participação, atingindo um percentual de 18% em 2021, 17% em 2022 e, até o período de agosto de 2023, perdendo o posto de principal país exportador para o México, após liderar por mais de 13 anos esse quesito. A redução pode estar diretamente relacionada a reorganização das cadeias de suprimento globais pós pandemia e às tensões comerciais e restrições impostas pela disputa comercial. Em resumo, a análise realizada destaca a queda gradual da China como principal parceiro importador, a estabilidade do Canadá, Japão e Alemanha como parceiros comerciais sólidos, e a crescente importância do México nas importações norte-americanas, sugerindo novas mudanças na dinâmica de comércio internacional dos Estados Unidos.

Tabela 12 - Percentual (%) do total das importações dos Estados Unidos entre 2018 e 2023

Ano	China	México	Canadá	Japão	Alemanha
2018	21%	14%	13%	6%	5%
2019	18%	14%	13%	6%	5%
2020	19%	14%	12%	5%	5%
2021	18%	14%	13%	5%	5%
2022	17%	14%	13%	5%	5%
2023 até agosto	14%	16%	14%	5%	5%
Média (%)	18%	14%	13%	5%	5%

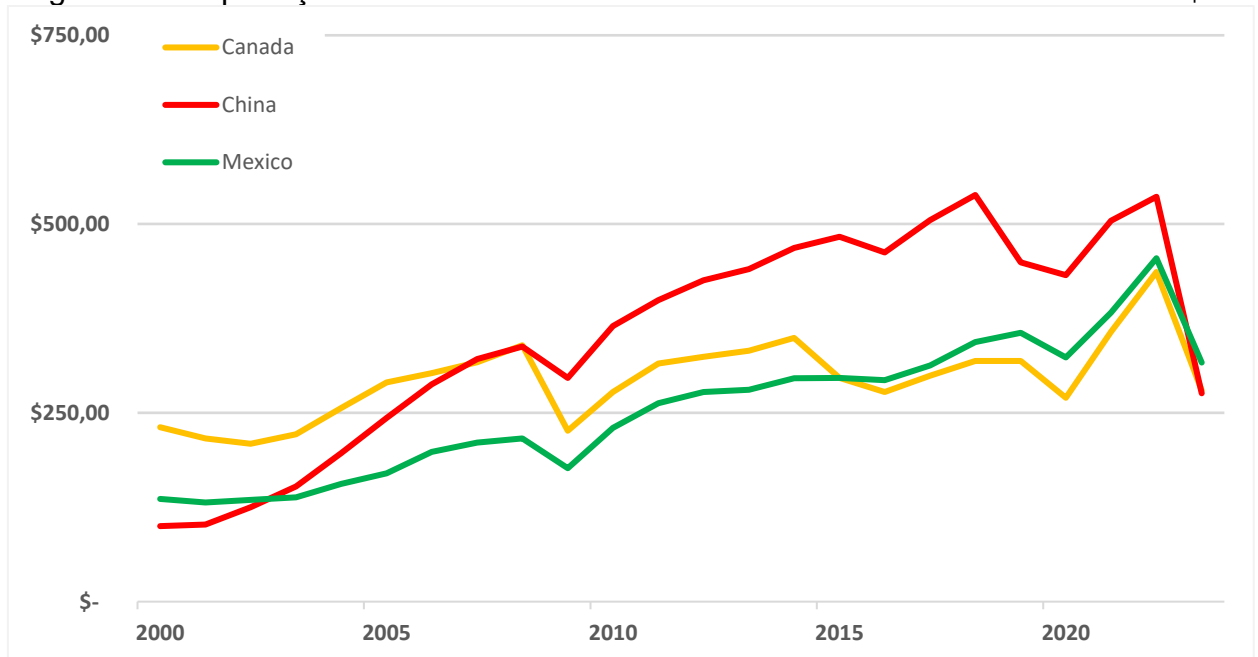
Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Complementando os dados expostos, por meio das Figuras 17 e 18, que buscam analisar respectivamente o decréscimo no número de importações de produtos chineses em 2023 e a evolução da balança comercial entre os Estados Unidos e a China, é possível observar algumas tendências que ocorreram ao longo do período de 2000 a 2023, tais como:

- a) crescimento exponencial, déficit crescente: No início do período, a balança comercial entre os Estados Unidos e a China apresentava um crescimento muito significativo das exportações e importações. No entanto, o déficit comercial dos Estados Unidos com a China aumentou consideravelmente durante o período, passando de aproximadamente US\$83,8 bilhões em 2000 para US\$418,2 bilhões em 2018, praticamente 5 vezes mais.

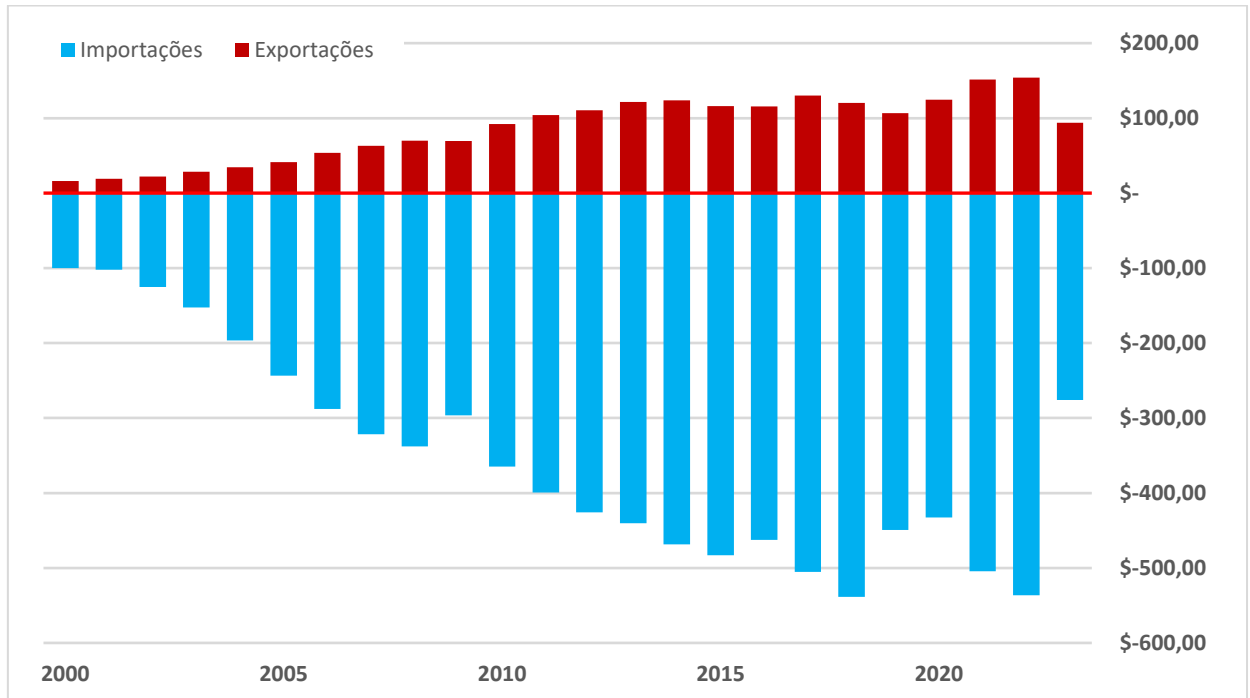
- b) impacto da guerra comercial: Pode-se sugerir que as tensões comerciais que surgiram a partir de 2018 resultaram em uma queda nas importações dos Estados Unidos com a China em 2019 e 2020, resultando em uma redução temporária do déficit comercial, que chegou a US\$307,9 bilhões em 2020, uma queda de 10% em relação ao ano anterior.
- c) recuperação e desafios em 2021 e 2022: As importações dos Estados Unidos provenientes da China se recuperaram em 2021, atingindo US\$504,3 bilhões. No entanto, o déficit comercial continuou a ser substancial, com um saldo negativo de US\$352,9 bilhões. A situação em 2022 mostrou novamente um saldo negativo, de US\$382,3 bilhões.
- d) desaceleração em 2023: Os dados até agosto de 2023 revelam uma desaceleração significativa no déficit da balança comercial americana com a China, que até agosto de 2023 é de US\$181,8 bilhões, com o México se tornando o principal país exportador para os EUA.

Figura 17 - Importações dos Estados Unidos entre 2000 e 2023 em bilhões de US\$



Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Figura 18 - Balança Comercial dos Estados Unidos com a China de 2000 a agosto de 2023



Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

4.1.1 Histórico dos principais produtos exportados pelos Estados Unidos, com foco nas relações sino-americanas

Em consonância com o trabalho desenvolvido por Mishra (2020), realizou-se uma busca, seleção e tabulação de dados referentes aos principais produtos transacionados pelos Estados Unidos e a China de acordo com a seção do Sistema Harmonizado (SH). Com base na análise da Tabela 13, que traz as cinco principais seções de produtos exportados pelos Estados Unidos para a China entre 2000 e 2010, observa-se que a categoria de máquinas e aparelhos elétricos (85), manteve-se como a principal categoria exportadora, representando uma parcela significativa das exportações. Ao mesmo tempo, a categoria 84, que engloba reatores nucleares, caldeiras, máquinas e aparelhos mecânicos, também manteve uma presença notável, embora sua participação total tenha reduzido em decorrência da evolução de outros setores.

Além disso, as outras 03 principais categorias da pauta exportadora estadunidense com destino a China são:

- a) sementes oleosas, grãos diversos, sementes, frutas e plantas (12);

- b) aeronaves, naves espaciais e suas partes (88);
 c) equipamentos de óptica, fotos, instrumentos médicos ou cirúrgicos (90).

Tabela 13 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2000 e 2010, participação total (%)

Ano	85	% total	84	% total	12	% total	88	% total	90	% total
2000	\$ 2,70	17%	\$ 3,49	22%	\$ 1,04	6%	\$ 1,69	10%	\$ 0,81	5%
2001	\$ 3,43	18%	\$ 4,05	21%	\$ 1,03	5%	\$ 2,45	13%	\$ 1,25	7%
2002	\$ 3,95	18%	\$ 4,10	19%	\$ 1,02	5%	\$ 3,43	15%	\$ 1,24	6%
2003	\$ 4,78	17%	\$ 4,64	16%	\$ 2,94	10%	\$ 2,43	9%	\$ 1,59	6%
2004	\$ 6,07	18%	\$ 6,07	18%	\$ 2,37	7%	\$ 1,81	5%	\$ 2,07	6%
2005	\$ 6,85	17%	\$ 6,22	15%	\$ 2,29	6%	\$ 3,79	9%	\$ 2,39	6%
2006	\$ 10,15	19%	\$ 7,50	14%	\$ 2,59	5%	\$ 4,84	9%	\$ 2,93	5%
2007	\$ 10,67	17%	\$ 8,59	14%	\$ 4,18	7%	\$ 5,22	8%	\$ 3,28	5%
2008	\$ 11,37	16%	\$ 9,38	13%	\$ 7,32	11%	\$ 3,91	6%	\$ 3,71	5%
2009	\$ 9,48	14%	\$ 8,40	12%	\$ 9,29	13%	\$ 5,34	8%	\$ 3,96	6%
2010	\$ 11,52	13%	\$ 11,22	12%	\$ 11,04	12%	\$ 5,76	6%	\$ 5,20	6%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Apesar de manter algumas similaridades, no período de 2010 a 2018, houve algumas mudanças notáveis, como se pode notar pela Tabela 14. A categoria 88, que inclui aeronaves e veículos espaciais, emergiu como a principal categoria de exportação, aumentando sua participação total de 6% em 2010 para 15% em 2018. Ao mesmo tempo, as categorias 84 e 12 mantiveram sua presença na lista das 05 principais categorias exportadas, embora com variações moderadas. A categoria 85, que foi a principal categoria no período anterior, viu uma redução de 2 pontos percentuais em sua participação. Por fim, houve uma mudança na 5ª principal categoria na pauta exportadora norte-americana, que foi a substituição de equipamentos de óptica, fotos, instrumentos médicos ou cirúrgicos por veículos, trens, trilhos e suas partes (87).

Tabela 14 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2010 e 2018, participação total (%)

Ano	88	% total	84	% total	12	% total	85	% total	87	% total
2010	\$ 5,76	6%	\$ 11,22	12%	\$ 11,04	12%	\$ 11,52	13%	\$ 4,51	5%
2011	\$ 6,40	6%	\$ 12,25	12%	\$ 10,71	10%	\$ 10,16	10%	\$ 6,77	6%
2012	\$ 8,37	8%	\$ 11,55	10%	\$ 15,15	14%	\$ 9,67	9%	\$ 7,06	6%
2013	\$ 12,59	10%	\$ 12,21	10%	\$ 13,70	11%	\$ 11,39	9%	\$ 10,33	8%
2014	\$ 13,93	11%	\$ 12,49	10%	\$ 14,94	12%	\$ 12,02	10%	\$ 13,27	11%
2015	\$ 15,44	13%	\$ 12,25	11%	\$ 11,06	10%	\$ 12,75	11%	\$ 10,81	9%
2016	\$ 14,58	13%	\$ 11,39	10%	\$ 14,91	13%	\$ 12,38	11%	\$ 11,07	10%

(continua)

2017	\$ 16,27	13%	\$ 12,89	10%	\$ 12,84	10%	\$ 12,33	9%	\$ 12,86	10%
2018	\$ 18,22	15%	\$ 14,20	12%	\$ 3,66	3%	\$ 13,04	11%	\$ 9,41	8%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Por fim, com o intuito de analisar as mudanças na pauta exportadora dos Estados Unidos para a China após o início da disputa comercial, a Tabela 15 traz as 05 principais categorias de exportação norte-americana com destino a China até agosto de 2023. A categoria 88, que se refere a aeronaves e veículos espaciais, e que estava presente em todo o período, de 2000 a 2018, deixou de estar entre os 05 principais setores até agosto de 2023. A categoria 85, que também era um setor relevante no início dos anos 2000 testemunhou uma redução constante. Além disso, a categoria 12, que inclui produtos alimentícios e animais vivos, viu sua participação aumentar no período de 2018 a 2023. É essencial também destacar que a categoria 27, referente a combustíveis minerais, substâncias betuminosas e cera mineral, que até o ano de 2018 não estava presente, emergiu como uma categoria significativa, representando 14% das exportações até agosto de 2023.

Tabela 15 - Principais produtos exportados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) com destino a China entre 2018 e agosto de 2023, participação total (%)

Ano	85	% total	84	% total	12	% total	27	% total	90	% total
2018	\$ 13,04	11%	\$ 14,20	12%	\$ 3,66	3%	\$ 8,45	7%	\$ 9,79	8%
2019	\$ 14,35	13%	\$ 12,77	12%	\$ 8,55	8%	\$ -	4%	\$ -	9%
2020	\$ 17,06	14%	\$ 13,83	11%	\$ 14,89	12%	\$ -	8%	\$ -	8%
2021	\$ 19,42	13%	\$ 16,70	11%	\$ 15,07	10%	\$ 0,00	10%	\$ 0,00	7%
2022	\$ 16,00	10%	\$ 14,91	10%	\$ 18,96	12%	\$ 8,45	9%	\$ 9,79	7%
2023 até agosto	\$ 7,39	8%	\$ 8,70	9%	\$ 7,58	8%	\$ 3,77	14%	\$ 9,75	8%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Em síntese, pode-se dizer que após início da disputa comercial, houve um aumento de exportações dos produtos alimentícios e animais vivos, além de combustíveis minerais e substâncias betuminosas. Entretanto, aeronaves e equipamentos espaciais, que era um dos principais setores até 2018 deixou de figurar entre os 05 mais importantes no período de 2018 até agosto de 2023, a parte de uma redução geral na exportação de máquinas e equipamentos elétricos. Tais mudanças na pauta exportadora estadunidense podem estar ligadas a disputa comercial entre ambos os países, principalmente pelo foco dos EUA em reduzir a exportação de produtos tecnológicos para a China.

4.1.2 Histórico dos principais produtos importados pelos Estados Unidos, com foco nas relações sino-americanas

Ainda com o intuito de aprofundar o estudo deste trabalho, foi realizado uma análise dos dados de importação dos Estados Unidos, principalmente no que tange a relação sino-americana. Por conta disso, a análise das cinco principais categorias de itens importados pelos Estados Unidos da China será realizada em 03 períodos distintos, de 2000 a 2010, de 2010 a 2018, e de 2018 a 2023.

No primeiro período, por meio da Tabela 16, é possível observar que a categoria 85, de máquinas elétricas, equipamentos de som e de tv, foi a categoria de produtos mais importada. Em sequência, a segunda categoria foi a de reatores nucleares, caldeiras, máquinas e partes, que em 2010, finalizou com 23% de participação no total de importações dos Estados Unidos. Ambas as seções, ao final do período, somaram 48% de todas as importações norte-americanas.

As outras 3 categorias, que tiveram maior valor de importação no período, respectivamente, são:

- a) 95, brinquedos, jogos, equipamentos esportivos e suas partes e acessórios;
- b) 94, móveis, roupa de cama, colchão, luminárias e iluminação;
- c) 64, calçados, botinas e suas partes e acessórios.

Tabela 16 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2000 e 2010, participação total (%)

Ano	85	% total	84	% total	95	% total	94	% total	64	% total
2000	\$ 19,53	20%	\$ 13,40	13%	\$ 12,38	12%	\$ 7,20	7%	\$ 9,19	9%
2001	\$ 19,73	19%	\$ 13,72	13%	\$ 12,21	12%	\$ 7,49	7%	\$ 9,76	10%
2002	\$ 24,41	19%	\$ 20,22	16%	\$ 14,44	12%	\$ 9,92	8%	\$ 10,23	8%
2003	\$ 28,79	19%	\$ 29,93	20%	\$ 16,12	11%	\$ 11,82	8%	\$ 10,56	7%
2004	\$ 40,20	20%	\$ 43,84	22%	\$ 17,22	9%	\$ 14,42	7%	\$ 11,35	6%
2005	\$ 53,08	22%	\$ 52,73	22%	\$ 19,14	8%	\$ 17,05	7%	\$ 12,72	5%
2006	\$ 64,89	23%	\$ 62,27	22%	\$ 20,90	7%	\$ 19,36	7%	\$ 13,89	5%
2007	\$ 76,72	24%	\$ 64,03	20%	\$ 26,13	8%	\$ 20,36	6%	\$ 14,13	4%
2008	\$ 80,35	24%	\$ 65,15	19%	\$ 27,18	8%	\$ 19,41	6%	\$ 14,48	4%
2009	\$ 72,94	25%	\$ 62,42	21%	\$ 23,20	8%	\$ 16,02	5%	\$ 13,34	4%
2010	\$ 90,82	25%	\$ 82,72	23%	\$ 24,98	7%	\$ 19,96	5%	\$ 15,92	4%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

No período de 2010 a 2018, é possível identificar algumas tendências nas preferências de importação e na dinâmica comercial entre esses dois países. Como

exposto pela Tabela 17, a categoria 85, que engloba máquinas elétricas, equipamentos de som, tv e suas partes, manteve sua posição como a categoria de importação dominante, com uma participação constante em torno de 28%. Além disso, a categoria de reatores nucleares, caldeiras, máquinas e suas partes também se manteve em segundo lugar, com cerca de 22% das importações. Por outro lado, as categorias 94 (móveis, roupas de cama, colchões, luminárias e iluminação), 95 (brinquedo, jogos e equipamentos esportivos, partes e acessórios) e 64 (calçados, botinas e suas partes e acessórios), mantiveram participações mais baixas, com variações mínimas ao longo do período.

Tabela 17 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2010 e 2018, participação total (%)

Ano	85	% total	84	% total	94	% total	95	% total	64	% total
2010	\$ 90,82	25%	\$ 82,72	23%	\$ 19,96	5%	\$ 24,98	7%	\$ 15,92	4%
2011	\$ 98,70	25%	\$ 94,86	24%	\$ 20,49	5%	\$ 22,62	6%	\$ 16,72	4%
2012	\$ 110,71	26%	\$ 99,13	23%	\$ 22,44	5%	\$ 21,98	5%	\$ 17,15	4%
2013	\$ 117,53	27%	\$ 100,45	23%	\$ 24,13	5%	\$ 21,69	5%	\$ 17,02	4%
2014	\$ 127,34	27%	\$ 105,52	23%	\$ 25,48	5%	\$ 22,65	5%	\$ 17,07	4%
2015	\$ 133,09	28%	\$ 104,16	22%	\$ 28,12	6%	\$ 24,51	5%	\$ 17,28	4%
2016	\$ 128,97	28%	\$ 97,42	21%	\$ 29,07	6%	\$ 23,78	5%	\$ 14,82	3%
2017	\$ 147,02	29%	\$ 109,44	22%	\$ 31,91	6%	\$ 25,50	5%	\$ 14,25	3%
2018	\$ 151,93	28%	\$ 116,05	22%	\$ 34,69	6%	\$ 26,63	5%	\$ 14,04	3%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Por fim, a Tabela 18 traz a análise do período de 2018 a 2023. Durante esse período, a categoria 85 continuou sendo a principal categoria de importação, com uma participação constante em torno de 27%. A categoria 84 também se manteve na segunda colocação.

Além do exposto, é possível observar que as categorias 95 e 94 continuam no *ranking*, com variações mínimas ao longo de todos os períodos. Ademais, a categoria 39, que se refere a plásticos e artigos de plásticos, emergiu como uma nova categoria de importação significativa, representando cerca de 4% das importações até agosto de 2023.

Tabela 18 - Principais produtos importados pelos Estados Unidos (US\$ bilhões) provenientes da China entre 2018 e agosto de 2023, participação total (%)

Ano	85	% total	84	% total	95	% total	94	% total	39	% total
2018	\$ 151,93	28%	\$ 116,05	22%	\$ 26,63	5%	\$ 34,69	6%	\$ 19,10	4%
2019	\$ 124,94	28%	\$ 91,32	20%	\$ 25,30	6%	\$ 26,33	6%	\$ 17,81	4%
2020	\$ 110,81	26%	\$ 96,66	22%	\$ 26,26	6%	\$ 22,70	5%	\$ 19,99	5%
2021	\$ 130,14	26%	\$ 110,53	22%	\$ 37,22	7%	\$ 27,21	5%	\$ 23,91	5%
2022	\$ 141,03	26%	\$ 107,77	20%	\$ 39,52	7%	\$ 25,26	5%	\$ 22,95	4%
2023*	\$ 74,17	27%	\$ 56,94	21%	\$ 19,15	7%	\$ 12,11	4%	\$ 12,06	4%

Elaboração própria, com base em dados do Censo dos Estados Unidos (2023).

Com base nos dados expostos, é possível identificar que a pauta importadora dos Estados Unidos não teve uma mudança significativa em nenhuma de suas 03 principais categorias de itens desde o início dos anos 2000, de toda forma, é importante considerar que o volume importado pelos Estados Unidos é extremamente relevante para a economia global, sendo que as demais categorias, neste estudo não analisadas, podem ser impactantes para outros países e blocos econômicos.

4.2 EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA PRÉ DISPUTA COMERCIAL

Frente ao tema desta pesquisa, que diz respeito às influências na pauta das exportações brasileiras em decorrência do conflito comercial entre China e Estados Unidos, torna-se relevante abordar de maneira aprofundada as exportações do Brasil e suas características em relação a ambos os países. Segundo Lima (2019), é necessário compreender alguns remodelamentos no comércio internacional durante o século XXI para o entendimento de como o Brasil desenvolveu sua política internacional, principalmente com relação aos Estados Unidos. Dentre as principais transformações, pode-se citar:

- a) intensificação do unilateralismo dos Estados Unidos em relação a países do Ocidente entre o período de 2000-2010;
- b) ascensão da China pós entrada na OMC em 2001;
- c) valorização das commodities agrícolas a partir de 2003;
- d) mudança na estrutura dos eixos de desenvolvimento mundial, tais como: o desenvolvimento da Ásia, do Brics e a reconfiguração a União Europeia;
- e) crescimento dos fluxos de comércio com países que não eram tão relevantes até 1990;

- f) maior proatividade brasileira em negociações econômicas multilaterais;
- g) cenário regional na América do Sul sem liderança ou país dominante, mas com diálogo construtivo.

De acordo com Vigevani (2011), os movimentos diplomáticos brasileiros mostravam um interesse afirmativo e proativo para ter maior visibilidade na economia mundial. Além disso, durante o governo Lula, que ocorreu durante 2003 a 2011, a política externa brasileira, focada na autonomia e universalismo deixava claro que o objetivo do Brasil era de ser um país mais impactante e autônomo frente à economia global.

Ainda durante o governo Lula, para Olivera (2021), os Estados Unidos foram, historicamente, um dos principais parceiros comerciais do Brasil. Porém, após a crise financeira e imobiliária de 2009, se pode notar que os norte-americanos perderam a isonomia nas pautas comerciais brasileiras, em um cenário favorável para que a China despontasse como o principal destino das exportações brasileiras.

Por essas razões, recorrer-se-á uma comparação de dados da pauta exportadora brasileira para compreender a evolução da China como o principal parceiro comercial do Brasil, bem como os principais setores e produtos mais impactados.

Com base nos dados obtidos do Comex Stat (2023), é possível observar que houve um crescimento expressivo no valor exportado para os Estados Unidos ao longo do período, acompanhado por variações significativas em relação ao ano base e mudanças na participação percentual em relação ao total de exportações. Em 2000, o valor exportado para os Estados Unidos foi de 13 bilhões de dólares, representando 24% sobre o total de exportações do Brasil na época. Durante os 03 anos seguintes, se pode notar um aumento considerável tanto no valor exportado como na participação percentual, que chegou a atingir 25% em 2002. Apesar de uma crescente evolução no valor exportado até 2008, foi possível identificar que durante o período da grande crise financeira em 2009, houve uma grande redução no valor total exportado para os Estados Unidos, chegando a US\$15 bilhões de dólares, valor menor que o exportado em 2003 e com a participação percentual caindo para 10%, valor este muito inferior ao início do período.

Tabela 19 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2000 a 2010)

Ano	Valor exportado em bilhões de US\$	Variação % ao ano anterior	Participação do total
2000	\$ 13,16	-	24%
2001	\$ 14,15	8%	24%
2002	\$ 15,33	8%	25%
2003	\$ 16,66	9%	23%
2004	\$ 20,00	20%	21%
2005	\$ 22,64	13%	19%
2006	\$ 24,50	8%	18%
2007	\$ 25,05	2%	16%
2008	\$ 26,55	6%	14%
2009	\$ 15,59	-41%	10%
2010	\$ 19,30	24%	10%
Média	\$ 19,36	6%	19%

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

Durante a década seguinte, abrangendo os governos de Dilma Rousseff (2011-2016) e Michel Temer (2016-2018), a política externa brasileira passou por períodos de reaproximação e distanciamento em relação aos Estados Unidos, visando ampliar o comércio de forma mais ampla, com enfoque na multilateralidade e no fortalecimento das relações com países do BRICS e da América do Sul. Essa estratégia tinha como objetivo diversificar os mercados de exportação e reduzir a dependência econômica de um único país. Apesar das mudanças políticas e econômicas ocorridas no período, o Brasil buscou fortalecer suas relações comerciais com parceiros tradicionais e explorar novas oportunidades de comércio (LIMA, 2019).

Com base na Tabela 20, é possível verificar que no 1º ano do governo Dilma, o Brasil aumentou as exportações em 33% para os Estados Unidos, fato este, que está diretamente ligado aos impactos econômicos causados pelo *crash* da bolsa de valores americana em 2009. Apesar disso, o crescimento das exportações brasileiras para os norte-americanos foi inconsistente, sem um aumento factual a ser notado e com uma redução na participação anual em 7 pontos percentuais em relação ao período anterior. Ademais, é importante ressaltar que a diminuição nas exportações em 2015 e 2016 está ligada a recessão da economia brasileira durante o período, a qual o PIB brasileira recuou 3,5%.

Tabela 20 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2010 a 2018)

Ano	Valor exportado em bilhões de US\$	Variação % ao ano anterior	Participação do total
2010	\$ 19,30	-	10%
2011	\$ 25,78	34%	10%
2012	\$ 26,65	3%	11%
2013	\$ 24,64	-8%	11%
2014	\$ 27,02	10%	12%
2015	\$ 24,04	-11%	13%
2016	\$ 23,16	-4%	13%
2017	\$ 26,87	16%	12%
2018	\$ 28,70	7%	12%
Média	\$ 25,13	6%	12%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Já em relação a China, com base na Tabela 21, identifica-se um crescimento expressivo e contínuo no valor exportado, bem em como sua participação percentual. Em 2000, o valor exportado para a China foi de US\$1 bilhão, com uma participação de total de 2%. A partir desse período, observa-se um aumento acentuado nas exportações, com aumento percentual em relação ao ano base de 902%. Além disso, ao final do período, a China atingiu um valor exportado de US\$30 bilhões, número este 30 vezes maior que em 2000.

Tabela 21 - Exportações brasileiras para a China: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2000 a 2010)

Ano	Valor FOB em Bilhões de US\$	Variação % ao ano anterior	Participação do Total
2000	\$ 1,08	-	2%
2001	\$ 1,90	76%	3%
2002	\$ 2,51	32%	4%
2003	\$ 4,53	80%	6%
2004	\$ 5,43	20%	6%
2005	\$ 6,83	26%	6%
2006	\$ 8,40	23%	6%
2007	\$ 10,78	28%	7%
2008	\$ 16,52	53%	8%
2009	\$ 20,99	27%	14%
2010	\$ 30,74	46%	15%
Média	\$ 9,97	41%	7%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

No período de 2010 a 2018, enfatiza-se que as exportações brasileiras para a China cresceram de US\$30 bilhões em 2010 para 63,93 bilhões de dólares em 2018,

consolidando-se ainda mais como o principal destino das exportações brasileiras, com uma participação média no período de 20%.

Tabela 22 - Exportações brasileiras para a China: Valor exportado, variação ao ano anterior e porcentagem de participação sobre o total (2010 a 2018)

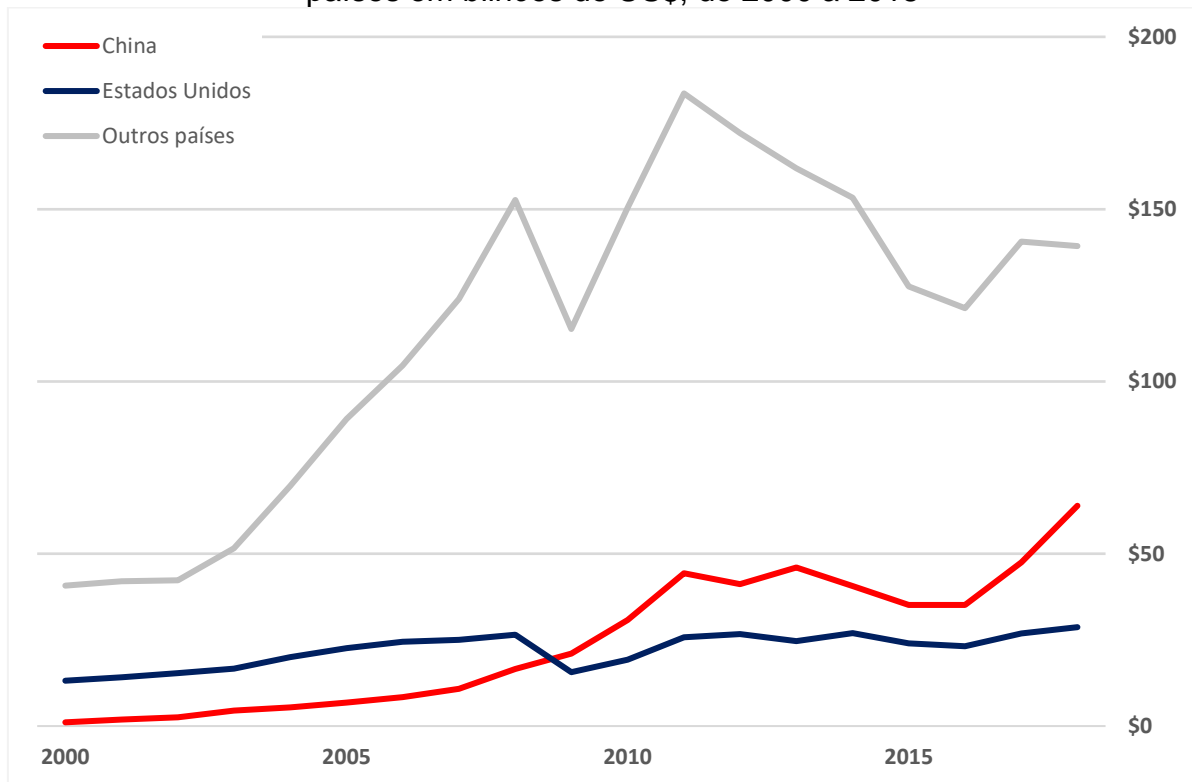
Ano	Valor exportado em bilhões de US\$	Variação % ao ano anterior	Participação do total
2010	\$ 30,75	-	15%
2011	\$ 44,30	44%	17%
2012	\$ 41,23	-7%	17%
2013	\$ 46,02	12%	20%
2014	\$ 40,61	-12%	18%
2015	\$ 35,16	-13%	19%
2016	\$ 35,13	0%	20%
2017	\$ 47,49	35%	22%
2018	\$ 63,93	35%	28%
Média	\$ 42,74	12%	20%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

As informações apresentadas nesta seção proporcionam uma visão clara da evolução das exportações brasileiras para os Estados Unidos e a China durante o período de 2000 a 2018. É evidente que as exportações para os Estados Unidos apresentaram um crescimento constante e elevado até 2008, dobrando o seu valor em relação ao ano base, todavia, após a crise financeira de 2009, acabou perdendo o posto de maior importador do Brasil. Em contrapartida, as exportações para a China demonstraram um crescimento constante e substancial durante todo o período analisado, consolidando-a como o principal destino das exportações brasileiras.

De forma a complementar essa análise, a Figura 19, mostra a solidificação da China como o principal parceiro comercial do Brasil em relação aos Estados Unidos e ao restante do mundo.

Figura 19 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos e outros países em bilhões de US\$, de 2000 a 2018

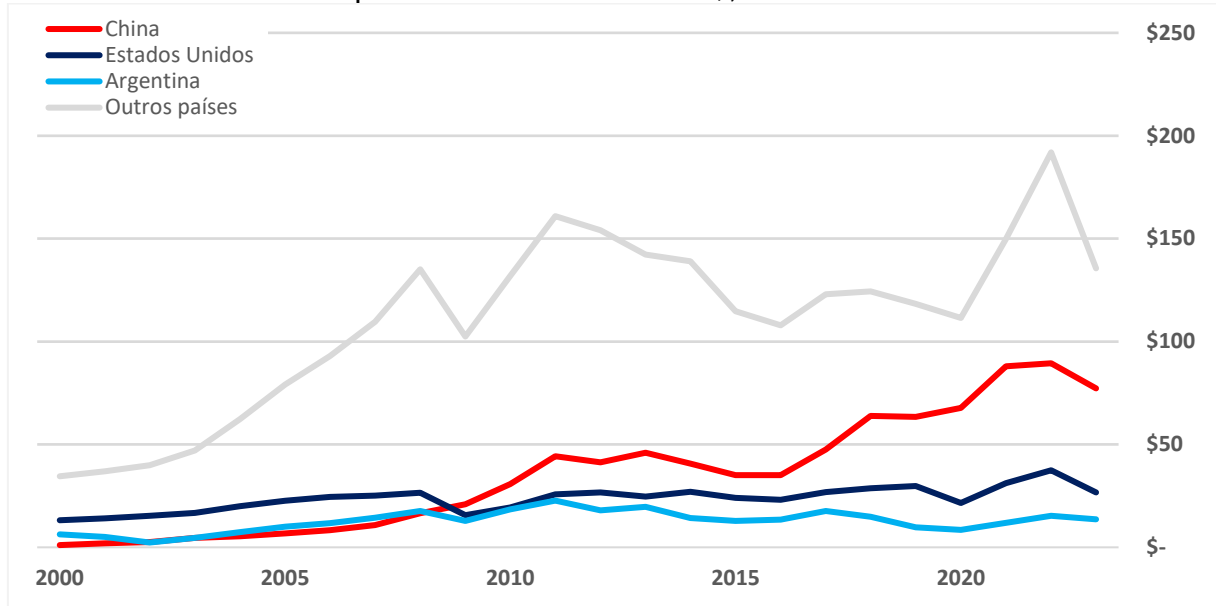


Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

4.2.1 Evolução das exportações brasileiras entre Estados Unidos e China pós início da disputa comercial

Como mencionado anteriormente, os Estados Unidos e a China ocupam posições de destaque como os dois principais parceiros comerciais do Brasil, sendo extremamente cruciais para o desenvolvimento da economia do país. De acordo com a Figura 20, é possível observar o progresso e a solidificação da China como o principal destino das exportações brasileiras, além da transição dos Estados Unidos de 1º para o 2º principal destino das exportações brasileiras, fato este que ocorreu em 2009.

Figura 20 - Valor exportado pelo Brasil para a China, Estados Unidos, Argentina e outros países em bilhões de US\$, de 2000 a 2022



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do Comex Stat (2023).

4.3 PRINCIPAIS SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS EM TERMOS DE EXPORTAÇÃO PRÉ DISPUTA COMERCIAL

Esse capítulo versa sobre os principais setores econômicos em termos de exportação do Brasil, trazendo uma série de análises que demonstram o comércio brasileiro internacional para com os Estados Unidos e a China. Para isso, será utilizado a Classificação uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), utilizando do filtro de seção, de modo a comparar as 5 principais seções de exportação brasileira.

Quadro 5 - Seções da CUCI

Código CUCI Seção	Descrição CUCI Seção
0	Produtos alimentícios e animais vivos
1	Bebidas e tabaco
2	Matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis
3	Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados
4	Óleos animais e vegetais, gorduras e ceras
5	Produtos químicos e relacionados, n.e.p.
6	Artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material
7	Máquinas e equipamentos de transporte
8	Obras diversas
9	Mercadorias e transações não especificadas em outras partes da CUCI

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Com a análise dos dados apresentados na Tabela 23, pode-se crer ao pensamento de que os artigos manufaturados e as máquinas e equipamentos de transporte foram os principais produtos exportados pelo Brasil para os Estados Unidos durante o período de 2000 a 2010. Além disso, pode-se ressaltar o crescimento da exportação de combustíveis minerais, que saltou de uma participação relativa de 4% para 21%. De toda forma, apesar das máquinas e equipamentos de transporte terem sido a categoria com o maior valor médio durante o período mencionado, é possível observar uma queda de participação nos últimos anos, já que em 2005, sua participação era de 34% e em 2010 foi de 19%. Outrossim, os artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material (6) foram a 2ª principal seção da pauta exportadora brasileira para os Estados Unidos durante o período, mantendo uma média de participação de 24%. Por fim, é válido enfatizar o aumento no número de exportações na categoria de combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados, que tinha uma participação de 4% em 2000 e foi para 21% em 2010, sendo nesse ano, a 2ª principal categoria em valor exportado.

Tabela 23 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos:
Participação relativa (%) (2000-2010)

CUCI	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Média
7	39%	43%	43%	38%	33%	34%	29%	27%	26%	24%	19%	32%
6	22%	19%	21%	21%	30%	29%	28%	26%	24%	22%	22%	24%
3	4%	7%	6%	10%	6%	6%	10%	15%	19%	17%	21%	11%
0	8%	6%	7%	8%	7%	7%	8%	9%	8%	13%	12%	8%
8	12%	12%	11%	10%	10%	9%	7%	6%	4%	6%	5%	8%
Total	84%	87%	88%	87%	86%	85%	81%	82%	81%	81%	79%	84%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

No período de 2011 a 2018, repara-se na concentração das exportações em máquinas e equipamentos de transporte (7), com uma participação relativa média de 26%, bem como a de artigos manufaturados (6), em termos relativos de 24%. Outro aspecto importante a ser notado é a entrada da categoria de produtos químicos e relacionados (5) no lugar de obras diversas (2,) que foi a quinta principal categoria no período de 2000 a 2010, com uma participação relativa média de 8%. Além disso, é notório observar que as principais categorias na pauta de exportação brasileira para os Estados Unidos durante o período de 2000 a 2018, foram respectivamente:

- a) artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material;

- b) combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados;
- c) máquinas e equipamentos de transporte;
- d) produtos alimentícios e animais vivos;
- e) produtos químicos e relacionados, N.E.P.

Tabela 24 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos:
Participação relativa (%) (2010-2018)

CUCI	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Média
7	18%	20%	22%	26%	31%	35%	31%	29%	26%
6	24%	24%	25%	26%	25%	22%	23%	25%	24%
3	23%	21%	15%	13%	9%	6%	11%	13%	14%
0	13%	10%	10%	10%	12%	11%	10%	9%	11%
5	10%	12%	12%	8%	8%	9%	9%	8%	10%
Total	88%	87%	84%	83%	85%	83%	84%	84%	85%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Conforme demonstram as Tabela 25 e 26, a China concentra suas importações principalmente em matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis (2), com uma média de 67% de participação relativa no período de 2000 a 2010 e de 73% de 2011 a 2018. No período de 2000 a 2010, a segunda principal categoria foi de artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material (6), com média de 10% de participação. Por outro lado, diferentemente dos Estados Unidos, a China concentrou suas importações em uma só seção, sem apresentar grandes mudanças estruturais. Além do citado, pode-se notar um decréscimo na participação relativa de exportações de máquinas e equipamentos do transporte, em um movimento similar ao dos Estados Unidos.

De modo a aprofundar a análise já realizada, por meio do desdobramento das seções da Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), verifica-se que o principal produto importado pelo China durante o período de 2000 a 2010 foi o minério de ferro, representando 34% de todas as importações durante o tempo mencionado. Em segundo lugar, o item mais exportado pelo Brasil foi a soja, representando 28% de todas as exportações brasileiras. Ambos os itens, juntos, representam mais de 60% de todas as exportações do Brasil para a China, demonstrando uma concentração muito forte do país em *commodities*.

Tabela 25 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2000-2010)

CUCI	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Média
2	66%	64%	66%	57%	61%	62%	70%	69%	70%	75%	72%	67%
6	8%	8%	12%	22%	13%	13%	8%	10%	6%	8%	4%	10%
7	9%	18%	11%	10%	8%	6%	5%	4%	4%	3%	2%	7%
3	3%	2%	0%	1%	4%	8%	10%	8%	10%	6%	13%	6%
4	2%	0%	5%	6%	9%	3%	1%	3%	5%	2%	3%	4%
Total	88%	92%	94%	96%	95%	92%	94%	94%	95%	94%	94%	94%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Em relação aos principais produtos exportados pelo Brasil para a China, no período de 2011 a 2018, nota-se umas similaridades aos EUA, no qual as categorias 6, 3, 7 e 0 estão entre as principais categorias exportados, porém, com participações relativas distintas. Outrossim, é possível observar uma concentração das exportações brasileiras na categoria de matérias em brutos, não comestíveis, exceto combustíveis (2), com uma participação sobre o total média no período de 73%. Por fim, verifica-se um aumento de 12 pontos percentuais na categoria de Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados (3) em relação ao período de 2000 a 2010.

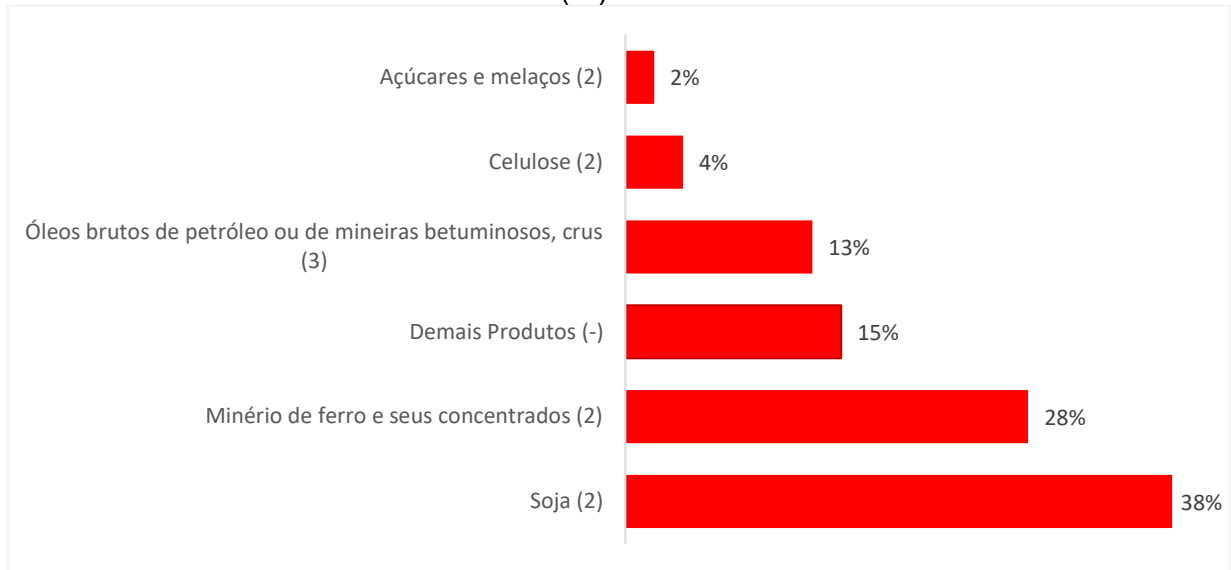
Tabela 26 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2010-2018)

CUCI	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Média
2	75%	72%	77%	79%	71%	70%	72%	68%	73%
3	11%	12%	9%	9%	12%	11%	16%	23%	13%
0	4%	4%	4%	4%	6%	8%	4%	5%	5%
6	3%	4%	4%	5%	6%	5%	3%	3%	4%
7	2%	3%	2%	1%	3%	3%	2%	1%	2%
Total	95%	95%	96%	98%	98%	97%	97%	100%	97%

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Complementando essa análise, por meio da Figura 21, verifica-se que no período de 2011 a 2018 o principal produto exportado pelo Brasil para a China foi a soja, representando 38% em termos relativos do valor total. Além disso, outros produtos como minério de ferro e seus concentrados, que antes era o principal produto exportado pelo Brasil e se tornou o 2º, teve uma porcentagem relativa de 28%.

Figura 21 - Principais itens exportados pelo Brasil para a China entre 2011 e 2018, em (%) relativa



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

Em síntese, o quadro 6 traz as principais análises e conclusões obtidas pela coleta de dados de exportação, de acordo com a classificação CUCI antes do início da guerra comercial.

Quadro 6 - Panorama das exportações brasileiras antes da disputa comercial

Panorama exportações (CUCI) para os Estados Unidos	Panorama exportações (CUCI) para a China
Setores diversos, com concentrações relativas em cada	Maior concentração em um setor
Itens básicos, manufaturados e <i>commodities</i>	<i>Commodities</i>
Importações variam relativamente, porém sem mudar necessariamente as categorias de produto	Importações seguem um padrão constante

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comex Stat (2023).

4.3.1 Principais setores econômicos brasileiros em termos de exportação pós início da disputa comercial

Com o intuito de estender o entendimento das exportações brasileiras pós início da disputa comercial, buscou-se desagregar a análise das exportações brasileiras entre os Estados Unidos e a China, avaliando suas possíveis implicações.

Dessa forma, ao analisar as principais categorias de produtos exportadas pelo Brasil para os Estados Unidos, nota-se uma grande mudança após o início da disputa

comercial, que é a entrada da categoria de matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis (2) entre as 05 principais seções da Classificação Uniforme para o Comércio Internacional, com uma média de 12% entre período de 2018 a 2022 e a saída da categoria de produtos químicos e relacionados (5), que no período anterior representava 10% e passou a ser 8%. Além disso, de acordo com as informações da Tabela 27, verifica-se que os Estados Unidos aumentaram em 8 pontos percentuais a importação de produtos manufaturados, classificados de acordo com o material (6) e diminuiu em 10 pontos percentuais a importação de máquinas e equipamentos de transporte (7).

Tabela 27 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para os Estados Unidos: Participação relativa (%) (2018-2022)

CUCI	2018	2019	2020	2021	2022	Média
6	25%	24%	27%	33%	32%	28%
7	29%	27%	25%	18%	19%	23%
3	13%	17%	10%	13%	15%	14%
0	9%	9%	13%	12%	12%	11%
2	9%	9%	11%	11%	10%	10%
Total	85%	86%	86%	87%	88%	86%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

Já para a China, foi possível identificar entrada da categoria de produtos químicos e relacionados (5) no lugar de máquinas equipamentos de transporte (7), que tinha uma média de apenas 2%. Além disso, é possível observar que a seção de obras diversas (2) se manteve como a principal categoria, mantendo uma média de participação de 65%, assim como a categoria de combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados (3), que se manteve no 2º lugar.

Tabela 28 - Principais Produtos Exportados pelo Brasil para a China: Participação relativa (%) (2018-2022)

CUCI	2018	2019	2020	2021	2022	Média
2	68%	62%	66%	70%	62%	65%
3	23%	24%	17%	16%	19%	20%
0	5%	8%	12%	9%	14%	10%
6	3%	3%	4%	2%	2%	3%
5	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Total	100%	98%	100%	98%	98%	99%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

Com base na análise das exportações brasileiras para os Estados Unidos, tanto no período antecedente a disputa comercial quanto pós início desse conflito, pode-se destacar as seguintes conclusões:

- a) antes da disputa comercial o Brasil exportava principalmente produtos manufaturados, itens básicos e equipamentos de transporte;
- b) após a vigência da disputa comercial, observou-se uma significativa entrada da categoria de matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis (2) entre as principais exportações, enquanto a categoria de produtos químicos e relacionados (5) perdeu participação;
- c) houve uma reconfiguração nas preferências de importação dos Estados Unidos, com um aumento nas importações de produtos manufaturados (6) e uma redução na participação da categoria máquinas e equipamentos de transporte (7).

Já em relação as exportações brasileiras com destino a China, pode-se apropriar ao pensamento das seguintes conclusões:

- a) estabilidade nas importações provenientes do Brasil;
- b) matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis foi a principal seção de exportação brasileira para a China antes e após o início da disputa comercial, apresentando um aumento de 07 pontos percentuais na média após início do conflito.;
- c) combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados (3) permaneceram como a segunda categoria de importação mais relevante e importante para a China.

4.4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS CLASSIFICADAS DE ACORDO COM A INTENSIDADE TECNOLÓGICA PRÉ DISPUTA COMERCIAL

Este capítulo trata sobre as exportações brasileiras de produtos manufaturados, classificados de acordo com a sua intensidade tecnológica. Utilizando os dados da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é possível distinguir qual a intensidade tecnológica das exportações brasileiras por meio da Classificação Internacional Normalizada de Todas as Atividades Econômicas (CINI), que é referência na classificação de atividades produtivas. As exportações são desagregadas por níveis, tais como:

- a) alta tecnologia;
- b) média-alta tecnologia;
- c) média tecnologia;
- d) média-baixa tecnologia;
- e) baixa tecnologia.

A Tabela 29 mostra uma mudança significativa no perfil das exportações brasileiras para os Estados Unidos ao longo da década de 2000. Inicialmente, o Brasil exportava produtos de média a alta intensidade tecnológica, no entanto, a partir de 2006, o cenário foi transformado, com os principais produtos sendo de média e baixa tecnologia. Ainda assim torna-se possível discernir que no período de 2011 a 2018 não houve grandes mudanças neste setor, salvo o crescimento das exportações de alta tecnologia para os Estados Unidos, que saiu de 6% em 2011 para 17% em 2018, além de um decréscimo nas exportações de baixa tecnologia, uma mudança positiva no setor de manufatura brasileiro.

Tabela 29 - Exportações brasileiras (manufatura) para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2000-2018

(continua)

Nível tecnológico	Alta	Média-alta	Média	Média-baixa	Baixa
2000	23%	22%	18%	28%	9%
2001	28%	21%	16%	30%	6%
2002	25%	23%	16%	28%	8%
2003	19%	23%	15%	33%	9%
2004	16%	22%	23%	30%	9%
2005	15%	26%	24%	25%	10%
2006	9%	28%	24%	23%	15%
2007	10%	24%	23%	22%	20%
2008	11%	23%	22%	18%	25%
2009	10%	24%	17%	21%	28%
2010	6%	23%	18%	20%	32%
2011	6%	23%	22%	15%	35%
2012	7%	26%	21%	14%	31%
2013	12%	24%	22%	17%	26%
2014	16%	19%	23%	16%	26%
2015	22%	18%	22%	18%	20%
2016	25%	21%	20%	19%	15%
2017	20%	21%	22%	18%	19%
2018	17%	21%	24%	20%	18%
Média	16%	23%	21%	22%	19%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

Ao analisar a Tabela 30, é possível inferir que o panorama das exportações brasileiras para a China apresenta uma estrutura notavelmente distante em relação aos Estados Unidos. Considerando o período de 2000 a 2010, constata-se que as principais importações chinesas foram de produtos classificados como de baixa tecnologia, com 84% de participação relativa. Além disso, verifica-se que a China zerou sua importação de produtos de alta tecnologia em 2018, sendo que no início do período, esse valor representava 5% do total, ademais, a importação de produtos classificados como média-alta intensidade tecnológica também foi extremamente reduzida, saindo de 9% em 2000 para 1% em 2018. Por conta disso, se pode notar que a China aumentou ainda mais as importações de produtos de baixa tecnologia, tendo uma participação relativa de 74% sobre o total.

Tabela 30 - Exportações brasileiras (manufatura) para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2000-2018

Nível Tecnológico	Alta	Média-alta	Média	Média-baixa	Baixa
2000	5%	9%	5%	16%	66%
2001	6%	14%	4%	16%	60%
2002	1%	12%	7%	18%	61%
2003	1%	12%	18%	19%	50%
2004	1%	8%	10%	23%	59%
2005	1%	8%	9%	15%	67%
2006	1%	8%	3%	15%	74%
2007	1%	6%	6%	14%	74%
2008	2%	3%	4%	13%	78%
2009	2%	3%	7%	10%	77%
2010	2%	2%	3%	11%	83%
2011	2%	2%	2%	10%	84%
2012	3%	2%	2%	11%	81%
2013	1%	2%	3%	11%	84%
2014	1%	2%	3%	12%	83%
2015	1%	3%	4%	14%	78%
2016	1%	3%	3%	17%	76%
2017	1%	2%	2%	12%	83%
2018	0%	1%	2%	11%	85%
Média	2%	5%	5%	14%	74%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

Com base nessas informações, conclui-se que emerge uma transição distintiva no perfil das exportações brasileiras neste período. Antes de 2010, os Estados Unidos lideravam como o principal parceiro comercial do Brasil, absorvendo produtos de

diversos níveis tecnológicos. Entretanto, a solidificação da China como o principal destino das exportações brasileiras conduziu a uma contínua concentração em produtos de baixa tecnologia. Essa análise sugere uma notável capacidade de adaptação do Brasil às diferentes demandas internacionais, evidenciando também as complexas dinâmicas do comércio internacional que moldaram a evolução dessas exportações.

Ainda assim, é possível observar uma mudança em alinhamento com o estudo de Lima (2019), que concluiu que o Brasil passou por uma transformação na inserção externa internacional, passando a ser um país com foco em produtos básicos e *commodities* em detrimento de produtos com maior intensidade tecnológica e consequentemente maior valor agregado.

4.4.1 Exportações brasileiras classificadas de acordo com a intensidade tecnológico pós início da disputa comercial

Com o intuito de aprimorar e ampliar a análise feita no subcapítulo anterior, foi realizado um estudo comparativo entre as exportações brasileiras classificadas por nível tecnológico em relação a cada uma das nações após o ano de início da disputa comercial. Com base nas Tabelas 31 e 32, se pode notar que houve uma redução de 9 pontos percentuais nas exportações de alto nível tecnológico para os Estados Unidos, aumentando as suas exportações de média-baixa e baixa tecnologia, como por exemplo as *commodities*. Tal constatação pode sugerir que esse aumento foi consequência da disputa comercial, já que a China impôs tarifas sobre *commodities* agrícolas dos EUA , abrindo uma oportunidade para o mercado brasileiro.

Já no que tange a China, é possível observar uma redução de 7 pontos percentuais nas exportações de baixa tecnologia, com um aumento de 8 pontos percentuais na categoria de média-baixa tecnologia. De toda forma, identifica-se uma concentração elevada em produtos com baixa tecnologia, com uma participação de 81%. Outrossim, observa-se que as vendas de produtos de média a alta intensidade tecnológica foram praticamente zeradas, enfatizando os contrastes significativos na pauta exportadora brasileira perante a China e aos Estados Unidos.

Tabela 31 - Exportações brasileiras (manufatura) para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2018-2023

Nível Tecnológico	Alta	Média-alta	Média	Média-baixa	Baixa
2018	17%	21%	24%	20%	18%
2019	14%	22%	22%	23%	19%
2020	12%	22%	23%	27%	16%
2021	7%	19%	29%	25%	19%
2022	8%	19%	28%	22%	23%
Média	12%	21%	25%	23%	19%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

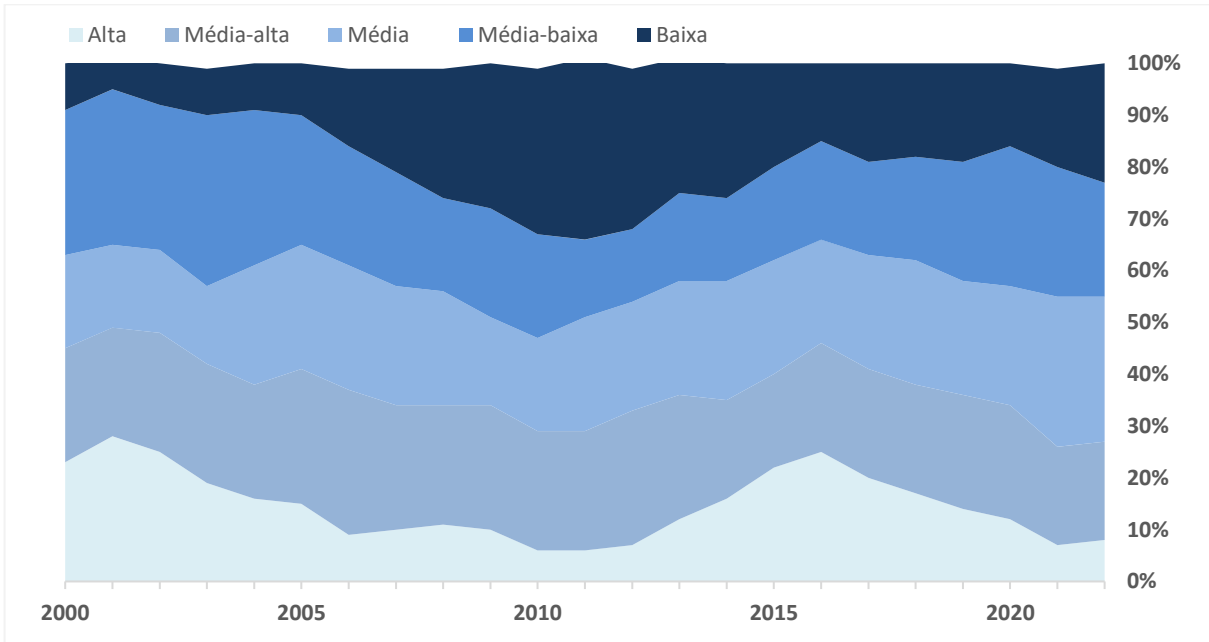
Tabela 32 - Exportações brasileiras (manufatura) para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, participação relativa (%), 2018-2023

Nível Tecnológico	Alta	Média-alta	Média	Média-baixa	Baixa
2018	0%	1%	2%	11%	85%
2019	0%	1%	3%	14%	82%
2020	0%	1%	4%	17%	78%
2021	0%	1%	2%	14%	83%
2022	0%	1%	2%	19%	78%
Média	0%	1%	2%	15%	81%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

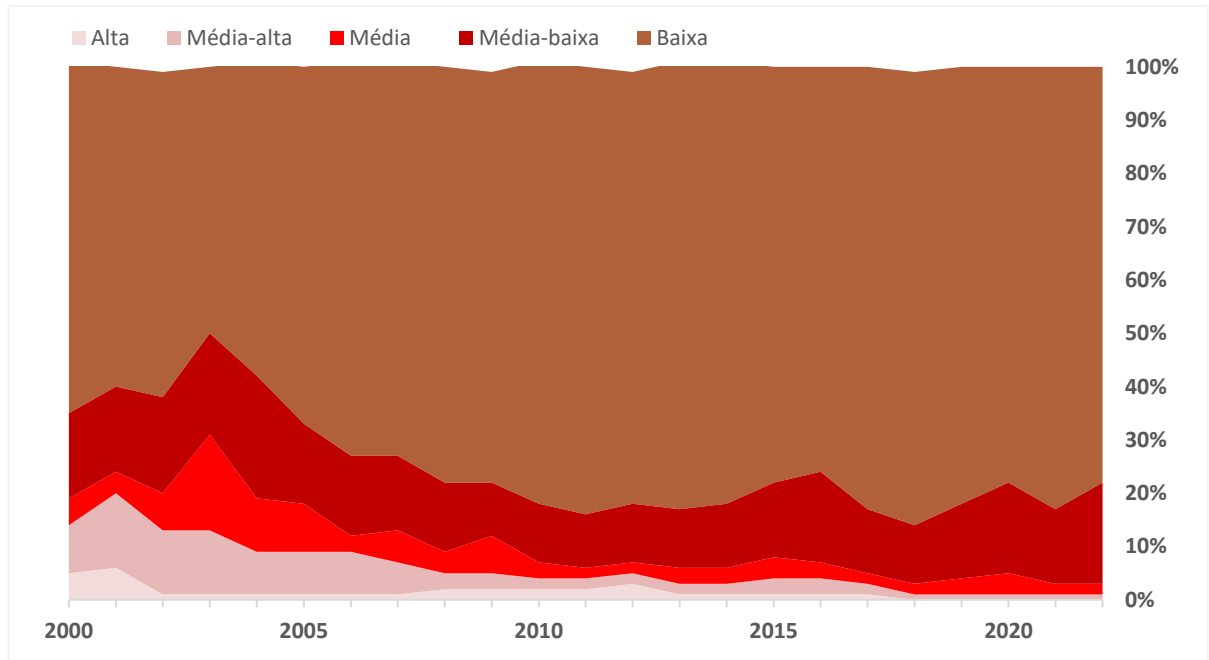
Com base no período de 2000 a 2023, é possível sintetizar por meio das Figuras 22 e 23, o que foi tratado nesses dois subcapítulos. De maneira geral, acompanhando os movimentos de transição da política externa comercial brasileira, os Estados Unidos têm um histórico de importação de produtos com diferentes intensidades tecnológica. Por outro lado, nota-se um foco da China em exportações de baixa tecnologia, sendo essas, principalmente produtos básicos e commodities.

Figura 22 - Exportações brasileiras de produtos manufaturados para os Estados Unidos classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, (%) relativa sobre o valor total entre 2000 e 2022



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

Figura 23 - Exportações brasileiras de produtos manufaturados para a China classificadas de acordo com a intensidade tecnológica, (%) relativa sobre o valor total entre 2000 e 2022

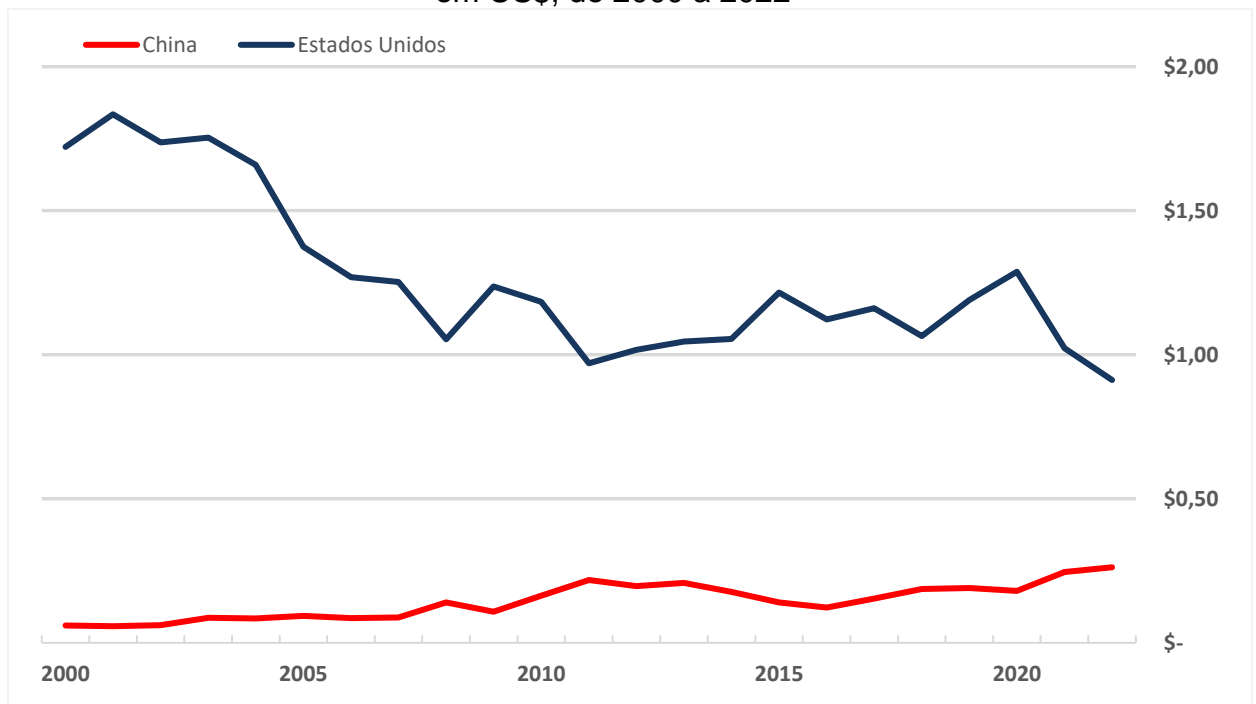


Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

Por fim, a Figura 24 mostra o comparativo do valor quilograma líquido exportado para os Estados Unidos e a China entre 2000 e 2022. Os resultados são

diferentes para ambos os países, já que para a China, como exposto anteriormente, são exportados produtos com menor valor agregado, sendo que o valor do quilo líquido em 2000 era 0,06 dólares e em 2022 foi de US\$0,26. Já para os EUA, o valor do quilo líquido em 2000 era US\$1,72 e em 2022 foi de US\$0,91, indo em alinhamento com as observações previamente expostas neste estudo.

Figura 24 - Valor do quilograma líquido exportado para os Estados Unidos e a China em US\$, de 2000 a 2022



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat e da OCDE (2023).

4.5 PRINCIPAIS PRODUTOS BRASILEIROS EXPORTADOS CLASSIFICADOS DE ACORDO COM A NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL

De modo a atender os objetivos desta pesquisa, foi realizado uma coleta de dados referentes aos principais produtos exportados pelo Brasil de acordo com sua classificação NCM, bem como para os Estados Unidos e para a China.

Com base nos dados expostos na Tabela 33, verifica-se que os principais produtos exportados pelo Brasil em 2018 foram a soja, óleos brutos de petróleo ou minerais betuminosos, crus e minério de ferro e seus concentrados. Estes mesmos itens continuaram sendo o foco da pauta exportadora brasileira em 2022, com um crescimento no valor exportado de mais de 20%. De toda forma, ao analisar os outros

06 principais produtos, conclui-se que houve diferenças notáveis ao comparar o ano de 2018 com 2022. A primeira mudança foi a redução no *ranking* da celulose de 4º para 6º lugar, com uma redução de 4% no valor total exportado, além disso, os veículos automóveis de passageiros caíram da 5ª para a 12ª posição, com uma redução de 37%. Por fim, enfatiza-se que a exportação de motores e máquinas não elétricos reduziu seu valor em 88% durante o período citado, saindo da 9ª para a 75ª posição.

Tabela 33 - Principais produtos exportados pelo Brasil em 2018 e suas evoluções em 2022, classificados de acordo com a NCM (em bilhões de US\$)

2018			2022		
Posição	Produtos classificados pela NCM	Valor	Valor	Variação (%)	Posição
1	Soja	\$29,20	\$35,83	23%	1
2	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	\$22,74	\$33,75	48%	2
3	Minério de ferro e seus concentrados	\$14,43	\$21,41	48%	3
4	Celulose	\$6,07	\$5,84	-4%	6
5	Veículos automóveis de passageiros	\$4,39	\$2,78	-37%	12
6	Produtos semiacabados, lingotes de ferro ou aço*	\$3,62	\$5,39	49%	7
7	Aeronaves e outros equipamentos*	\$3,01	\$2,52	-16%	15
8	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos*	\$2,70	\$5,14	90%	8
9	Motores e máquinas não elétricos*	\$2,33	\$0,27	-88%	75
10	Farelos de soja e outros alimentos para animais*	\$2,23	\$2,21	-1%	17

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

No que tange aos 10 principais produtos exportados pelo Brasil em 2022, verifica-se que a carne bovina fresca, refrigerada ou congelada se tornou o 4º produto brasileiro com maior valor exportado em 2022, aumentando em 310% o seu montante em comparação ao ano de 2018 e subindo 7 posições no *ranking*. Além disso, os óleos combustíveis de petróleo ou de mineiras betuminosos (exceto óleos brutos), subiu 11 posições no *ranking* e aumentou mais de 360% seu valor exportado em apenas 4 anos. Concluindo esta análise, percebe-se que o milho não moído, exceto milho doce, teve um crescimento expressivo, sendo o 9º principal produto na pauta exportadora brasileira no ano de 2022, com um valor exportado de US\$3,78 bilhões de dólares, um aumento de 565%.

Tabela 34 - Principais produtos exportados pelo Brasil em 2022 e suas comparações a 2018, classificados de acordo com a NCM (em bilhões de US\$)

2018			2022		
Posição	Produtos classificados pela NCM	Valor	Valor	Variação	Posição
1	Soja	\$29,20	\$35,83	23%	1
2	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	\$22,74	\$33,75	48%	2
3	Minério de ferro e seus concentrados	\$14,43	\$21,41	48%	3
11	Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	\$2,23	\$9,13	310%	4
16	Óleos combustíveis de petróleo*	\$1,72	\$8,07	369%	5
4	Celulose	\$6,07	\$5,84	-4%	6
6	Produtos semiacabados, lingotes de ferro ou aço*	\$3,62	\$5,39	49%	7
8	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos	\$2,70	\$5,14	90%	8
35	Milho não moído, exceto milho doce	\$0,57	\$3,78	565%	9
14	Carnes de aves e suas miudezas comestíveis*	\$2,04	\$3,47	70%	10

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023)

Em relação ao panorama de exportação para os Estados Unidos, verifica-se por meio da Tabela 35 e 36 que não houve uma grande transformação nos principais produtos exportados pelo Brasil após o início da disputa comercial. No período em curso do conflito, os itens mais exportados foram óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, produtos semiacabados, lingotes de ferro ou aço e aeronaves e outros equipamentos. De toda forma, pode-se observar uma crescente no valor de exportação de produtos provenientes de ferro, que saíram do 10º lugar com um valor aproximado de 610 milhões de dólares em 2018 para o 4º lugar em 2022, com um valor de 1,98 bilhões de dólares. Ainda assim, enfatiza-se a saída de motores e máquinas não elétricos dos principais produtos exportados pelo Brasil, que em 2018 estava em 4º lugar e em 2022 não compareceu ao *ranking*.

Tabela 35 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos em 2018, em bilhões de US\$

2018		
Posição	Produtos classificados pela NCM	Valor
1	Produtos semiacabados, lingotes de ferro ou aço*	\$ 3,13
2	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	\$ 3,03
3	Aeronaves e outros equipamentos*	\$ 2,24
4	Motores e máquinas não elétricos*	\$ 1,98
5	Instalações e equipamentos de engenharia civil*	\$ 1,12
6	Celulose	\$ 1,03
7	Café não torrado	\$ 0,77
8	Óleos combustíveis de petróleo*	\$ 0,72
9	Sucos de frutas ou de vegetais*	\$ 0,61
10	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos*	\$ 0,61

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

Tabela 36 - Exportações brasileiras para os Estados Unidos em 2022, em bilhões de US\$

2022		
Posição	Produtos	Valor
1	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	\$ 5,06
2	Produtos semiacabados, lingotes de ferro ou aço*	\$ 4,51
3	Aeronaves e outros equipamentos*	\$ 2,16
4	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos*	\$ 1,98
5	Café não torrado	\$ 1,10
6	Instalações e equipamentos de engenharia civil*	\$ 1,18
7	Celulose	\$ 1,17
8	Madeira, parcialmente trabalhada e dormentes de madeira	\$ 1,11
9	Cal, cimento e materiais de construção fabricada*	\$ 0,74
10	Sucos de frutas ou de vegetais	\$ 0,67

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

Com base nas Tabelas 37 e 38, é possível observar que produtos exportados pelo Brasil para a China são diferentes em relação aos Estados Unidos. Como observado na seção que compara as exportações de acordo com a CUCI, verifica-se novamente que os principais produtos importados pela China são *commodities*. Além disso, é possível identificar uma maior concentração de importação em um menor número de itens, que juntos representam mais do que a metade de todas as exportações brasileiras para a China.

Tabela 37 - Exportações brasileiras para a China em 2018, em bilhões de US\$

2018		
Posição	Produtos	Valor
1	Soja	63,93
2	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	27,23
3	Minério de ferro e seus concentrados	14,39
4	Celulose	10,93
5	Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	3,48
6	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos	1,49
7	Carnes de aves e suas miudezas comestíveis*	0,91
8	Algodão em bruto	0,79
9	Couro	0,52
10	Carne suína fresca, refrigerada ou congelada	0,37

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

Enfatiza-se que não houve mudanças factíveis nos principais produtos brasileiros exportados para a China, classificados de acordo com sua NCM, após a vigência da guerra comercial. De toda forma, é possível observar uma elevação crescente no valor das exportações, principalmente da soja, que em 2018 foi de

US\$63 bilhões para US\$89 em 2023, um aumento de 41%. Por fim, nota-se apenas uma diferença nos principais produtos exportados em comparação ao período anterior, que foi a substituição do couro, que ocupava a 9ª posição em 2018 e não apareceu entre os 10 principais em 2022, por outro lado, açúcares e melaços apareceu na 6ª posição em 2022, ganhando mais de 05 posições.

Tabela 38 - Exportações brasileiras para a China em 2022, em bilhões de US\$

2022		
Posição	Produtos	Valor
1	Soja	89,42
2	Minério de ferro e seus concentrados	31,78
3	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos*	18,19
4	Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	16,52
5	Celulose	7,95
6	Açúcares e melaços	3,32
7	Ferro-gusa, ferro-esponja, grânulos	1,69
8	Carnes de aves e suas miudezas comestíveis*	1,43
9	Algodão em bruto	1,34
10	Carne suína fresca, refrigerada ou congelada	1,08

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Comex Stat (2023).

5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta seção, busca-se examinar as potenciais implicações da guerra comercial entre Estados Unidos e China nas exportações brasileiras, com base no objetivo geral e específicos deste estudo. Esta análise está baseada na coleta de dados secundários, na pesquisa bibliográfica desenvolvida no referencial teórico, e em uma análise estatística, de forma a oferecer uma visão crítica e fundamentada das mudanças observadas na pauta exportadora brasileira durante a vigência do conflito comercial.

Em um primeiro momento, é possível observar diversos fatores que podem ter contribuído com o início da disputa comercial. Complementando os pensamentos de Moosa (2020) e Kapustina et al. (2020), a análise de dados realizadas no capítulo anterior mostra que o déficit comercial dos Estados Unidos com a China cresceu de US\$83,8 bilhões em 2000 para US\$418,2 bilhões em 2018, trazendo fortes indícios que este pode ser um dos principais motivos para o início da guerra comercial, como exposto pelo presidente da época, Donald Trump, ao perceber declínio de industrialização local. Além disso, Mishra (2020) traz argumentos que a participação da China na economia internacional foi outro fator contribuinte para o início deste conflito, o que é comprovado por meio da análise das tabelas de exportação entre Brasil e China e a participação chinesa no mercado brasileiro. Por fim, outra possível causa foi o aumento no número de importações dos Estados Unidos de produtos com alta intensidade tecnológica provenientes da China, muitos destes, de empresas americanas que investiram em fábricas no país ou cederam licenças para a redução da mão de obra.

De forma geral, as exportações brasileiras tiveram uma mudança no seu principal destino, substituindo os Estados Unidos, que era o principal parceiro comercial no início da década de 2000 pela China, que desde 2009, vem representando praticamente 1/3 de todas as exportações brasileiras. Os Estados Unidos, que mantinham esse posto no início da década de 2000, viram sua participação média cair para 12% no período atual, porém, continuam sendo um parceiro comercial extremamente crucial e relevante para o país.

Abordando a evolução das exportações brasileiras após o início da disputa comercial, foi possível observar que o Brasil diversificou sua oferta de produtos, com ênfase nas exportações de *commodities*, como a soja, óleos brutos de petróleo ou

minerais betuminosos e minérios de ferro. Esses produtos demonstraram um crescimento notável, com um aumento no valor exportado em mais de 20% entre 2018 e 2022, o que pode sugerir um alinhamento com os pensamentos de Panzini (2019), ao afirmar que o Brasil poderia se aproveitar de um aumento na produção agrícola no curto-prazo, principalmente com relação ao comércio internacional brasileiro com a China.

Ainda segundo Panzini (2019), com a disputa comercial em vigência, o Brasil poderia aumentar as exportações de produtos manufaturados para os Estados Unidos. Tais afirmações alinham-se plenamente à análise exposta pelos produtos exportados pelo Brasil classificados de acordo com a Classificação Uniforme para o Comércio Internacional, a qual pode concluir que o Brasil aumentou em 8 pontos percentuais a exportação de produtos manufaturados entre 2018 e 2022.

A análise feita por Fariza e Santirso (2023) comenta que o Brasil poderia tomar vantagem da guerra comercial no setor agropecuário, visto que a China aplicou tarifas em produtos desse setor provenientes dos EUA. Desta maneira, as análises deste estudo estão alinhadas com tais afirmações, visto que foi analisado que exportações de soja para a China aumentaram em mais de US\$20 bilhões entre 2018 e 2022. Além disso, a exportação de carne bovina fresca, refrigerada ou congelada com destino a China cresceu de US\$3.467 bilhões em 2018 para US\$16.525 bilhões em 2022.

Por fim, apesar das conclusões desta pesquisa estarem fundamentadas de acordo com dados estatísticos e em alinhamento com o pensamento de diferentes autores, é importante ressaltar que a identificação das mudanças da pauta exportadora brasileira pós vigência da disputa comercial pode ser complementária a outros estudos, visto que não se pode concluir que as mudanças observadas foram somente consequência deste conflito, principalmente porque no período exposto, ocorreram grandes mudanças no ordenamento do comércio internacional, bem como o início de outros eventos importantes, como por exemplo a pandemia do Coronavírus, sobre a qual ainda não é possível mensurar todo o impacto econômico causado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, que teve início em março de 2018, representa um conflito que tem impactado substancialmente as estruturas de comércio internacional. No entanto, é importante salientar que essa disputa transcende a mera guerra comercial, assumindo a configuração de um conflito de interesses políticos que envolve uma série de atores. Desde o início deste embate, ambos países impuseram diversas tarifas em uma série de produtos, com o objetivo de prejudicar o comércio internacional de cada país. Como consequência disso, acabaram provocando uma ampla reconfiguração das estruturas de negócios internacionais, que se estende a outros países, incluindo o Brasil.

Com o objetivo de identificar as principais transformações na pauta exportadora brasileira durante a vigência da guerra comercial, o presente estudo se fundamentou em uma coleta de dados secundários, os quais foram posteriormente representados por meio de gráficos e tabelas, visando uma análise aprofundada e uma discussão fundamentada dos resultados obtidos.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa consistiu em examinar a evolução das relações comerciais entre os Estados Unidos e a China. Para isso, foram abordados eventos históricos e diplomáticos que marcaram a trajetória desses dois países. Adicionalmente, foi realizada uma análise detalhada dos principais produtos comercializados entre as duas nações, bem como o saldo da balança comercial norte-americana em relação à China ao longo do tempo. Tais análises demonstraram que a China se consolidou como o principal destino das exportações brasileiras, superando os Estados Unidos, que era o líder nesse quesito até 2009, porém, este ainda continua sendo um parceiro extremamente relevante para o país, com cerca de 11% de participação sobre as exportações brasileiras. Essas informações foram de grande relevância para o desenvolvimento dos objetivos subsequentes deste estudo, uma vez que proporcionaram uma visão abrangente do cenário macroeconômico dos dois atores que iniciaram a disputa comercial.

Os demais objetivos específicos, recorrem principalmente sobre identificar e abordar a evolução do setor exportador brasileiro antes e após o início da disputa comercial, focalizando principalmente no comércio com os Estados Unidos e a China. Para a realização dessa proposta, foi feita uma análise detalhada das principais categorias de exportação brasileira, com base na Classificação Uniforme para o

Comércio Internacional (CUICI), em diferentes períodos. Além disso, por meio dos dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Comex Stat (2023), foi possível observar as nuances nas exportações brasileiras de produtos manufaturados, classificadas de acordo com o nível de intensidade tecnológica. Por essa análise, foi possível verificar que os Estados Unidos importam produtos com maior valor agregado e com uma maior intensidade tecnológica em relação a China, que tem o foco em produtos de média-baixa e baixa tecnologia. Por fim, realizou-se uma análise comparativa entre os principais produtos brasileiros exportados no ano de início da disputa comercial, bem como ao final do período de 2022.

Com base no referencial teórico deste estudo e na coleta de dados secundários, pode-se observar algumas mudanças importantes na pauta exportadora brasileira após a vigência da disputa comercial, tais como uma consolidação ainda maior da China como o principal parceiro comercial do Brasil, uma diversificação da oferta de produtos brasileiros para ambos os países, porém, ainda com um foco muito grande no setor de *commodities*, além de um crescimento na exportação de produtos manufaturados para os Estados Unidos, o que pode ser diretamente relacionado as tarifas impostas entre a China e os EUA no período.

6.1 IMPLICAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

No que se refere às implicações práticas e acadêmicas deste estudo, a pesquisa se propôs a articular e aprofundar a compreensão de diversos aspectos referentes à disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, com foco nas implicações na pauta exportadora brasileira durante o curso desse conflito. Esta pesquisa apresenta contribuições para o campo acadêmico, sobretudo no que diz respeito a temas como geopolítica, interdependência economia e políticas de comércio internacional, ao explorar as mudanças econômicas no cenário exportador brasileiro com relação ao conflito comercial das duas maiores economias do mundo.

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na coleta e transformação de dados secundários, traduzindo-se em algumas limitações. Uma das primeiras delimitações é a ausência de entrevistas com os segmentos afetados pela disputa comercial. Além disso, os resultados deste trabalho são baseados na análise do cenário macroeconômico, sem uma exploração dos diversos aspectos

políticos, econômicos e sociais que podem influenciar a dinâmica da pauta exportadora brasileira. Por fim, outra limitação reside na perspectiva limitada do estudo, que se restringe à análise do impacto nas exportações brasileiras, sem considerar a perspectiva das importações.

Frente às limitações expostas, sugere-se que estudos futuros adotem a abordagem de entrevistas com entidades governamentais, órgãos de fomento e apoio ao comércio exterior e profissionais diretamente envolvidos nesse âmbito, a fim de aprofundar as questões que não foram abordadas no presente estudo. Adicionalmente, recomenda-se que futuras pesquisas se concentrem em estudos de caso específicos, voltando-se para empresas ou setores particulares, detalhando as mudanças em seu desempenho e presença internacional. Além do exposto, futuras investigações podem direcionar-se a estudos que considerem outras variáveis macroeconômicas, tais como: políticas tributárias, perfil dos mercados internos, efeitos da pandemia e variação cambial.

REFERÊNCIAS

LI, Minghao *et al.* **The U.S.–China trade war: Tariff data and general equilibrium analysis.** Journal of Asian Economics. 2020. Disponível em: https://www2.econ.iastate.edu/faculty/balistreri/Papers/crts_trade_war.pdf Acesso em 16 abr. 2023.

CARVALHO, Cecília. **As Relações Econômicas entre China e EUA: Resgate Histórico e Implicações.** Revista do BNDES, 2009.

CHUN-SONG, Tang. **The Domestic Studies of the Reasons for the Slowness of Normalization of Sino-US Relations.** Social Sciences Perspectives in Higher Education, 2009.

WANG, Yutong. **A Moment in the History of Realpolitik Diplomacy in the Light of the 1972 Shanghai Communique** -- Factors from China's and US's Perspectives that Led to the Sino-US Rapprochement in the 1970s. BCP Education & Psychology, [S.l.], p. 78-85, 21 mar. 2022.

ALESSANDRIA, George A. *et al.* **TRADE-POLICY DYNAMICS: EVIDENCE FROM 60 YEARS OF U.S.-CHINA TRADE.** NBER WORKING PAPER SERIES, [S. l.], p. 1-64, 10 ago. 2021.

CHEN, Edward I-hsin. **U.S.-China Trade Relations and Economic Distrust.** The Chinese Economy, [S.l.], 5 dez. 2014.

CHINA in Focus: Lessons and Challenges. [S. l.], 5 jan. 2012. Disponível em: <http://www.oecdchina.org/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

RUMBAUGH, Thomas; BLANCHER, Nicolas. **China: International Trade and WTO Accession** IMF Working Paper, [S. l.], 4 mar. 2004.

CHINA Exports 1960-2023. [S. l.], 23 abr. 2023. Disponível em: <https://www.macrotrends.net/countries/CHN/china/exports>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MAVROIDIS, Petros C. Mavroidis; SAPIR, Andre Sapir. **China and the WTO.** Princeton University Press 2021, [S. l.], 28 fev. 2021.

World Bank Group and World Trade Organization, 2015. **The Role of Trade in Ending Poverty.** World Trade Organization: Geneva

AGARWAL, James; WU, Terry. **China's entry to WTO: global marketing issues, impact, and implications for China.** International Marketing Review, [S. l.], 30 abr. 2003.

MELTZER, Joshua P; SHENAI, Neena. **The US-China economic relationship.** Global Economy and Development at Brookings, [S. l.], 28 fev. 2019.

SCHWAB, Susan C. **Susan C. Schwab**. Strategic Advisor, 2023. Disponível em: <https://www.mayerbrown.com/en/people/s/schwab-susan-c?tab=overview>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PRINCÍPIOS. [S. l.], 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/negociacoes-internacionais/omc-organizacao-mundial-do-comercio/omc-principios>. Acesso em: 23 abr. 2023.

BOWN, C. P. et al. **“The U.S. trade deficit: made in China?”**. Economic Perspectives, Federal Reserve Bank of Chicago, 2006.

MALAWER, Stuart S. **United States-China WTO Litigation** (2001–2010). INTERNATIONAL PRACTICE, [S. l.], 31 dez. 2010.

MELATOS, Mark *et al.* **Who Wins a Trade War?**. Australian Research Council, [S. l.], 31 dez. 2017.

MATTOO, Aaditya; STAIGER, Robert W. **TRADE WARS: WHAT DO THEY MEAN? WHY ARE THEY HAPPENING NOW? WHAT ARE THE COSTS?**. NATIONAL BUREAU OF ECONOMIC RESEARCH, [S. l.], 30 abr. 2019.

MOOSA, Nisreen. **The origin of the US-China trade war**. Applied Economics, [S. l.], 27 jan. 2020.

DONALD Trump. [S. l.], 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/donald-j-trump/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

US-CHINA Trade War: Causes and Outcomes. [S. l.], 31 dez. 2020. SHS Web of Conferences 73, 010 (2020).

MISHRA, Ram Kumar. **Global Trade and Customs Journal**. Holanda: Kluwer Law, 2020.

STEINBOCK, Dan. **U.S.-China Trade War and Its Global Impact**. World Century Publishing Corporation and Shanghai Institutes for International Studies China, [s. l.], 29 dez. 2018.

HTTPS://WWW.CENSUS.GOV/.BR [S. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.census.gov/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KOSTAL, Peter; VELISEK, Karol. **Flexible Manufacturing System**. World Academy of Science, Engineering and Technology International Journal of Industrial and Manufacturing Engineering, [S. l.], 31 dez. 2011. _____

YERS, Rod; ZHOU, Yixiao. **The US-China Trade Dispute: A Macro Perspective**. Centre for Applied Macroeconomic Analysis (CAMA), [S. l.], 30 jan. 2021.

ITAKURA, Ken. **Evaluating the Impact of the US-China Trade War**. Asian Economic Policy Review, [S. l.], p. 77-93, 31 dez. 2020.

MUHAMMAD, Andrew; SMITH, Aaron S. **The U.S.-China Phase One Trade Agreement**: Implications for U.S. Agriculture. AgEcon Search, [S. l.], 31 dez. 2020.

TRIPOLI, A. C. K.; PRATES, C. R. **Comércio internacional: teoria e prática**. Curitiba, Intersaberes, 1ª ed., 2016.

CAVUSGIL, S. T.; KNIGHT, G.; RIESENBERGER, J. R. **Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades**. São Paulo, Pearson, 2010.

CZINKOTA, Michael R. Export Promotion: **A Framework for Finding Opportunity in Change**. Thunderbird International Business Review, V, [S. l.], 29 jun. 2002.

MARCONDE, Renato Leite. **O mercado brasileiro do século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem**. Revista de Economia Política, [s. l.], 31 mar. 2012.

BIDEN Escalates The Economic War With China. [S. l.], 25 dez. 2022. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/miltonezrati/2022/12/25/biden-escalates-the-economic-war-with-china/?sh=7833e6ce12f3>. Acesso em: 30 abr. 2023

[1] MENEZES, Albene Miriam F. et al. **20 Anos da SECEX e 200 Anos de Comércio Exterior**. 1ª edição. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior-MDIC, 2010.

CUNHA, George Henrique de Moura. **A Industrialização Brasileira entre 1900 e 1930 em uma perspectiva histórica**. [S. l.], 10 maio 2017.

FAUSTO, Boris (Dir.). **História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano**. V.8,3: Estrutura de poder e economia. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

CAVALCANTI, Marco; RIBEIRO, Fernando. **AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO 1977/96: DESEMPENHO E DETERMINANTES***. IPEA, [S. l.], 31 dez. 1998.

MIRANDA, José Carlos. **Abertura Comercial, Reestruturação Industrial e Exportações Brasileiras na Década de 1990**. IPEA, [S. l.], 31 out. 2001.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **Trade and development report 2014**. Geneva: United Nations, 2014.

UN COMTRADE DATABASE. [S. l.], 1 maio 2023. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=ALL&Partners=0&Reporters=76&period=2000&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus>. Acesso em: 1 maio 2023.

FLIGENSPAN, Flávio Benevett. **As exportações do Brasil nos anos 2000: evolução, market share e padrões de especialização a partir de distintas e padrões**

de especialização a partir de distintas agregações setoriais. Fundação de Economia e Estatística - SEPLAG, [S. l.], 31 jul. 2015.

COMEX Stat. [S. l.], 1 maio 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 1 maio 2023.

BACEN. [S. l.], 1 maio 2023. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/boletimregional/202108/br202108b4p.pdf>. Acesso em: 1 maio 2023.

LIMA, Uallace Moreira. **AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2000-2014.** IPEA, [s. l.], 31 dez. 2019.

IGEVANI, T. **Relações Brasil-Estados Unidos.** Brasília: Cepal; Ipea, 2011. (Texto para Discussão Cepal-Ipea, n. 30).

OLIVEIRA, Bruna Mendonça. **Comércio bilateral Brasil-EUA: uma análise da composição setorial das pautas de exportações e importações de 2000 a 2019.** Revista Pesquisa e Debate, [S. l.], 31 dez. 2021.

MOREIRA, D. S. O. **As semelhanças entre os governos Temer e Bolsonaro na Política Externa (2016-2019).** Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, v. 9, 2020.

NAKABASHI, L.; CRUZ, M. J. V.; SCATOLIN, F. D. **Efeitos do Câmbio e Juros sobre as Exportações da Indústria Brasileira.** R. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 433- 461, set./dez. 2008.

APEX-BRASIL. **As Exportações Brasileiras e os Ciclos de Commodities: tendências recentes e perspectivas.** Conjuntura e Estratégia. Julho. 2011

CENSUS, Us. **Trade in Goods with World, Seasonally Adjusted.** 2023. Disponível em: <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/c0004.html#1990>. Acesso em: 05 ago. 2023

NEVES, José Luis. **PESQUISA QUALITATIVA – CARACTERÍSTICAS, USOS E POSSIBILIDADES.** 1996. 5 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração de Empresas, Fea Usp, São Paulo, 1996.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 24. Ed. São Paulo:

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2z0A3cc6oUEC&pg=PA13&dq=pesquisa+bibliogr%C3%A1fica&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKewjkuurozuTsAhVXJrkGHcgXA3QQ6>

AEwAHoECAYQAg#v=onepage&q=pesquisa%20bibliogr%C3%A1fica&f=false.
Acesso em: 12 junho. 2023

PATINO, Cecília Maria; FERREIRA, Juliana Carvalho. **Crítérios de inclusão e exclusão em estudos de pesquisa:** definições e por que eles importam. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, São Paulo, v. 44, ed. 2, Março - Abril 2018. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180637132018000200084&lng=ptnrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18 junho 2023.

CERVO, Amado L; A BERVIAN, Pedro; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

TEIXEIRA, E. B. **A Análise de Dados na pesquisa Científica:** importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 177–201, 2011. DOI: 10.21527/2237-6453.2003.2.177-201. Disponível em:
<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MERRIAN, S. B. **Qualitative research and case study applications in education San Francisco** (CA): Jossey-Bass, 1988.

CENSUS, Us. United States Census. Disponível em:
<https://usatrade.census.gov/index.php?do=login>. Acesso em: 14 out. 2023.

PANZINI, Fabrizio. **Guerra comercial EUA x China:** como disputa pode atingir em cheio o Brasil. Disponível em:
<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/23/guerra-comercial-eua-x-china-como-disputa-pode-atingir-em-cheio-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

FARIZA, Ignacio; SANTIRSO, Jaime. **Agronegócio brasileiro, um dos possíveis beneficiados pela guerra comercial entre EUA e China**. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/30/economia/1559234532_007334.html. Acesso em: 21 out. 2023.

BARROS, Pedro Silva *et al.* **Integração Econômica Bilateral Argentina-Brasil: reconstruindo pontes**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021.

FREITAS, Rogério Edivaldo. **EXPORTAÇÕES AGROPECUÁRIAS BRASILEIRAS NOS GRANDES MERCADOS**. Brasília: Creative Commons Atribuição 2.5 Brasil., 2020.

LIMA, Uallace Moreira. **AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2000-2014**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.